

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Ana Paula Craveiro Prado

Compreensão fenomenológica de um programa de promoção de saúde
mental: o Grupo Comunitário de Saúde Mental

Ribeirão Preto

2022

ANA PAULA CRAVEIRO PRADO

Compreensão fenomenológica de um programa de promoção de saúde
mental: o Grupo Comunitário de Saúde Mental

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da
Universidade de São Paulo para obtenção do título
de Doutora em Ciências. Programa: Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia em Saúde e
Desenvolvimento.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia Cardoso

Apoio: Processo nº 2019/04494-4, Fundação de
Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
(FAPESP) e Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Ribeirão Preto

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Prado, Ana Paula Craveiro

Compreensão fenomenológica de um programa de promoção de saúde mental:
o Grupo Comunitário de Saúde Mental. Ribeirão Preto, 2022.

175 p. : il. ; 30 cm

Tese de Doutorado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.

Orientador: Cardoso, Carmen Lúcia.

1. Saúde Mental. 2. Grupos. 3. Grupo Comunitário de Saúde Mental. 4.
Fenomenologia

Nome: Prado, Ana Paula Craveiro

Título: Compreensão fenomenológica de um programa de promoção de saúde mental: o Grupo Comunitário de Saúde Mental

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Ciências. Programa: Psicologia, Área de Concentração: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.

Apoio: Processo nº 2019/04494-4, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)



Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP e da CAPES.

Aos meus pais, Eleni e Demerval, pelo amor infinito que as palavras não alcançam.

Agradecimentos

Ao meu pai, Demerval, por sempre me oferecer um espaço de segurança, proteção e esperança em relação à vida e por generosamente me nutrir com tanto afeto.

À minha mãe, Eleni, por me inspirar a viver a vida com entusiasmo, beleza e sempre com flores, pelo cuidado maternal comigo e com os vários momentos da minha vida.

Ao Pedro, por sua companhia amorosa, generosa e acolhedora, por aceitar cotidianamente viver comigo uma vida que seja nossa.

À Carol, minha irmã, minha primeira grande amiga, com quem aprendo que compartilhar é somar.

Aos meus avós, Demerval, Thereza, Irak e Regina, pelas histórias que me permitem estar aqui.

À Sônia, quem me mostra, por meio de seus gestos de cuidado, a potência da generosidade.

À Fátima, por sua vitalidade e disponibilidade ao outro que sempre me inspiram.

À Luiza, minha prima querida, que me permite vivenciar com ela as alegrias de sua infância e de seu desenvolvimento.

À Olga e ao Márcio, pelo apoio cuidadoso, pela torcida e pela companhia durante a realização deste trabalho.

À Prof^ª. Dr^ª. Carmen Lúcia Cardoso, pela orientação, parceria e amizade, e pelo encontro que transcende este trabalho e se estende para a vida.

Ao Prof. Dr. Sergio Ishara, pela amizade e pela confiança em meu trabalho com o Grupo Comunitário de Saúde Mental.

À Prof^ª. Dr^ª. Angela Ales Bello, pela acolhida em Roma para a realização de meu estágio de pesquisa e pelo conhecimento generosamente partilhado.

À Prof^ª. Dr^ª. Rita Martins Godoy Rocha Raddi, ao Prof. Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira, à Prof^ª. Dr^ª. Karin Casarini e à Prof^ª. Dr^ª. Nara Helena Lopes Pereira da Silva, por compartilharem comigo seus olhares sobre a Fenomenologia Clássica, que ampliaram o meu.

À Prof^ª. Dr^ª. Katia de Souza Amorim, ao Prof. Dr. Achilles Gonçalves Coelho Júnior, à Prof^ª. Dr^ª. Suzana Filizola Brasiliense Carneiro, pela leitura, sugestões e críticas imprescindíveis para o desenvolvimento do trabalho.

À Prof^ª. Dr^ª. Erika Tiemi Kato Okino, pelo cuidado atencioso comigo e com a minha carreira, antes mesmo da Psicologia.

À Prof^ª. Dr^ª. Lícia Barcelos de Souza, pela disponibilidade em contribuir com o trabalho em tantos momentos no percurso.

À Prof^ª. Dr^ª. Lucy Leal Melo-Silva, pelo apoio em relação ao estudo e à minha carreira.

Aos meus amigos e amigas, que me acompanham em diferentes momentos da vida, por trazerem leveza e por sempre fazerem nascer o desejo de estarmos por perto.

Às amigas Júlia, Lara, Lívia, Marília, Mara e Nathália, por compartilharem comigo os caminhos do cuidado psicológico, de forma disponível e afetiva.

Aos amigos do LaProSUS, por partilharem o percurso de formação em pesquisa, pelas leituras e sugestões atentas ao meu trabalho.

À Angela Kaline Mazer, por me encorajar com a sua presença a acolher igualmente o que se conhece e o que não se conhece.

À Eliane Andrade e à Renata Assoni, pelo cuidado amoroso com as minhas experiências de vida.

Ao Grupo Comunitário de Saúde Mental e a seus participantes, que acolhem a mim ao acolher as experiências do meu dia a dia que me são valiosas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto e seus colaboradores, por me propiciarem um espaço e os recursos para a minha formação como pesquisadora.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela concessão de bolsa e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa, durante o seu início.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pela concessão da bolsa de doutorado direto e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

“Carrego meus primórdios num andor,
minha voz tem vício das fontes.
Eu queria avançar para o começo.
Chegar ao criancamento das palavras.
Lá onde elas ainda urinam nas pernas.
Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos.
Quando a criança garatuja o verbo para falar o que não tem.
Pegar no estame do som.
Ser a voz de um lagarto escurecido.
Abrir um descortínio para o arcano”
(Barros, 2015, p. 98)

Resumo

Prado, A. P. C. (2022). *Compreensão fenomenológica de um programa de promoção de saúde mental: o Grupo Comunitário de Saúde Mental* (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

O Grupo Comunitário de Saúde Mental (GCSM), desenvolvido desde 1997, configura-se como uma modalidade aberta de promoção e de cuidado à saúde mental, que se efetiva por meio de um trabalho grupal de atenção e de elaboração das experiências vividas pelos participantes no cotidiano. Este estudo teve como objetivo compreender o Grupo Comunitário de Saúde Mental, por meio de análise das sessões grupais, fundamentada pela Fenomenologia Clássica. Buscou-se, mais especificamente, compreender os elementos presentes nas sessões que dão sustentação à atividade proposta, o processo grupal e o potencial terapêutico da prática. Para tal, foi adotada abordagem qualitativa em pesquisa, a partir da fundamentação epistemológica e metodológica da Fenomenologia Clássica. O corpus da pesquisa foi composto por seis sessões grupais, gravadas em áudio e transcritas na íntegra. Cada sessão foi analisada individualmente, buscando apreender a atualização da modalidade, conforme singularmente desvelada em cada uma delas. Em um segundo momento, a partir da análise do conjunto, em movimento de cruzamento intencional entre as sessões, delinearam-se duas unidades de sentido que abarcaram elementos essenciais e fundantes da modalidade. “A compreensão de ‘experiência’ no contexto do Grupo Comunitário de Saúde Mental” apreende a noção de “experiência” que inspira e motiva a atividade, conforme atualizada intersubjetivamente nas sessões. As experiências vividas se desvelaram como mobilizações de si mesmo a partir de um acontecimento, reconhecidas por via de um dispor-se atento ao cotidiano, que é favorecido pela atividade. A dimensão pré-reflexiva, sensível e afetiva das experiências fomentou o desenvolvimento das sessões no campo da experiência vivida, preservando o potencial vivencial das mesmas. O grupo promove o reconhecimento de sentidos ao vivido, favorecendo a ampliação das possibilidades de significação do mesmo, juntamente com a apreensão de si em ato. Desse modo, fomenta-se um conhecimento sobre si, sobre o outro e sobre a realidade investido subjetivamente. A unidade “A intersubjetividade no Grupo Comunitário de Saúde Mental” aborda o sentido da intersubjetividade constituída nas sessões grupais. No GCSM, os gestos de abertura da própria experiência ao outro, bem como de envolvimento com a experiência do outro, se configuraram como disponibilidades essenciais para a atualização do processo grupal e foram mediadas pela vivência empática compreendida fenomenologicamente. O ambiente intersubjetivo foi constituído a partir do coenvolvimento afetivo e pessoal entre os participantes e vivido pelo grupo em termos de proximidade, de intimidade e de pertença a uma vivência comunitária. As relações intersubjetivas assim configuradas amplificaram as possibilidades de reconhecimento e de elaboração das experiências vividas e compartilhadas, escopo da modalidade. Este estudo contribui com a prática e a literatura científica de grupos e de cuidado à saúde mental, a partir de um estudo empírico-fenomenológico, que apreende uma modalidade grupal a partir de seu próprio processo nas sessões grupais, possibilitando sua descrição e compreensão, aprofundadas pela interlocução com o corpo teórico-filosófico da Fenomenologia Clássica.

Palavras-Chave: Saúde Mental. Grupos. Grupo Comunitário de Saúde Mental. Fenomenologia.

Abstract

Prado, A. P. C. (2022). *Phenomenological comprehension of a mental health promotion program: the Community Mental Health Group*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

The Community Mental Health Group (CMHG), developed since 1997, is a mental health care group practice open to the community, which proposes a collective work of attention and reflexion on the participants' quotidian lived experiences. This study aimed to comprehend the Community Mental Health Group, throughout the group sessions analysis, inspired by the Classic Phenomenology. It aimed, more specifically, to comprehend the group sessions elements that sustain the activity, the group process and the practice's therapeutic potential. To do so, a qualitative research approach was used, based on the methodological and epistemological perspective offered by Classic Phenomenology. Six group sessions audio recorded and fully transcribed were analysed. Each session was analysed individually, aiming to apprehend the practice realization according to its particular presentation in each one of them. Secondly, after the sessions set's analysis and crossing among them, it was identified two meaning units that reunite essential elements of this group practice. "The comprehension of 'experience' within the Community Mental Health Group's context" embraces the understanding of "experience" that inspires and motivates the activity. The lived experiences were comprehended as mobilizations lived by the self, elicited by a lived happening, recognized through an attentive availability, stimulated by the activity. The pre-reflexive, sensitive and affective lived experiences' dimension fostered the sessions' development within the lived experience's scope, preserving its experiential potential. The group promotes the apprehension and acknowledgment of meanings within the lived experience, enlarging its meanings' possibilities, along with the apprehension of oneself in act. The group fosters a knowledge of oneself, the other and the reality, subjectively invested. The unity "The intersubjectivity within the Community Mental Health Group" deepens the meaning of the intersubjectivity constituted within the group sessions. The gestures of opening up its own experiences by telling them to the group, and of getting involved with the others' experiences were essential to the group process constitution and were mediated by empathy, as phenomenologically understood. The intersubjective ambience was constituted by the affectionate and personal co-involvement among group members and experienced by the group by means of proximity, intimacy and belonging to a community experience. These relations enlarged the lived experiences' meaning acknowledgment and elaboration, which is the modality's scope. This study contributes to the practice as well as to the scientific literature on groups and on mental health care, from a phenomenological empiric investigation, that apprehended a group intervention from its own group processes' perspectives, enabling its description and comprehension, deepened by the dialogue with the theoretical and philosophical perspective offered by Classical Phenomenology.

Keywords: Mental Health. Groups. Community Mental Health Group. Phenomenology.

Sumário

1. Apresentação	17
2. Introdução	23
2.1. Saúde Mental no Brasil e práticas grupais: Breve Retomada do Percurso Histórico	23
2.2. Grupo Comunitário de Saúde Mental (GCSM).....	30
2.2.1. GCSM: Percurso histórico e contexto atual	30
2.2.2. GCSM: descrição da atividade e aspectos teórico-metodológicos	32
2.3. A perspectiva Fenomenológica Clássica	34
3. Justificativa	51
4. Objetivos	53
5. Método	54
5.1. Considerações Éticas.....	54
5.2. Contexto do Estudo	55
5.3. Construção do Corpus	57
5.4. Análise do Corpus	58
6. Análise do Corpus	61
6.1. Unidades de Sentido.....	61
6.1.1. A compreensão de “experiência” no contexto do Grupo Comunitário de Saúde Mental ...	61
6.1.2. A intersubjetividade no Grupo Comunitário de Saúde Mental	88
7. Discussão	105
8. Considerações Finais	138
Referências	141
Apêndice A - Análise individual e processual de uma sessão do corpus (Sessão 1)	148
Anexo A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto	175

1. Apresentação

Durante a graduação em Psicologia, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), na Universidade de São Paulo (USP), conheci a Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia Cardoso, que me apresentou o Grupo Comunitário de Saúde Mental (GCSM), uma modalidade inovadora de cuidado e de promoção de saúde mental, desenvolvida há 24 anos, no Hospital-Dia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (HD-HC-FMRP-USP). Durante meses, integrei o grupo como “participante”, como alguém que vivia e se beneficiava da atividade de, coletivamente, compartilhar experiências cotidianas consideradas significativas. Desde criança, percebo-me e sou percebida como alguém que gosta de narrar “causos” e, também, de escutá-los: sempre me foi prazeroso estar à mesa e prestar atenção às experiências pessoais narradas, compartilhados durante uma refeição em família ou entre amigos. De certa forma, algo no grupo me soava familiar a esse interesse, agregando uma finalidade terapêutica a uma capacidade humana tão essencial: contar sobre aquilo que se vive.

O grupo se apresentava, também, como um campo fértil de investigação científica, em termos de prática grupal, coordenação de grupo, cuidado em saúde mental, entre outros. Nesse contexto, surgia, também, meu interesse por dar início a um percurso de pesquisa científica. Iniciamos, eu e a Prof^a. Carmen, uma parceria formalizada, naquele momento, por uma investigação em nível de Iniciação Científica (IC). Financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (Processo nº 2015/00139-4), a IC teve como foco o GCSM, mais especificamente, o papel do coordenador no processo grupal. Estudamos, assim, suas intervenções e repercussão dessas para a constituição e desenvolvimento da modalidade, por meio de análise das sessões grupais. Para isso, delineamos um método de análise que permitiu compreender as intervenções do coordenador contextualizadas ao processo grupal, sem abstraí-las de seu contexto generativo.

No GCSM, a coordenação tem especificidades em relação a outras práticas tradicionais de coordenação de grupo. Essas especificidades encontram-se sustentadas pela própria proposta, metodologia e perspectiva epistemológica, filosófica e teórica do GCSM, guardando relação com o potencial terapêutico da atividade. O coordenador, em suas intervenções, busca construir um enquadre para que a atividade possa se desenvolver de acordo com a proposta do GCSM e investe no favorecimento da compreensão sobre a atividade por parte dos participantes, sensibilizando-os, sem que sua atuação se encaminhe para uma explicação sobre o grupo. Suas intervenções acolhem o gesto dos participantes, para além do conteúdo discursivo de suas comunicações, como uma forma de abordar as experiências vividas. O coordenador apresenta, ainda, uma participação pessoal, imprimindo sua singularidade à forma de coordenar e contribuindo com o grupo a partir de suas próprias experiências de vida.

O enquadre, as intervenções e o posicionamento do coordenador favorecem a constituição de um espaço de cuidado intersubjetivo, em perspectiva de horizontalidade, a partir da tarefa de reconhecer experiências cotidianas significativas ao percurso de amadurecimento da pessoa humana e do cuidado à saúde mental. Assim, constatou-se um fenômeno grupal de cuidado que é atualizado nas relações intersubjetivas configuradas no aqui-agora da sessão grupal. Dessa forma, a IC abriu um campo de estudos sobre a tessitura compartilhada da atividade, em que se mostra e atualiza intersubjetivamente a estrutura fundamental do Grupo Comunitário de Saúde Mental, com os elementos que a singularizam.

A Iniciação Científica foi a matriz para apresentação de diversos trabalhos, com publicação de resumos, em congressos, nacionais e internacionais, e a publicação dos artigos “Coordenação grupal em uma modalidade de cuidado: Grupo Comunitário de Saúde Mental” de minha autoria e da Prof^a. Carmen, na Revista Psicologia em Estudo (UEM) e “Coordenação de uma modalidade grupal de promoção de saúde mental: reflexões fenomenológicas”, na

Revista do NUFEN, que apresenta o aprofundamento acerca do papel do coordenador a partir das contribuições da Fenomenologia Clássica, também de minha autoria e da Prof^a. Carmen.

Durante a graduação, fui contemplada com uma bolsa de intercâmbio pela Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional, para o desenvolvimento de um período de intercâmbio na Universidade de Tampere, Finlândia, no segundo semestre de 2016. Lá, além das disciplinas, realizei visitas técnicas a serviços de saúde mental, realizei observação de atividades terapêuticas em grupo, e pude realizar apresentações e discussões do trabalho de Iniciação Científica, em contextos diversos.

Após a graduação, inspirada pela carreira acadêmica e instigada pelas várias questões suscitadas sobre o Grupo Comunitário, eu e a Prof^a Carmen delineamos um projeto de Mestrado. Em julho de 2017, fui aprovada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP-USP, recebendo bolsa de mestrado da CAPES. No Exame de Qualificação do Mestrado, em dezembro de 2018, a banca examinadora indicou, por unanimidade, a mudança de curso de Mestrado para o Doutorado Direto, que significou, para mim, uma validação do trabalho desenvolvido até aquele momento e de sua originalidade metodológica e analítica. Nesse período, recebi bolsa de doutorado da CAPES, e a partir de agosto de 2019, passei a receber uma bolsa de Doutorado Direto da FAPESP (Processo nº 2019/04494-4).

Durante o percurso junto ao Grupo Comunitário de Saúde Mental, que já soma aproximadamente oito anos, pude me envolver com a modalidade, experimentando-a, a partir de diversas perspectivas. Assim, frequentei sistematicamente as sessões grupais realizadas no contexto do Hospital-Dia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP), bem como das sessões desenvolvidas em outras localidades, como no Espaço Cultural de Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (ECEU-USP), entre outros.

Ainda como aluna de graduação, no contexto de um estágio curricular, sob a supervisão da Prof^a. Carmen Lúcia Cardoso e do Dr. Sergio Ishara, vivenciei o trabalho como coordenadora

de algumas sessões deste programa, em uma Unidade de Saúde da Família. Esse “lugar” da prática da coordenação de sessões grupais do GCSM foi construído, processualmente, com a ajuda de muitos. Um momento importante nessa direção foi a realização do curso de formação de coordenadores da modalidade, promovido, por meio de uma parceria entre o Grupo Comunitário e o Centro de Educação e Aperfeiçoamento Profissional em Saúde (CEAPS – HC – FMRP-USP). Nesse contexto, coordenei, voluntariamente e como parte do curso, sessões grupais da modalidade em diversos contextos: na Unidade de Saúde da Família referida; no Hospital-Dia (HD-HC-FMRP-USP); na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, entre outros. Participei da atividade didática, realizada semanalmente com profissionais em formação no HD-HC-FMRP-USP, que tem como objetivo discutir aspectos vivenciais e teórico-metodológicos do GCSM, que forneceu elementos de reflexão para a composição do presente estudo.

As experiências vividas a partir do envolvimento com esses diversos “lugares”, levantaram uma série de inquietações que inspiraram a composição desta pesquisa: que elementos e aspectos são essenciais ao Grupo Comunitário para que este seja reconhecido como tal? Como é possível que cada sessão, em cada contexto específico onde é realizada, porte características singulares e especificidades, mas guarde predicáveis que a caracterizem como GCSM e não outra modalidade? Dessa forma, que elementos são sustentadores das sessões grupais? Como esses se dão no atualizar-se aqui-agora das sessões? Esses questionamentos encaminharam a formulação da seguinte busca, aquela que constitui o objetivo do trabalho: compreender o Grupo Comunitário de Saúde Mental, por meio de análise das sessões grupais, fundamentada pela Fenomenologia Clássica.

O encontro com a Fenomenologia Clássica, mostrou-se, por um lado, como uma possibilidade de fundamentação rigorosa ao trajeto metodológico e analítico da pesquisa, e por outro, ofereceu recursos teórico-filosóficos que favoreceram o aprofundamento daquilo que se

encontrou durante a investigação, ampliando suas possibilidades compreensivas. Além disso, essa perspectiva me possibilitou um caminho de retorno ao início, às fontes de sentido, nas palavras de Husserl (1913/2012), um retorno às coisas mesmas. Essa busca que motiva a pesquisa fenomenológica encontra assonâncias pessoais em quem sou e também em quem me tornei nesses anos e me parece expressa com beleza nas palavras de Manoel de Barros (2015), no poema “Criançamento das palavras”:

“Carrego meus primórdios num andor,
 minha voz tem vício das fontes.
 Eu queria avançar para o começo.
 Chegar ao criancimento das palavras.
 Lá onde elas ainda urinam nas pernas.
 Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos.
 Quando a criança garatuja o verbo para falar o que não tem.
 Pegar no estame do som.
 Ser a voz de um lagarto escurecido.
 Abrir um descortínio para o arcano”

Assim, junto à Fenomenologia, desejo que a voz deste trabalho tenha o “vício das fontes”, um desejo de “avançar para o começo”, para as origens das possibilidades de sentidos, para as experiências vividas. Espero que avance para onde as palavras ainda não tenham sido totalmente “modeladas pelas mãos”, e que isso seja, paradoxalmente, um avanço. Desejo, assim, que essas palavras constituam uma forma para as ideias aqui contidas, mas que também permitam descortinar aquilo que a descrição se aproxima mas falha em alcançar por completo, aquela dimensão das experiências vividas que a ela escapa, o “estame do som”.

Os árduos esforços no sentido de compreender a Fenomenologia e suas contribuições para o estudo no campo das experiências vividas foram ampliados pelo encontro com a Prof^a. Dr^a. Angela Ales Bello, que generosamente, acolheu-me e orientou-me em um estágio de pesquisa em Roma, junto à Pontificia Università Lateranensis e à Pontificia Università Antonianum, em Roma, Itália. Além disso, esse percurso foi sustentado pelo encontro com

tantas outras pessoas que contribuíram com as suas compreensões e apropriações desta abordagem epistemológica, filosófica, teórica e metodológica, e, a todos esses, sou profundamente grata.

Esta tese se inicia com uma breve contextualização do histórico e do panorama do campo da saúde mental e das práticas grupais realizadas nesse contexto. Em seguida, apresentamos a história do Programa Grupo Comunitário de Saúde Mental e as principais características dessa proposta. Conta, ainda, com um tópico sobre a perspectiva fenomenológica clássica. Neste, procuramos adentrar um panorama histórico-filosófico que fomentou a constituição do método fenomenológico, expondo suas principais diretrizes. Buscamos, também, colocar em evidência a compreensão antropológica que deriva das pesquisas de Husserl e Stein, a partir da aplicação do método fenomenológico. Na sequência, apresentamos, então, a justificativa do trabalho, o seu objetivo geral e os objetivos específicos e, ainda, a especificações do percurso metodológico desse estudo.

Para a análise do trabalho, apresentamos as unidades de sentido que derivaram do percurso de análise fenomenológica do conjunto das sessões e do cruzamento entre essas, intituladas: “A compreensão de ‘experiência’ no contexto do Grupo Comunitário de Saúde Mental” e “A intersubjetividade no Grupo Comunitário de Saúde Mental”. Essas unidades buscam refletir elementos sustentadores dessa modalidade de cuidado, conforme atualizados e apreendidos intersubjetivamente no aqui-agora das sessões. A interlocução entre tais elementos e o corpus teórico-filosófico da Fenomenologia Clássica encontram-se na sessão de discussão. Os resultados das investigações de Husserl e Stein favoreceram o aprofundamento da compreensão do que pudemos encontrar na análise desse trabalho. Por fim, são tecidas as Considerações Finais da Tese, que sintetiza o percurso do trabalho, sinalizando perspectivas para novos estudos.

2. Introdução

2.1. Saúde mental no Brasil e práticas grupais: Breve retomada do percurso histórico

“Mas sei que uma dor assim pungente
Não há de ser inutilmente
A esperança
Dança na corda bamba de sombrinha
E em cada passo dessa linha
Pode se machucar”
(Bosco & Blanc, 1979)

No Brasil, a forma de prover cuidado à saúde mental da população se configura a partir de um longo percurso histórico, que abrange diferentes modelos de assistência, embasados por compreensões distintas acerca do adoecimento psíquico. O desenvolvimento do campo também se dá de maneira essencialmente relacionada aos contextos sociopolíticos, econômicos, culturais e científicos do país (Sampaio & Bispo, 2021).

Durante as décadas de 1970 e 1980, diversos movimentos sociais se organizam contestando o autoritarismo da gestão pública e as condições de vida insatisfatórias da maior parte da população, dentre essas, o acesso precário à assistência em saúde. Nesse âmbito, defendem-se a assistência coletiva e universal à saúde, em um processo denominado Reforma Sanitária, que culmina, posteriormente, na constituição do Sistema Único de Saúde (SUS). Este traduz e efetiva, no campo prático-assistencial, uma transformação profunda na compreensão acerca dos processos de saúde-doença e das formas de cuidado, expressando a relevância de ideias como a equidade e a integralidade do cuidado, a participação imprescindível do sujeito e da comunidade no cuidado e na forma de organizá-lo e promovê-lo, bem como sua territorialização (Amarante 1995; Ministério da Saúde, 2005; Oliveira, 2012).

No seio de tais transformações, e de forma articulada ao processo de redemocratização e de reelaboração do sistema de saúde, especificamente no enquadre da saúde mental, nasce o movimento da Reforma Psiquiátrica Brasileira. Esta é iniciada pelos próprios trabalhadores da

área, organizados no Movimento de Trabalhadores da Saúde Mental (MTSM), no final da década de 1970. Esse movimento, posteriormente integrado por outros setores da sociedade civil, questiona o modelo vigente de assistência em saúde mental, até então centrado em macro hospitais psiquiátricos e privados com características asilares e iatrogênicas, alvos de denúncias de abusos e violação de direitos humanos (Amarante 1995; Ministério da Saúde, 2005; Oliveira, 2012).

O modo asilar de assistência à saúde mental remonta à concepção de ‘loucura’ associada à falta de razão e à periculosidade do sujeito, relacionando o ‘tratamento’ ao confinamento e à exclusão social da pessoa (Sampaio & Bispo, 2021). De acordo com Costa-Rosa (2000), em texto teórico-epistemológico tradicional sobre os modos asilar e psicossocial, no primeiro, não há atenção à subjetividade e à historicidade do sujeito tratado. O autor afirma que “não é sequer o corpo, mas, sim, o organismo o destinatário principal das ações” (p. 152), compreendendo que para que se refira à corporeidade, há que se considerar algum processo de subjetivação. Em outras palavras, o sujeito, assim fragmentado, é tomado como objeto passível das ações terapêuticas, centradas na figura do profissional de saúde mental e no espaço recluso do hospital psiquiátrico (Costa-Rosa, 2000).

No percurso da Reforma Psiquiátrica Brasileira, o I Simpósio Brasileiro de Psicanálise de Grupos e instituições/V Congresso Brasileiro de Psiquiatria (1978) e o III Congresso Mineiro de Psiquiatria (1979) são relevantes para o fortalecimento desse movimento e para as trocas realizadas com expoentes de diversos movimentos de reforma conduzidos no exterior, dentre eles, Franco Basaglia, representante da Reforma Psiquiátrica Italiana que amplia os rumos do campo da saúde mental no Brasil e no mundo (Sampaio & Bispo, 2021). Basaglia (1969/2020), inspirado pela perspectiva fenomenológica, propôs uma possibilidade de compreensão desnaturalizante do diagnóstico psiquiátrico, que o coloca entre parênteses, de modo a acessar e

compreender o sujeito em sofrimento. Esse redirecionamento do olhar fomenta repercussões teóricas, práticas e éticas em relação à forma de cuidar no campo da saúde mental.

Em 1987, realiza-se a I Conferência Nacional de Saúde Mental, como desdobramento da VIII Conferência Nacional de Saúde – diretamente relacionada à configuração do SUS – e o II Congresso Nacional dos Trabalhadores em Saúde Mental. Esses eventos expressam a mobilização de diversos atores da sociedade civil em direção à transformação da assistência no campo, à desconstrução de seus saberes e fazeres hegemônicos e à consolidação de um Movimento da Luta Antimanicomial, que englobava os profissionais da saúde mental (MTSM), juntamente com os usuários e familiares dos serviços, bem como membros da sociedade em geral. (Pitta, 2011; Sampaio & Bispo, 2021; Yasui, 2010). São, assim, fomentados os esforços de desinstitucionalização e de construção de um modo de cuidado alternativo, o modo psicossocial.

Nesse paradigma, a compreensão do sofrimento psíquico e da forma de abordá-lo passa a abranger fatores biopsicosocioculturais e políticos, a partir de uma transformação do olhar para a pessoa, compreendida como intrinsecamente participante e co-responsável por seu tratamento. A finalidade do tratamento amplia-se para além do componente orgânico, passando a implicar um reposicionamento subjetivo do sujeito diante de si, do outro e do mundo, bem como a englobar a família e a comunidade como parte do contexto de cuidado (Costa-Rosa, 2000). Ainda a partir de 1987, fruto do Movimento da Reforma Psiquiátrica, começam a se desenvolver as primeiras experiências de cuidado à pessoa em sofrimento psíquico na comunidade, fora do hospital psiquiátrico, com a criação do primeiro Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), em São Paulo e dos Núcleos de Atenção Psicossocial (NAPSs) em Santos (Sampaio & Bispo, 2021).

A partir da década de 1990, as políticas públicas voltadas para a área da saúde mental ganham contornos mais claros no país (Ministério da Saúde, 2005; Trapé & Campos, 2017),

com a instituição de dispositivos de cuidados substitutivos em território nacional, como os CAPSs, os NAPSs e os serviços residenciais terapêuticos. Além disso, ocorrem a II Conferência Nacional de Saúde Mental e o I Encontro do Movimento da Luta Antimanicomial, que continuam a expressar a aderência dos vários protagonistas envolvidos no campo da saúde mental, não só os profissionais da saúde (Sampaio & Bispo, 2021). Em 2001, a lei 10.216/2001 é promulgada, após 11 anos de tramitação no congresso desde a sua proposição por Paulo Delgado. A lei legitima os direitos dos indivíduos em sofrimento psíquico, e propõe a extinção progressiva dos manicômios, a substituição dos mesmos por serviços alternativos, pautados pelo modelo psicossocial de cuidado (*Lei 10.126*, 2001).

Esse modelo, que é diretriz para as estratégias de atenção na área da saúde mental, preconiza, dentre outros, a desinstitucionalização da pessoa em sofrimento, a integralidade do cuidado, a co-responsabilização, a horizontalidade das relações e o protagonismo das diversas pessoas envolvidas na saúde mental, como os usuários, seus familiares, profissionais e comunidade em geral, de forma orientada para o território e para o cotidiano (Ministério da Saúde, 2005). Nesse, valorizam-se, como formas de cuidado, a inclusão comunitária do usuário e as modalidades de grupo (Ministério da Saúde, 1992).

Os anos sucessivos marcam um progresso no campo da saúde mental, pautado pelo modo psicossocial de cuidado, com a institucionalização de programas de assistência e de ressocialização, como o ‘De volta para casa’, o apoio matricial às equipes de saúde da família na atenção primária e a criação da Rede de Apoio Psicossocial (RAPS), que articula os serviços de cuidado em saúde mental, fortalecendo a rede e o acesso à mesma (Ministério da Saúde, 2017a; Sampaio & Bispo, 2021).

Apesar dos avanços significativos, a Reforma Psiquiátrica Brasileira se mostra como um processo contínuo e dinâmico, em que o espaço de cuidado à saúde mental é ocupado por debates e tensionamentos epistemológicos, teóricos, práticos, políticos, econômicos e culturais.

Atualmente, o campo vem sofrendo significativos retrocessos em meio a um panorama mais amplo de crises políticas, econômicas e sanitárias no país (Conselho Nacional de Saúde, 2018; Ministério da Saúde, 2017b, 2017c; Sampaio & Bispo, 2021).

A partir de 2016, são aprovadas mudanças na política nacional relacionada à saúde mental, que de acordo com o Conselho Nacional de Saúde (CNS), representam retrocessos importantes em relação ao que é preconizado pela lei nº 10.216, implicando no enfraquecimento da Rede de Atenção Psicossocial, na ampliação de leitos psiquiátricos, e no retorno de serviços com lógica manicomial como as unidades ambulatoriais especializadas e as comunidades terapêuticas (Conselho Nacional de Saúde, 2018; Ministério da Saúde, 2017b, 2017c; Sampaio & Bispo, 2021). Delgado (2019) entende que apesar da complexidade dos processos que envolvem a Reforma Psiquiátrica, este momento histórico é o primeiro, desde 1980, que o país assiste a um retrocesso visível em relação aos avanços conquistados. O autor aponta que, para combater os retrocessos, é necessário se dar conta da atual fragilidade da Reforma, estando atentos criticamente à sua relação com a fragilização democrática e do campo da saúde pública.

Trapé e Campos (2017) pontuam que os modelos de cuidado são uma síntese do que é proposto pelas diretrizes das políticas públicas e o que se compõem no cotidiano dos serviços, das ações e das relações estabelecidas entre as pessoas implicadas no campo da saúde mental. Assim, juntamente com mobilizações e transformações no âmbito político, faz-se necessária a inclusão de ações e modalidades que privilegiam a relação intersubjetiva como centro do cuidado, aquelas que valorizam a singularidade e as potencialidades dos indivíduos, para além da doença e que promovam a inclusão e o fortalecimento da comunidade nos espaços de cuidado à saúde mental (Silva & Cardoso, 2016). Dessa forma, as práticas grupais, em sua multiplicidade e diversidade, representam estratégias com potencial significativo para a promoção de cuidado alinhada a esta perspectiva (Rocha, 2015).

O dispositivo grupal, como possibilidade de ajuda e cuidado aos seus participantes, é produto de um percurso histórico marcado por contribuições teóricas e práticas de diversos autores. O início desse percurso remete aos grupos com pacientes portadores de tuberculose, conduzidos pelo médico Joseph H. Pratt, por volta de 1905, com ênfase informativa e de estímulo à adoção de comportamentos adequados ao tratamento. Pratt influenciou precursores da terapia em grupo, no campo da psiquiatria, como: Edward Lazell, Trigant Burrow e Cody Marsh, nos Estados Unidos, e Alfred Adler e Jacob Levi Moreno, na Europa. Especialmente após a II Guerra Mundial, houve um rápido e significativo desenvolvimento de práticas grupais, dado o aumento da demanda por atenção e escassez de profissionais (Scheidlinger, 2004).

A proliferação de diversos grupos levou a uma constituição polissêmica deste campo, dada a diversidade de modalidades e de orientações teórico-metodológicas e a distinção pouco clara entre elas (Sheidlinger, 2004). O contexto generativo e de proliferação dos grupos traz implicações à prática atual no campo: nota-se a diversidade de *settings*, participantes, objetivos, abordagens teóricas que caracterizam os distintos e inúmeros grupos (Shay, 2017; Vasconcelos, 2008). Apesar disso, em documentos oficiais e de referência em ética em grupos terapêuticos de três associações internacionais da área, Rasesa, Oliveira e Jesus (2014) identificaram que as múltiplas práticas grupais ainda são entendidas nos moldes da psicoterapia de grupo tradicional, clínica, de longo prazo e em contextos privados, com a atividade centralizada no coordenador.

As autoras do presente trabalho realizaram uma revisão sistemática da literatura nacional e internacional, publicada entre os anos de 2013 e 2017, sobre grupos de promoção de saúde mental e prevenção de transtornos. Chegou-se ao reconhecimento de que esses grupos foram compostos por poucos participantes, a partir de foco em populações específicas, sendo grupos homogêneos por determinada característica que pautava-se, sobretudo, na vulnerabilidade dos indivíduos ou do contexto em que estão inseridos, de maneira análoga ao

modus operandi tradicional do campo da saúde, em que se realiza o diagnóstico, a intervenção e a avaliação pós-intervenção sobre a doença, visando evitar, amenizar ou reduzir o prejuízo de determinada condição de adoecimento (Stachtchenko & Jenicek, 1990).

Tratavam-se, sobretudo, de práticas grupais estruturadas, realizadas no contexto da pesquisa, com número delimitado de sessões. Os grupos eram fundamentados por uma variedade de abordagens teóricas, mas por outro lado, havia ênfase em atividades baseadas em estratégias psicoeducativas e de treinamento. Esse perfil de práticas grupais sugere uma interlocução com a tradição do campo de grupos, cuja história remete à forte influência da psicoterapia grupal inspirada pela individual.

Em termos da forma de investigar tais grupos, há ênfase na avaliação de resultados produzidos pelas práticas grupais e na factibilidade do grupo, na perspectiva dos participantes, a partir da utilização de métodos quantitativos e desenhos experimentais. Essa forma de conceber a pesquisa e a avaliação de grupos dialoga com a forma de avaliar intervenções em saúde no modelo biomédico, cujo objeto de estudo é o ponto final do processo de intervenção, a partir dos resultados obtidos durante o tempo hábil da mesma, com parâmetros específicos e comparáveis no tempo (Stachtchenko & Jenicek, 1990). Para uma compreensão mais integral das práticas grupais, faz-se necessária a investigação e a avaliação não só dos resultados, nos termos referidos acima, mas, também, de outras facetas do fenômeno grupal, bem como da articulação entre elas (Alves, 2013).

Considerando a configuração heterogênea e polifônica do campo de grupos, há que se realizar uma descrição epistemológica das modalidades grupais, como forma de ampliar a compreensão sobre as mesmas (Rocha & Cardoso, 2017). Rasesa et al. (2014), por exemplo, notam que nenhum dos documentos éticos analisados definia claramente o que se compreendia por “grupo”, e, assim, pelo cuidado nele promovido, remetendo à dificuldade de conceitualização no campo. Alves (2013) chama a atenção, ainda, para a relevância do estudo

dos diversos elementos que compõem uma prática grupal para compreendê-la em sua totalidade.

A partir dessas reflexões sobre a saúde, a saúde mental, o cuidado, o modo psicossocial, o potencial de ajuda dos grupos, entre outros, surge uma modalidade de grupo voltada para o cuidado à saúde mental, com ênfase no cotidiano e na comunidade, denominada Grupo Comunitário de Saúde Mental, tema deste estudo.

2.2. Grupo Comunitário de Saúde Mental (GCSM)

“A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se pessoa implica a tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa”
(Mãe, 2018, p. 57)

2.2.1. GCSM: Percurso histórico e contexto atual

O Grupo Comunitário de Saúde Mental (GCSM) se desenvolveu no cotidiano de um serviço substitutivo de atenção à saúde mental, o Hospital-Dia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (HD-HC-FMRP/USP), a partir de 1997, quando acontecem os primeiros encontros. Estes visavam ao acesso dos usuários do serviço e seus familiares a informações relevantes acerca de temáticas em saúde mental. Desde então, são abertos à comunidade e valorizam o saber advindo da experiência cotidiana, por meio do relato de aprendizagens e reflexões.

Por exemplo, um dos encontros realizados reuniu usuários do serviço com histórico de várias tentativas de suicídio, em uma mesa redonda, em torno da questão norteadora: “Por que uma pessoa pode continuar querendo viver mesmo tendo muitos problemas na vida?” (Cardoso, 2012; Ishara & Cardoso, 2013). Assim, observa-se, na atividade, desde seu início, uma

“provocação” à significação de vivências, à interação profunda com a realidade e com a própria subjetividade, e à emergência de temas fundamentais à condição humana – tais como a vida, o sofrimento e a morte – em uma perspectiva de cuidado à saúde mental.

Ao longo do tempo, por meio de observação sistemática e de discussões clínicas, percebeu-se que esse grupo oferecia possibilidade de ajuda mútua entre os participantes e à comunidade, ao promover a comunicação de experiências, a partir de um lugar de protagonismo (Cardoso, 2012; Ishara & Cardoso, 2013). O percurso de delineamento dessa metodologia de cuidado se deu a partir da interlocução profícua entre a prática clínica do grupo; a observação sistemática; e a investigação científica do mesmo. O grupo teve como inspirações epistemológicas, antropológicas e teóricas autores da Fenomenologia Clássica, como Edmund Husserl (1859-1938) e Edith Stein (1891-1942), aportes da antropologia filosófica de Luigi Giussani (1922-2005) e do Grupo Operativo, como Enrique Pichón-Rivière (1907-1977), além de um conhecimento tácito, empírico, provindo da própria prática da modalidade (Ishara & Cardoso, 2013).

O GCSM consolidou-se como recurso de cuidado alinhado aos princípios do modelo psicossocial. Atualmente, os grupos ocorrem em diversos locais, como Unidades de Saúde da Família, Espaço de Cultura e Extensão Universitária, Universidades, Centros de Atenção Psicossocial, entre outros, não só no município de Ribeirão Preto. Em termos de formação profissional, o GCSM desenvolveu um Curso de Aperfeiçoamento, que visa à capacitação de novos coordenadores da modalidade.

O programa tem, ainda, uma atividade didática semanal, realizada após o GCSM no HD-HC-FMRP-USP, que visa ampliar a discussão teórico-metodológica sobre a modalidade, contribuindo para o aprendizado de estratégias de cuidado alinhada ao modo psicossocial por profissionais da saúde em estágio no serviço. Anualmente, é realizado o “Encontro Comunitário de Saúde Mental”, que reúne cerca de 400 pessoas, de diversas cidades, configurando um Grupo

Comunitário em enquadre ampliado (Cardoso, 2012), que conta, também, com a realização de atividades didáticas com professores convidados e reconhecidos no campo da saúde mental.

São mantidos meios de divulgação eletrônicos, entre eles, um site (<http://www.grupocomunitario.com.br/>); um canal de vídeos no site YouTube (https://www.youtube.com/channel/UCGKHRUjCNYnpLtqVI_e5SAw), e páginas no site Facebook (<https://www.facebook.com/grupocomunitariosm?fref=ts>) e Instagram (https://instagram.com/grupocomunitario_sm?utm_medium=copy_link).

2.2.2. GCSM: descrição da atividade e aspectos teórico-metodológicos

O GCSM, em sua configuração atual, tem como objetivo geral se constituir como um método de cuidado e de promoção de saúde mental aberto e acessível à comunidade, complementando e diversificando as terapêuticas já existentes neste âmbito. Trata-se de um programa voltado à promoção e à sustentação de um exercício continuado de atenção, reconhecimento e compartilhamento de experiências cotidianas vividas pelos participantes, no contexto de um trabalho grupal. Com isso, a modalidade objetiva desenvolver e sustentar a capacidade do sujeito de envolvimento com o próprio cotidiano, e, assim, com a própria vida.

Compreende-se que os acontecimentos cotidianos podem se constituir como relevantes recursos de cuidado à saúde mental e à pessoa, na medida em que favorecem a aproximação e a interação profícua entre sujeito, realidade e comunidade, ampliando a sensibilidade e a reflexão sobre si, sobre o vivido, e sobre o outro (Ishara & Cardoso, 2013). Pretende-se que o participante possa vivenciar e significar tais acontecimentos, em contraposição à tendência contemporânea de sobreposição psíquica de vivências fragmentadas e mal elaboradas, dada a sobrecarga de afazeres e de estímulos e a falta de espaços comunitários que favoreçam a integração destas experiências (Ishara & Cardoso, 2013; Larrosa, 2017; Safra, 2006).

Conforme já mencionado, todos os grupos são abertos e gratuitos, podendo participar todas as pessoas interessadas. Participam das sessões grupais, usuários e ex-usuários de serviços de saúde mental, familiares, profissionais, estudantes e membros da comunidade em geral. Os participantes são convidados a integrarem a sessão a partir de um lugar de protagonismo e de horizontalidade, e não a partir da posição funcional ou social que ocupam em outros contextos (usuário, profissional, familiar), tendo em vista que todas as pessoas fazem experiências em seu cotidiano e tem a possibilidade de significá-las e compartilhá-las. Parte-se da compreensão de que a atenção à saúde mental é pertencente ao âmbito do humano e do cotidiano, e, portanto, não restrito a pessoas com diagnósticos psiquiátricos e ao contexto de tratamentos especializados (Crovador, 2012).

Por ser um grupo aberto, as sessões grupais são compostas de forma heterogênea e os participantes podem variar de um grupo para outro. Nesse sentido, cada grupo é único, sendo iniciado e encerrado pelo coordenador a cada encontro, mas, em todos os grupos, a proposta e a estrutura da atividade são mantidas.

As sessões grupais têm duração de uma hora e trinta minutos, são realizadas em formato de roda de conversa e mediados por um coordenador. São estruturadas de forma a favorecer e ampliar a interação pessoa-realidade, sendo dividida em três momentos que caracterizam a estrutura da atividade, que se repete em todas as sessões: Sarau, Relato de Experiências e Etapa Reflexiva (Ishara & Cardoso, 2013).

No primeiro momento, nomeado “Sarau”, os participantes são convidados a compartilharem experiências vividas com elementos culturais disponíveis no cotidiano (como filmes, músicas, livros, entre outros), consideradas por eles como ‘significativas’, isso é, que os mobilizaram ou tocaram de alguma maneira. No segundo momento, “Relato de Experiências”, os participantes têm a oportunidade de compartilhar experiências cotidianas vivenciadas por eles, configurando um amplo horizonte de possibilidades de situações e acontecimentos, desde

que considerados relevantes para aquele que relata. O terceiro momento, intitulado “Etapa Reflexiva”, consiste num espaço de elaboração do que foi vivido em grupo, em que os participantes buscam descrever a repercussão pessoal de sua participação naquela sessão grupal, identificando possíveis experiências vividas naquele espaço.

Nos três momentos, a partir de diferentes mediadores, a pessoa é convidada a envolver-se com a própria realidade, abrir-se e estar permeável às vivências cotidianas, buscando reconhecer repercussões subjetivas de tais vivências, significando-as de maneira pessoal (Ishara, & Cardoso, 2013). Ressalta-se que, na atividade, não predominam e não são estimuladas comunicações dos participantes e do coordenador que se distanciem do campo da experiência vivida, por via da racionalização, interpretação, opinião, sugestão, orientação ou abstração daquilo que é relatado (Prado & Cardoso, 2020b).

2.3. A perspectiva Fenomenológica Clássica

“Aquilo que buscamos não está no
andamento de um pensamento
teorético mediado, mas sim, no seu
início”
(Husserl, 1952/2002, p. 95)

Este trabalho adota o referencial teórico, filosófico, metodológico e epistemológico da Fenomenologia Clássica, fundada por Edmund Husserl (1859 - 1938). Ales Bello (2003), ao referir-se a essa abordagem, utiliza o termo “escola fenomenológica” por compreender que aquela se desenvolveu a partir de um empreendimento coletivo de pesquisa, que se alarga a partir de um ponto de referimento metodológico, proposto e extensivamente aprofundado pelo seu fundador, o método fenomenológico.

Assim, esse grupo de filósofos, inclusive o próprio Husserl, a partir dos princípios desse método, realizam suas investigações filosófico-fenomenológicas sobre temáticas diversificadas, movendo-se em diferentes campos da realidade e do saber. Para a autora, essa

forma de proceder porta o reconhecimento, por parte do grupo de filósofos, da complexidade, da estratificação e da articulação da realidade, bem como da inexauribilidade das possibilidades de conhecer. O reconhecimento dessas qualidades da realidade e do conhecer solicitam, assim, um investimento progressivo e comunitário, se há a intenção de compreendê-los em profundidade (Ales Bello, 2003). A seguir, são apresentadas as principais diretrizes do método fenomenológico, acompanhadas de um horizonte histórico-filosófico que contém algumas das problemáticas do campo que dão contexto à elaboração do mesmo por Husserl.

Ales Bello (2003) aponta que Husserl adentra a filosofia de maneira peculiar, não como originariamente filósofo, herdeiro de uma tradição filosófica específica, mas como matemático, que se debruça inicialmente sobre a questão da formação e do conhecimento dos números e da lógica. O aprofundamento de sua investigação encaminha as suas análises para um plano epistemológico e gnosiológico, em que o autor passa a trabalhar questões do conhecer em geral. Em outras palavras, a composição do método fenomenológico, e das análises que derivam da sua aplicação, têm, como contexto motivador, perguntas relacionadas à possibilidade do humano de conhecer si mesmo, o outro e o mundo.

Em seu percurso, Husserl dialoga com diversas posições filosóficas, dentre essas, a posição cartesiana. Descartes propõe que a subjetividade seja o novo ponto de partida das investigações filosóficas, inaugurando na história da Filosofia Ocidental, a Idade Moderna. Além disso, elabora um método filosófico caracterizado pela dúvida sistemática, que culmina, de acordo com Husserl, no questionamento, e, por fim, na negação da existência do mundo, da existência dos fatos mundanos. Para o fenomenólogo, tal negação extrapola os limites das possibilidades humanas, uma vez que o mundo e os fatos se mostram ostensivamente como existentes em nossa experiência vivida (Ales Bello, 2003; Husserl, 1954/2012).

Por outro lado, Husserl (1913/2012, 1952/2002, 1954/2012) também critica a absolutização dos fatos e do mundo existente, operada pela posição filosófica positivista, que

prima pela constituição de uma ciência exclusivamente objetiva, voltada para objetos fatuais passíveis de observação e mensuração. Para o positivismo, os fatos são ambos pontos de início e de chegada da investigação, perdendo-se, dessa forma, a investigação sobre o sentido de tais fatos em detrimento da simples constatação fatural (Husserl, 1913/2012, 1952/2002). Husserl (1913/2012, 1952/2002) argumenta que o objeto fático, tempo e espacialmente contingente, é variável e, portanto, por princípio, pode ser diverso daquilo que é. Justamente porque o objeto fático pode ser diverso daquilo que é, e ainda ser identificado enquanto determinado objeto, existem características essenciais que lhe competem, sem as quais, não se poderia mais reconhecê-lo.

Nas palavras de Husserl (1913/2012, p. 35):

O objeto individual não é meramente individual, um este aí!, que não se repete [...] ele é composto de predicáveis essenciais que têm de lhe ser atribuídos [...] a fim de que outras determinações secundárias, relativas, lhe possam ser atribuídas [tradução nossa]

Por exemplo, existem inúmeras flores, de diferentes espécies, tamanhos, texturas, perfumes e cores; determinada flor “fatural” pertence a uma espécie particular, tem um tamanho, uma textura, um perfume e uma cor própria e singular; ainda assim, existem “predicáveis essenciais”, características essenciais, que permitem que esta flor específica e singular seja reconhecida como “flor”. Husserl compreende tal estrutura essencial, expressa pelos predicáveis essenciais, como um objeto de “nova espécie” em relação ao objeto fatural e existente, identificando-o como *eidos* ou “essência”.

Para acessar esta estrutura fundamental dos objetos ou seus “predicáveis essenciais”, há que se adotar, de acordo com Husserl (1913/2012, 1952/2002), uma mudança de orientação. Essa transformação do interesse, segundo Ales Bello (2019) na apresentação ao texto de Husserl (1973/2019), marca a abertura do caminho filosófico e está presente na história do campo desde

a Antiguidade. Husserl oferece uma contribuição ao individualizá-la, nomeá-la e descrevê-la, e, ao fornecer indicações metodológicas para tal percurso. Trata-se do deslocamento do interesse “natural” pelas “coisas” – “coisa” entendida em sentido amplo e não só coisa física, mas também questão, argumento, entre outros – em direção a um interesse fenomenológico (Ales Bello, 2019).

No interesse natural, o sujeito aceita ingenuamente o mundo como “este aí”, como existente. A obviedade do mundo existente torna opaca a função constituidora do “eu” em relação à realidade e a seus sentidos. No interesse fenomenológico, por sua vez, adota-se uma atitude de suspensão da existência fatural das coisas, para que se acesse o *eidós*, aquela estrutura essencial dos objetos. Além disso, é a partir dessa forma de interessar-se e abordar “as coisas”, que o papel do sujeito no conhecimento das mesmas pode ser compreendido, tratando-se de um tema fundamental para a fenomenologia, que será desenvolvido mais adiante (Husserl, 1913/2012; Ricoeur, 1967).

A realização do método fenomenológico se cumpre somente a partir dessa transformação de interesse. Somente no interesse fenomenológico, realiza-se o primeiro momento do método, denominado “Redução Eidética”, isto é, redução ao *eidós*, ao sentido da “coisa”, ou ainda, à estrutura essencial que a caracteriza. Esse momento se atualiza por reduções sucessivas, operadas por meio da *epoché*, que consiste em “colocar entre parênteses” ou “tirar de circuito” a existência empírica do objeto fatural, as descrições acessórias do fenômeno investigado, as crenças e as teorias prévias, de forma a voltar-se às coisas mesmas por meio da experiência vivida, a acessar a estrutura essencial de determinado objeto, isto é, apreender seu *eidós*, sua essência (Husserl 1913/2012).

Para Husserl (1952/2002), o sentido de um determinado objeto refere-se à estrutura eidética que deve ser necessariamente pressuposta para que qualquer conhecimento teórico sobre esse mesmo objeto possa ser atingido. Para o autor, essa estrutura deve ser apreendida a

partir da experiência originariamente doadora. Contudo, não se trata de “proceder empiricamente”, analisando fatos empíricos e casuais, mas, sim, “interrogar por meio de intuição eidética, a essência do experimentado em geral e como tal, assim como se explicita a partir de qualquer experiência real ou imaginária [...] e exprimi-lo por meio de uma análise e uma descrição rigorosa” [tradução nossa] (p. 96).

Em outras palavras, Husserl não pretende analisar os fatos efetivos, reais, empíricos, contingentes, específicos e singulares, mas tomá-los como manifestações possíveis de uma mesma estrutura de sentido que os caracteriza. Por exemplo, existem diversas reações psíquicas possíveis diante de um mesmo evento, que dependem do contexto, do sujeito, de sua personalidade, de sua história de vida, entre tantos outros fatores, mas o que nos permite dizer que se trata de uma manifestação dita psíquica? O que caracteriza, em essência, algo psíquico? Qual é o princípio que especifica e circunscreve essa região de fatos psíquicos, diferindo-os – e aproximando-os – de fatos orgânicos, por exemplo?

Em diálogo com a posição cartesiana, tem-se a ideia de que a *epoché* representa a suspensão da tese do mundo e não a sua negação: aquilo que é colocado entre parênteses tem o seu valor subtraído momentaneamente para a análise que se conduz, mas continua existindo entre parênteses (Ales Bello, 2003). Em relação à posição positivista, a *epoché* permite acessar esse “novo” objeto, o *eidós*, o sentido do fenômeno, não limitando-se à descrição fatural do mesmo, que conforme discutido, é variável e contingencial (Husserl 1913/2012).

Conforme acenado anteriormente, o abandono do “interesse natural” pelas “coisas” em direção a um “interesse fenomenológico” traz à luz a problemática do sujeito do conhecimento, daquele que cumpre a redução eidética e questiona-se sobre o sentido das coisas. Na redução eidética, conforme explicitado, a existência fatural dos fenômenos é suspendida para que se aprenda o *eidós*, a estrutura essencial dos fenômenos. Nesse sentido, o sujeito que efetiva a redução, enquanto sujeito psicológico, isto é, existente no mundo (com determinada aparência

física, personalidade, história de vida, etc.) também deve ser colocado entre parênteses – trata-se, de certa forma, da aplicação da redução eidética ao sujeito, ou seja, busca-se compreender a estrutura essencial do sujeito do conhecimento, e, não, um sujeito em particular (Ales Bello, 2003).

Assim, paradoxalmente, o sujeito existente no mundo é aquele que cumpre a *epoché*, mas também deve ser submetido à mesma. Em tal operação, aquilo que permanece de forma essencial fora dos parênteses, quando se coloca o sujeito existente no mundo entre parênteses, e, assim, extrapola a suspensão do eu empírico, é a “consciência pura” ou o “eu puro”. Esse é o segundo momento do método, denominado “Redução Transcendental”, e configura-se como uma investigação essencial das vivências puras, das quais o “eu puro” é o centro funcional (Ales Bello, 2003). Husserl adentra, nas palavras introdutórias na apresentação de Ales Bello (2019) ao texto de Husserl (1973/2019, p. 15), a “esfera” da subjetividade transcendental, que:

Não é tocada pela parentetização do mundo, nem pela parentetização do eu concreto, empírico, existente em sentido psicológico, e permanece como território último a partir do qual iniciar para emergir, depois de tê-lo analisado, à concretude existencial e empírica do mundo fatural que recebe, deste modo, seu sentido próprio [tradução nossa].

Husserl compreende, assim, que o “resíduo” da parentetização do sujeito existente, o terreno transcendental do “eu puro”, é o “novo” ponto de partida para a investigação filosófica sobre a realidade. Para Husserl, de certa maneira, tal compreensão já estava presente na posição cartesiana, em que a centralidade da análise se desloca para a subjetividade como fonte de orientação cognoscitiva, e na posição kantiana, em que se empreende uma investigação das categorias *a priori* presentes na subjetividade que consentem o conhecimento. O que há de novo na contribuição de Husserl é o delineamento da estrutura e da operação desse terreno, a partir da individuação das vivências puras que o constituem (Ales Bello, 2003).

Ales Bello (2019) propõe uma metáfora que permite apreender imagetivamente o sentido do terreno transcendental, do eu puro: trata-se de uma lastra de vidro em que as vivências “se inscrevem” de maneira pura, isto é, sem nenhum conteúdo empírico, próprio das vivências empíricas do sujeito existente no mundo, que fora suspenso pela redução transcendental. Assim, o sujeito poderia se dar conta de viver determinado ato, por exemplo, de perceber determinado objeto, na medida em que essa vivência empírica do sujeito real se inscreve na lastra de vidro ou na esfera transcendental.

Existem, nessa direção, duas dimensões da vivência que não são idênticas, mas que são correspondentes: aquela empírica, real, efetivamente vivida pelo sujeito existente e aquela pura, que se apresenta nesta lastra de vidro, isso é, no terreno transcendental. A precisão da metáfora da lastra de vidro está na transparência deste material, que, por um lado, permite “ver” o que está do outro lado; se fosse uma tábua de madeira, não se poderia ver, ou seja, se não fosse tal dimensão transcendental, não seria possível vivenciar determinada coisa, de perceber determinada coisa, tornando o conhecimento impossível; por outro lado, porta uma grande dificuldade no sentido de individualizá-la, de perceber que “ali” há um vidro que consente a visão (Ales Bello, 2019).

Husserl (1952/2002, p. 95), em relação ao terreno transcendental e às possibilidades metodológicas da fenomenologia, afirma que:

Aquilo que buscamos não está no andamento de um pensamento teórico mediado, mas sim, no seu início; nós buscamos os seus pressupostos mais originários [...] uma teoria legítima não pode fazer outro que determinar predicativamente, através do pensamento mediado, aquilo que antes foi posto pela intuição originariamente oferente (no nosso caso, pela experiência), posto de modo direto como ser [*essente*], ser [*essente*] com um determinado conteúdo ou sentido [...]. [tradução nossa]

Aqui, Husserl se refere ao “sentido originário do objeto”, dado por uma “intuição originária” (1952/2002, p. 95), que apreende o objeto nas origens de seu sentido, ainda em

correlação com a consciência que o constitui, isso é, em terreno transcendental. Não se trata, em outras palavras, de conhecer determinado objeto “no andamento” daquilo que já se sabe, já se conheceu ou já se teorizou sobre ele, mas de retornar ao início, à apreensão dele enquanto vivido por uma consciência (o objeto enquanto percebido, recordado, sentido, etc.) – ou seja, por exemplo, do objeto percebido em correlação com a percepção que o capta e com a consciência que o percebe.

Assim, esse filósofo não parte de uma teoria dada sobre os objetos que estuda, mas realiza um retorno ao “início”, aos “seus pressupostos mais originários” (p. 95): àquilo “que primeiro foi posto pela intuição originariamente oferente (no nosso caso, pela experiência)” [tradução nossa] (Husserl, 1952/2002, p. 95). Ou seja, para que se analise dado “objeto” de estudo – por exemplo, a corporeidade ou o psiquismo – há que se retornar aos nossos atos de consciência mais originários, às experiências, nas quais tais “objetos” nos são dados. Husserl (1952/2012) nos alerta, contudo, que isso não significa avançar empiricamente “como se estivesse em questão a tese empírica que se conecta aos fatos casuais” [tradução nossa] (p.96), mas de adentrar a “essência do experimentado em geral e como tal, assim como se explicita através de uma experiência” [tradução nossa] (p.96).

Husserl aponta, conforme já mencionado, que não se trata de uma análise do objeto singularmente experimentado, específico e faticamente existente, mas, sim, de apreender seu sentido, sua estrutura essencial, que se expressa em suas múltiplas manifestações singulares e que permite reconhecê-lo enquanto tal. Para isso, ao referir-se à intuição eidética, apresenta a possibilidade de apreensão do sentido daquilo que se experimenta no “desenrolar” das intenções, dos atos de consciência, das vivências que são pressupostas, “por essência”, neste experimentar.

Nessa direção, o olhar para o “desenrolar” das intenções implicadas por essência no experimentar determinado objeto, intenções que “trazem” o objeto à consciência, diz muito, para nós, sobre o sentido deste objeto. Trata-se de interrogar “como” os sentidos de dado objeto se dão à consciência em relação intencional, viabilizando uma compreensão de ambos objeto e sujeito, em que o objeto não é abordado de forma naturalizada, em uma descrição “do que é”, e o sujeito é compreendido como centro doador de sentidos (Barreira, 2017).

Ainda nessa direção, Ricoeur (1967), a partir da leitura de Husserl, alerta que na atitude natural, a percepção do sujeito em relação aos objetos é efetivada juntamente com uma “tese”, uma “crença” implícita, que coloca o objeto como existente: “nós vivemos através da percepção, dando crédito à veemência da presença [*do objeto*], se eu puder usar tal linguagem, a ponto de nos esquecermos de nós mesmos ou perdermos nela [...]” [tradução nossa] (p. 40). Se identificamos e suspendemos essa atitude, esta “crença” implícita, a

consciência, ao invés de ser tomada por seu mundo, reconsidera a si mesma com relação a este poder envolvente e descobre a si mesma como doadora. Ao mesmo tempo, o mundo é reduzido a seu sentido, aliviado do peso e da opacidade do ser [tradução nossa] (Ricoeur, 1967, p. 40).

Assim, ao assumirmos uma atitude filosófica, podemos nos dar conta de nossa própria consciência como envolvida no e pelo mundo, posicionando-a como o polo que permite o aparecimento e a apreensão do mesmo. O mundo, por sua vez, pode ser compreendido eideticamente, em seu sentido. Husserl (1952/2002, p. 179) aponta que

[...] enquanto vivemos na atitude natural, esta mesma atitude não se dá no nosso campo de pesquisa e nós colhemos somente aquilo que nesta vem experimentado, pensado, etc. [...] mas se realizamos a reflexão e a redução fenomenológicas, se tematizamos a atitude mesma, se colocamos em relação com esta aquilo que era indagado, realizamos a redução eidética [...] [tradução nossa]

Assim, na atitude natural, o sujeito vive envolvido pela percepção e pela crença no objeto, esquecendo-se de si mesmo, como aponta Ricoeur (1967), em que se tem visibilidade

apenas para o objeto, a própria atitude natural “não se dá no nosso campo de pesquisa” (p. 179). Ao colocar a atitude mesma em relação ao objeto que esta apreende, como tema da reflexão, realiza-se a redução fenomenológica e eidética, em que o sentido deste objeto pode se mostrar, “uma originária determinação do sentido” [tradução nossa] (p.184), superando atitudes relativistas.

Ales Bello (2019) reflete sobre o cuidado de Husserl em relação à busca metodológica e epistemológica por um “terreno” seguro que sustente proposições teórico-filosóficas válidas: “A suspensão, a meu ver, tem um significado preciso: cumpre afinar o instrumento e sondar o terreno, antes de construir um edifício que corre o risco de ser apenas uma construção conceitual de tipo especulativo” [tradução nossa] (p. 42). Considerando esses apontamentos epistemológicos e metodológicos, que constituem a própria possibilidade das análises husserlianas e de seus resultados, é possível compreender algumas das construções filosóficas e teóricas realizadas por Husserl e Stein.

Husserl (1952/2002) e Stein (1933/2000) realizaram uma aplicação do método fenomenológico para analisar as principais regiões ontológicas da realidade, desde a matéria inorgânica até o espírito, a dimensão propriamente humana que se relaciona com a configuração dos aspectos históricos, sociais e culturais da realidade, isso é, aspectos ligados à atividade humana no mundo. Mais especificamente, os autores efetivam uma passagem analítica pelas regiões ontológicas da matéria – a coisa física inanimada; da psique – aquilo que anima um corpo material e torna-o vivo; e do espírito – o estrato especificamente humano.

Ricoeur (1967) chama atenção ao fato de que este esquema analítico da realidade não é propriamente uma novidade na história da filosofia. Aquilo que é original no proceder de Husserl (1952/2002) é a forma de operar tais análises: durante todo o percurso, Husserl estuda tais regiões ontológicas, em outras palavras, analisa seus objetos de estudo (matéria, corpo, psique, espírito, etc.), direcionando o olhar não só para o “objeto em si”, mas estuda esses

objetos em termos das intenções, dos atos de consciência, que permitem apreendê-los, que os evidenciam para nós (Ricoeur, 1967). Ele busca apreender o objeto no e por meio do “desenrolar das intenções implícitas” em seu apreender.

Dessa forma, Husserl (1952/2002) e Stein (1933/2000) efetivam, em suas pesquisas, o método fenomenológico previamente apresentado. Eles atualizam, tornando “concreta”, a pretensão de não cindir o sujeito e o objeto do conhecimento, o conhecer e o conhecido, o ato da consciência que apreende e o que é apreendido, o ato que intenciona e o intencionado, ou em termos fenomenológicos, o momento noético e noemático. Segundo Ales Bello (2003), a originalidade da fenomenologia foi possível, pois Husserl situa suas análises no terreno das vivências da consciência, dos atos de consciência que apreendem o objeto, que permitem percebê-lo, recordá-lo, imaginá-lo, conhecê-lo.

Vale ressaltar, ainda, que Husserl (1952/2002) sustenta suas análises na possibilidade humana de não apenas apreender, perceber, recordar, imaginar, conhecer, mas de se dar conta de realizar estes atos. Assim, as análises de Husserl são possíveis, pois, enquanto humanos, podemos nos dar conta de nosso perceber, de nosso conhecer, que tende ao percebido, que tende àquilo que é conhecido – isso é, pois há um terreno transcendental da subjetividade, previamente apresentado.

Husserl (1952/2002) busca integrar todos esses momentos do conhecimento. É nesse sentido que não estuda um objeto *per se*, mas leva em conta quais atos da consciência permitem que este objeto se dê para nós, partindo do pressuposto de que podemos nos dar conta destes atos ao vivê-los. Trata-se da mudança de disposição diante do objeto de estudo: passa-se de uma atitude naturalista para uma atitude filosófica, trata-se de reconduzir o conhecimento às suas fontes mais originais.

Husserl (1952/2002) compreende o objeto físico e material como algo que tem extensão no espaço, que tem um esquema sensorial e que preenche o espaço qualitativamente, seja pela cor, pelo odor, entre outros. Além disso, essa “coisa” está em relação constante com as circunstâncias, sendo que determinados estados da mesma variam de acordo com a variação das circunstâncias. No polo noético, dos atos de consciência, Husserl observa que nossa apreensão reificadora da coisa material, que a apreende, tem dois momentos: apreendemos as qualidades que se mantêm apesar das variações circunstanciais, e apreendemos aqueles estados que variam conforme as circunstâncias, em relação causal (Husserl, 1952/2002; Ricoeur, 1967).

Interessa apreender como Husserl busca descrever os sentidos da “coisa material”, uma “coisalidade” que seja válida para todos os objetos individuais e fáticos que pertençam à região “coisa material” (seja uma árvore, uma cadeira, uma folha, etc.), e, assim, características que definam a região ontológica da matéria, analisando-as em relação com a forma como as apreendemos. Husserl (1952/2002), ao discutir a coisa física e material, percebe que, para analisá-la completamente, é necessário que se compreenda como essa coisa se refere a um corpo vivo, pois é por meio das sensações desse corpo que as qualidades sensíveis da matéria podem se mostrar à consciência. Husserl (1952/2002) afirma que o corpo vivo “participa necessariamente a qualquer percepção” (p.60), sendo portador de sensações, sejam estas visíveis, táteis, auditivas, etc, que constituem a percepção, de forma que

qualquer realidade do mundo circunstante do eu tem uma relação própria com o corpo vivo [...] este se torna portador do ponto zero de orientação, do ‘aqui e agora’, com base nos quais o *eu* intui o espaço e todo o mundo sensível. [tradução nossa] (p. 60)

O corpo vivo inaugura outro estrato ontológico, já que se diferencia essencialmente de um corpo material inanimado. O corpo vivo, diferentemente do corpo inanimado, mostra-se como corpo que é sede de um fluxo ininterrupto de vivências, um corpo propriamente vivo, que, conforme mencionado anteriormente, possui sensações. São as sensações, sobretudo

aquelas localizadas (relacionadas ao tato) que permitem constituir o corpo vivo e próprio na experiência direta de si mesmo. Ao tocar um objeto, por exemplo, dá-se, simultaneamente, a experiência do objeto e do próprio corpo vivo, tratando-se de uma espécie de conexão que constitui duas “coisalidades” (Husserl, 1952/2002).

Assim, a depender da direção a que se volta a atenção, percebe-se a superfície do objeto tocado ou a superfície do próprio corpo, marcada por campos de sensações localizadas. Além disso, ao tocar um objeto, a superfície do corpo vivo toca e é tocada, evidenciando a duplicidade que marca a corporeidade: constitui-se como coisa material, com extensão e qualidade – tal qual outro objeto material, e como coisa “com sensações” em si e sobre si. Ressalta-se que a corporeidade viva não é intencionada como algo físico ao qual se anexa um estrato sensível, mas é apreendido unitariamente como um corpo com um campo sensorial. O estrato físico-material e o estrato sensível podem ser dissociados somente de forma abstrata. Na experiência “direta” que se faz do corpo vivo, este se dá unitariamente (Husserl, 1952/2002).

Dessa forma, a apreensão do corpo vivo, com o seu estrato sensível e sendo sede de um fluxo ininterrupto de vivências, desvela outra esfera ontológica, além daquela material: a esfera psíquica, que o anima, que o “torna” vivo. Essa esfera, denominada psique, é a unidade das vivências psíquicas, nas quais se manifesta; em outras palavras, as vivências psíquicas são os “modos de comportamento” da *psique*. Assim como a coisa material, que possui propriedades materiais (por exemplo, cor, textura, peso, entre outros), a psique é substrato de propriedades pessoais que caracterizam determinado indivíduo (suas características intelectuais, afetivas, práticas, imaginativas, etc), sendo que cada uma destas propriedades se relaciona com grupos de vivências psíquicas determinadas, relativas ao intelecto, ao afeto, e assim sucessivamente (Husserl, 1952/2002).

A psique, ainda em analogia com a coisa material, também tem seus comportamentos, as vivências psíquicas, relacionadas e articuladas às circunstâncias reais, em um jogo entre modos de comportamento e circunstâncias do comportamento. Desta forma, tanto a psique quanto a coisa material são realidades em relação com outras realidades. A realidade psíquica está em relação de causalidade com o corpo vivo e suas propriedades somáticas, bem como com o próprio fluxo de vivências: justamente por ser um fluxo, o conjunto de vivências atuais depende do conjunto de vivências anteriores, ou seja, um novo estado psíquico depende do estado anterior para se dar (Husserl, 1952/2002). Nas palavras de Husserl (1952/2002): “As vivências passadas não desaparecem sem deixar rastros, cada vivência tem repercussões. A essência da psique comporta uma contínua reformação e replasmação de disposições que estão sob as conhecidas nomenclaturas de associação, hábito, memória [...]”[tradução nossa] (p. 139).

Contudo, diferentemente da coisa material, a vida psíquica não se estende no espaço, mas, conforme mencionado, dá-se em fluxo, e para que haja fluxo, é necessário que a vida psíquica passe por transformações constantes em seus estados e propriedades, estendendo-se, desta forma, no tempo. É através de sua ligação com o corpo, que a psique ganha “localização” (Husserl, 1952/2002).

Vale ressaltar, mais uma vez, que na apreensão “empírica” de um humano, ao encontrar-se, no cotidiano, com outro ser humano, o corpo e a psique se dão unitariamente. Este “eu” que encontramos não é o corpo e não é a psique; o corpo e a psique se dão como duas realidades compenetrantes, mutuamente dependentes, em que a psique é apreendida como unidade em si, mas dada de modo conectado com outra unidade, o corpo vivo. Este carrega um elemento material que o coloca no contexto da natureza, um corpo material. Nesse sentido, Husserl (1952/2002) exemplifica:

Nós dizemos que alguém é um homem de caráter, é um homem virtuoso, é alegre ou melancólico, que tem um temperamento colérico, que é apaixonado, etc. Mas

contemporaneamente, se diz também que ele dança, que faz ginástica, que come, que escreve cartas [...], que é um bom bailarino, mas um ginasta discreto; do mesmo modo, alguém pode dizer que: ele foi batido, picado, tocado, e isso quando o seu corpo vivo sofreu influxos correspondentes, isto é, quando [*o corpo*] foi batido, picado, tocado [...] No discurso normal em primeira pessoa (no uso normal dos pronomes pessoais em geral) o termo ‘eu’ abraça o ‘homem inteiro’, alma e corpo. Por isso se diz: eu não sou o meu corpo, mas tenho o meu corpo, eu não sou a minha alma, mas tenho uma alma [tradução nossa] (p. 98)

Husserl ainda chama a atenção para a falsa contraposição entre corpo e psique, estando contrapostos, na realidade, a natureza material e a unidade corpo vivo e psique (Husserl, 1952/2002). Husserl (1952/2002) afirma, ainda, encontrar na análise dos atos psíquicos:

[...] entre os estados psíquicos, entram também aqueles atos através dos quais o homem tem consciência de si, dos outros homens que estão ao seu lado e da realidade restante que o circunda, através dos quais, vê tudo aquilo diante de si, toma consciência destes [...] neste âmbito, estão, por exemplo, os atos através dos quais ele pratica a ciência natural física, a psicologia, a histórica, etc. ou através dos quais, opera como homem ativo na vida prática, usa as coisas do seu mundo circunstante, as transforma em função dos seus objetivos, utilizando-as de um ponto de vista estético, ético, utilitarista ou através dos quais se coloca em uma relação comunicativa com os outros homens, falando com eles, escrevendo cartas, lendo sobre eles nos jornais, ligando-se a eles em ações comuns [...] um número enorme de curiosas relações entre o sujeito e seu mundo circunstante pertencem a este âmbito, relações que se fundam todas nisto: que o homem sabe de si, dos outros homens e de um mundo circunstante a todos eles comum. Este mundo não contém meras coisas, mas também objetos de uso (vestimentas, utensílios domésticos, armas, instrumentos), obras de arte, produtos literários, meios de ação religiosa, legal [...] e não contém somente pessoas singulares: as pessoas são, sobretudo, membros de comunidades, de unidades pessoais de ordem superior [...].[tradução nossa] (p. 186)

Husserl (1952/2002) nos convida a observar que:

Quando presentificamos qualquer uma dessas relações pessoais, se conseguimos, por assim dizer, nos transportar para dentro da vida das pessoas que vivenciam essas relações e, se depois, na reflexão, conseguimos dispor, sob a lente fenomenológica, seus modos de datidade, nos damos conta de estarmos em uma abordagem essencialmente diversa daquela naturalista, que antes era a nossa. [tradução nossa] (p. 187)

Assim, para ele, essa classe de atos só pode ser apreendida – e, portanto, vivenciada por nós – em uma abordagem distinta daquela que fora utilizada para a apreensão do objeto

material, da corporeidade e do psiquismo. Sustentando a relação entre objeto e modo subjetivo de apreendê-lo, entre noese e noema, Husserl (1952/2002) pode afirmar que se trata de uma classe de atos distinta daqueles do corpo e da psique, trata-se de uma nova região ontológica, aquela da subjetividade pessoal ou espiritual, do espírito.

De acordo com Ricoeur (1967), Husserl se dá conta de que, cotidianamente, ao deparar com um outro, não o percebo como determinado psicofisicamente de modo causal, mas o percebo em relação com um mundo circunstante, com outros indivíduos, com comunidades, e motivado por essas relações. Trata-se de uma outra forma de relação que não é pautada pela causalidade, mas pertence à motivação. As pessoas se relacionam consigo, com o outro e com o mundo apreendendo sentidos e interagindo com os mesmos, colocando-se em relações motivacionais, isso é, conexões por nexos de sentido (Husserl, 1952/2002; Stein 1922/1999, 1933/2000). Tais relações pertencem ao domínio espiritual – aquele propriamente humano – e conforme mencionado, relaciona-se com a possibilidade humana de saber de si, do outro e do mundo.

As construções teórico-filosóficas propostas por Husserl e Stein, bem como as diretrizes metodológicas pertencentes ao método fenomenológico extensiva e cuidadosamente explorado por aquele, mostram-se férteis para o desenvolvimento de investigações de outras naturezas, filosóficas e empíricas. Assim, partindo do método fenomenológico e reconhecendo a complexidade e a estratificação da realidade, abre-se um campo para a interdisciplinaridade no fazer fenomenológico, incluindo a psicologia e a pesquisa empírico-psicológica (Ales Bello, 2016; Barreira, 2017; Marandola, 2020). No escopo dos cuidados psicológicos, Ales Bello (2016) aponta para a contribuição que a descrição antropológica fenomenológica tem a oferecer ao campo, no sentido de sustentar uma atuação psicológica não-reducionista e compreensiva, que preserva a complexidade do sujeito, sem reduzi-lo a um de seus estratos, corpóreo, psíquico

e espiritual; ou, ainda, a reduzir a abordagem personalista por aquela naturalista, ou vice-versa, que resulta na fragmentação do sujeito e do cuidado.

3. Justificativa

Considerando que a Reforma Psiquiátrica se configura como processo dinâmico, sujeito a avanços e retrocessos, faz-se necessária, a elaboração, a investigação, a consolidação e o aprofundamento de modalidades de cuidado alinhadas ao modelo psicossocial que possam responder às necessidades de saúde emergentes no campo. Nesse sentido, o GCSM se encontra como espaço de cuidado psicossocial, que se consolidou ao longo dos anos, configurando um recurso que pode inspirar outras práticas comunitárias, de cuidado em saúde mental e de formação de redes horizontalizadas neste campo (Crovador, 2012; Hormanez, 2021; Minaré, 2021; Rocha, 2015). Além disso, o GCSM tem contribuído não só no âmbito da extensão à comunidade, mas, também, da formação e capacitação de pesquisadores, profissionais e estudantes para trabalharem em um paradigma ampliado de cuidado, um dos pilares da integralidade em saúde (Pinheiro, 2017).

Conforme discutido anteriormente, as pesquisas com grupos, sobretudo no campo da prevenção e da promoção em saúde mental focam, majoritariamente, na mensuração dos resultados das práticas obtidos no tempo hábil da investigação, na perspectiva dos participantes, em termos de pré e pós-teste, a partir de delineamentos quantitativos. Este estudo consiste, por sua vez, em uma investigação empírica, sistemática e qualitativa de uma modalidade de grupo, conforme esta se atualiza nas próprias sessões grupais. Com isso, apreende-se o processo do grupo e não só os resultados da prática a partir de uma perspectiva única, como a dos participantes. Ademais, investiga-se a prática tal qual acontece *in loco* e de forma continuada, isto é, no contexto cotidiano do serviço, aproximando a realidade dos serviços e das práticas à produção de conhecimento. Nesse sentido, contribui com a complementação e a diversificação do campo de conhecimento sobre grupos e com a área da saúde mental.

Assim, com esta pesquisa, busca-se compreender a referida modalidade, o Grupo Comunitário de Saúde Mental. Busca-se fazê-lo de maneira original, a partir das próprias

sessões grupais, isto é, da atualização dessa estrutura na prática do grupo, em seu acontecimento, em seu processo grupal. A descrição e compreensão sistematizada desta matriz de sentidos contribui com o refinamento da modalidade, que conforme explicitado, consolidou-se e é reconhecida como um dispositivo importante no campo, mas, também, contribui com a inspiração e criação de outras modalidades e dispositivos que possam efetivar os princípios norteadores do cuidado no modo psicossocial.

4. Objetivos

4.1. Objetivo Geral

Compreender o Grupo Comunitário de Saúde Mental, por meio de análise das sessões grupais, fundamentada pela Fenomenologia Clássica.

4.2. Objetivos Específicos

Os objetivos específicos são: 1) compreender elementos presentes nas sessões que dão sustentação à atividade proposta; 2) compreender o processo grupal e 3) compreender o potencial terapêutico da prática, a partir da perspectiva das sessões.

5. Método

"Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:
a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca [...]"
(Barros, 2016, p. 15)

Os métodos de pesquisa portam, em si, uma ontologia e epistemologia, em outras palavras, concepções sobre o ser, o mundo e sobre a possibilidade de conhecimento (Giorgi & Souza, 2010). Neste estudo, será adotada a abordagem qualitativa em pesquisa, a partir do referencial filosófico, epistemológico, teórico e metodológico da Fenomenologia Clássica. O método e a atitude fenomenológicos serão utilizados ao longo de todo o percurso investigativo, buscando compreender o GCSM, conforme esse fenômeno se desvela, se mostra, nas sessões grupais – as operações analíticas, inspiradas na fenomenologia e aplicadas neste estudo, serão descritas detalhadamente adiante.

5.1. Considerações Éticas

Esta pesquisa se caracteriza como estudo de documento histórico, uma vez que os grupos são rotineiramente gravados e constituem registro pertencente ao HD-FMRP-USP, cujo armazenamento e estudo já foram previamente autorizados (Protocolo nº 2009.1.2282.59.3). Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da FFCLRP-USP (CAAE nº 78475717.5.0000.5407), após apreciação segundo as Resoluções 466/12 sobre “pesquisa envolvendo seres humanos” e 510/16 sobre “pesquisa em Ciências Humanas e Sociais” (Conselho Nacional de Saúde, 2012; 2016) (Anexo A).

Foi aprovada a liberação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, considerando que o estudo se constitui como análise de documento histórico e o grupo em questão conta com cerca de trinta a quarenta participantes que variam a cada grupo. Sobretudo, trata-se de uma modalidade comunitária de promoção de saúde mental, aberta à população, que enfatiza o

compartilhamento de experiências do cotidiano; não se trata, assim, de um trabalho clínico-terapêutico no sentido convencional do termo. Além disso, as identidades dos participantes foram preservadas e nomes fictícios foram adotados.

5.2. Contexto do Estudo

Foram estudadas sessões do Grupo Comunitário de Saúde Mental ocorridas no Hospital-Dia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP (HD-HC-FMRP/USP), onde o GCSM nasceu e continua ocorrendo desde então. Esse serviço é um hospital-escola que atende até 16 pacientes adultos, entre homens e mulheres, através de internação parcial, com duração de oito horas por dia; além de cerca de 30 pacientes em ambulatório de pós-alta. Contando com equipe multidisciplinar, realiza atividades como psicoterapia de grupo, atendimento individual, atividades grupais para familiares (Lorenzi et al. 2012), além de atividades físicas, terapia ocupacional, reuniões comunitárias, o coral comunitário, atividades de acompanhamento de egressos do serviço, entre outros. O GCSM, no Hospital-Dia, acontece semanalmente e reúne cerca de 30 a 40 participantes, entre usuários, ex-usuários, profissionais, estudantes e membros da comunidade, em geral (Ishara & Cardoso, 2013). A seguir, encontra-se um relato provindo do diário de campo da pesquisadora que aproxima o leitor de forma vivencial ao contexto do estudo.

As sessões do Grupo Comunitário de Saúde Mental no Hospital-Dia (HD-HC-FMRP-USP) acontecem semanalmente às terças-feiras, das 8h30 às 10horas. As sessões grupais se realizam em uma sala do serviço, destinada à maioria das atividades do hospital que se desenvolvem em grupo, comportando cerca de 40 pessoas. Organizadas para o Grupo Comunitário, as cadeiras da sala, cerca de 30 a 40, de diferentes tipos, formatos e tamanhos, encontram-se dispostas em alguns semicírculos concêntricos, para comportarem todas as pessoas naquele espaço. Ao centro da sala, encontra-se o projetor conectado a um notebook e

uma caixa de som, que viabilizam o compartilhamento dos elementos culturais trazidos pelos participantes no momento do Sarau – o projetor direciona-se a um telão posicionado sobre um tripé que “fecha” os semicírculos.

Chegando um pouco mais cedo do que o horário de início do grupo, pode-se acompanhar a movimentação que o antecede, em que as portas da sala serão fechadas e os participantes já se encontrarão sentados. Por volta das 7h50, encontra-se o coordenador e alguns participantes trazendo cadeiras para a sala do grupo e dispendo-as no espaço, preparando os equipamentos tecnológicos, ligando o ar-condicionado, fechando as janelas. Nesse momento, a porta da sala encontra-se aberta ao corredor que deve ser atravessado para alcançá-la, formando um único espaço, que acolhe a movimentação que vai se intensificando à medida que se aproxima o horário da sessão. Assim, os participantes vão chegando e se acomodando, aqueles que se conhecem, se reencontram, se cumprimentam. Os profissionais e os usuários, que já estão no serviço neste horário, vão se organizando e se dirigindo para a sala em que a sessão será realizada.

Já próximo ao início do grupo, os participantes encontram-se sentados nas cadeiras anteriormente dispostas, preenchendo a sala. Usualmente, o coordenador levanta-se para fechar a porta, pontualmente às 8h30, sinalizando, de certa forma, o início da atividade, e aquela movimentação que antecedia seu início da sessão dá lugar a uma espécie de silêncio, seguido por uma comunicação do coordenador que acolhe a chegada dos participantes e explicita verbalmente o início das atividades.

A sessão grupal tem duração de aproximadamente 1h30, e, conforme exposto, é dividida em três etapas: Sarau, Relato de Experiências e Etapa Reflexiva. Após o seu término, os participantes fazem, espontaneamente, um momento de conversas e de despedidas informais em “rodas” menores, em uma espécie de confraternização, enquanto o coordenador e alguns voluntários “desmontam” os equipamentos utilizados durante o grupo, como o projetor, a tela

e o computador. As cadeiras são rearranjadas para a atividade seguinte, pertencente ao conjunto de atividades terapêuticas do HD, o coral comunitário.

5.3. Construção do Corpus

O corpus foi constituído a partir de dois elementos: transcrições de sessões do Grupo Comunitário de Saúde Mental, a partir das áudio-gravações constituintes de documentação histórica do HD-FMRP-USP, e registros realizados rotineiramente em diário de campo pela pesquisadora. Optou-se por estudar as sessões grupais uma vez que a modalidade se atualiza nesse contexto. Fenomenologicamente, compreende-se que, por meio das sessões grupais, consegue-se acessar a atualização coletiva da proposta do Grupo Comunitário de Saúde Mental que se mostra no aqui-agora. Trata-se de estudar a modalidade conforme esta se efetiva em meio intersubjetivo.

Assim, foram transcritas oito sessões grupais, ocorridas entre março e maio de 2017, necessariamente: (a) no contexto do HD-HC/GMRP-USP e (b) coordenadas pelo idealizador e coordenador da modalidade desde seu início, de forma a certificar a apreensão da estrutura intencional do Grupo Comunitário de Saúde Mental. O número de sessões grupais está relacionado com o tipo de investigação proposta, ou seja, trata-se de um estudo qualitativo de orientação fenomenológica, em que não se aplicam os critérios de validade de pesquisas quantitativas, mas, sim, critérios de rigor pertinentes à epistemologia e à metodologia qualitativa, e mais especificamente, fenomenológica (Giorgi & Souza, 2010).

Levou-se em conta, ainda, a experiência de pesquisa prévia com essa intervenção, dada a complexidade do estudo de grupos, em suas múltiplas dimensões (Prado, 2017; Prado & Cardoso, 2020a, 2020b). Seis sessões foram analisadas na íntegra, sendo que o critério de saturação foi utilizado para interrupção da análise. Quando a análise das transcrições e a elaboração das unidades de sentido começaram a se repetir nos diferentes grupos estudados,

apresentando consistência, suspendeu-se o estudo de novas sessões grupais (Fontanella, Ricas & Turato, 2008).

Conforme já mencionado, a pesquisadora participava dos grupos regularmente e manteve registro dos grupos em diário de campo, que tal qual as transcrições, constitui documento histórico. As anotações referentes aos grupos estudados foram utilizadas, quando necessárias, visando à complementação do material obtido pelas áudio-gravações e respectivas transcrições, captando aspectos vivenciais.

5.4. Análise do Corpus

O percurso de análise fenomenológica visa explicitar a estrutura fundamental e invariante do fenômeno, que, no caso desse estudo, é o Grupo Comunitário de Saúde Mental. Barreira (2017) e Giorgi e Souza (2010) explicitam um *modus operandi* da pesquisa fenomenológica, que transcende os “passos” metodológicos, abrangendo todo o percurso investigativo: trata-se do exercício reflexivo e crítico do pesquisador e a manutenção do rigor, ao longo da análise, característicos do método fenomenológico. Com essa atitude básica de pano de fundo, explicita-se, a seguir, os momentos e as operações que compõem o percurso analítico desse estudo, inspirado nas sugestões metodológicas dos referidos autores e no estudo desenvolvido anteriormente (Prado, 2017).

Primeiramente, busca-se possibilitar uma compreensão do fenômeno conforme singularmente desvelado em cada sessão grupal, e assim, em seu horizonte existencial, a partir de um “suporte empírico” (Barreira, 2017). Nesse momento, não se almeja a redução à estrutura do fenômeno em si, mas a como esta aconteceu em cada sessão específica, levando-se em conta particularidades e especificidades de cada uma delas. Procedeu-se, dessa forma, à descrição e análise de cada sessão grupal, individualmente e na íntegra, que culminou na composição de um texto descritivo e analítico para cada sessão grupal, contendo trechos literais da sessão,

organizados seguindo a ordem de ocorrência no grupo. Dessa maneira, obtém-se um panorama descritivo, analítico e compreensivo do fenômeno e do processo grupal de cada sessão, anteriormente à retirada de recortes para elaboração de unidades de sentido – evitando, assim, a abstração precoce dos recortes de seu contexto generativo, afastando-se de um reducionismo. Apresentamos, ao final da Tese, a análise processual de uma sessão, de modo a dar visibilidade ao leitor do fenômeno grupal conforme se mostra em uma sessão, enquanto um todo. Buscamos, com isso, preservar alguns elementos experienciais presentes em uma sessão do GCSM e explicitar e exemplificar os momentos iniciais da análise de cada uma dessas sessões, que viabilizou a elaboração das unidades de sentido (Apêndice A).

Num segundo momento de análise, iniciou-se um processo comparativo que toma o conjunto de sessões já analisadas individualmente, inspirado no gesto denominado por Barreira (2017) de “Cruzamento Intencional”. Trata-se de um processo analítico comparativo, em que, no caso deste estudo, as diferentes sessões são contrastadas visando à apreensão do que é essencial ao fenômeno estudado, o GCSM, sua estrutura intencional. Este momento do método pretende alcançar certa generalização na medida em que busca ultrapassar a contingência fática dos fenômenos, isto é, a descrição de um objeto concreto e individual, conforme empiricamente dado, embora este seja um passo importante do método. Procura-se, dessa forma, estruturas intencionais invariantes do Grupo Comunitário que sejam válidas em suas manifestações singulares. Em termos operacionais, procede-se à elaboração de unidades de sentido, que agrupam sentidos comuns ao objeto tematizado, o GCSM, no conjunto de sessões grupais.

Nos momentos finais da investigação, realiza-se um retorno desse conhecimento teórico acessado fenomenologicamente, colocando-o em diálogo com o conhecimento previamente dado. Barreira (2017) propõe que uma Psicologia Fenomenológica, e assim, a investigação empírico-fenomenológica no campo, alterna e sintetiza os interesses pelo “mundo teórico” – aquele acessado de forma rigorosa e meticulosa, mediante a realização de reduções

fenomenológicas – e pelo “mundo natural”, isto é, empírico, pelo mundo-da-vida e pela prática (p. 326). É a partir do retorno e da interlocução entre o conhecimento fenomenologicamente acessado com o mundo cotidiano e empírico que “se cumpre uma síntese a serviço de uma *práxis nova*” (p. 322) e significativa.

Por fim, ressalta-se, que, na transcrição dos recortes e na análise, adotou-se a utilização de alguns recursos gráficos, apresentados na figura a seguir, com seus respectivos significados:

Figura 1. Recursos gráficos utilizados

Recurso Gráfico	Significado
[...]	Supressão de trecho, com sentido de continuidade, realizado pela pesquisadora
...	Pausa no relato ocorrida durante os grupos
[<i>itálico sublinhado</i>]	Explicação da pesquisadora ou indicação de supressão de nomes e instituições
“ <i>itálico entre aspas</i> ”	Citação literal, no texto, de falas dos participantes e coordenador

Fonte: elaborada pela autora.

6. Análise do Corpus

A análise fenomenológica empreendida a partir das sessões grupais, por via de um percurso de reduções fenomenológicas, permitiu a constituição de duas unidades de sentido, intituladas: “A compreensão de ‘experiência’ no contexto do Grupo Comunitário de Saúde Mental” e “A intersubjetividade no Grupo Comunitário de Saúde Mental”.

6.1. Unidades de Sentido

6.1.1. A compreensão de “experiência” no contexto do Grupo Comunitário de Saúde Mental

“Mas alguma coisa acontece
No quando agora em mim”
(Velo, 1993)

A análise das sessões dá acesso à estrutura das mesmas no GCSM: trata-se de um agrupamento de pessoas, motivadas, de maneira geral, pela mesma tarefa de reconhecimento e compartilhamento de experiências vividas no cotidiano pelos participantes. Assim, as experiências operam como um eixo estruturante do processo grupal, permeando o desenvolvimento das sessões grupais como um vetor que dá sustentação, direção e continuidade para as mesmas. A noção de “experiência”, nesse sentido, articula os múltiplos relatos, de forma que, apesar da heterogeneidade, todos esses portam o relatar de uma experiência vivida no cotidiano pelo participante que a comunica.

Nas sessões, a atenção, a identificação, a elaboração e a comunicação de experiências cotidianas vividas pelos participantes mostraram-se como gestos efetivamente realizados pelos participantes, e, portanto, como gestos acessíveis e compreensíveis. A análise das sessões permitiu identificar, ainda, que além de efetivar tais gestos, o coordenador e os participantes

possuem inteligibilidade e apropriação do que vem a ser “experiência” e de seus sentidos que perpassam os próprios gestos de se atentar, identificar, elaborar e comunicar tais experiências vividas por eles.

A compreensão de “experiência” no contexto do GCSM mostrou-se, assim, constituída e atualizada intersubjetivamente, pelos – e para os – participantes e coordenador, durante as próprias sessões grupais, possibilitando que, a partir de análise, esses venham à datidade. Em investigação fenomenológica, tais sentidos não podem ser naturalizados, tomados como óbvios ou, compreendidos, a priori, a partir de determinada teoria, mas, sim, tomados como constituídos em intersubjetividade e vividos nas sessões grupais, isso é, na própria efetivação da atividade em ambiente intersubjetivo. Assim, não se trata de uma análise de concepções do que os participantes falaram que entendem por “experiência”, em perspectiva discursiva e de conteúdo, mas da apreensão dessa compreensão tácita que sustenta o próprio estar no grupo dos participantes e do coordenador.

Desse modo, os sentidos propostos a seguir como característicos da compreensão de “experiência” no contexto do GCSM foram apreendidos a partir da análise das sessões grupais, conforme foram constituídos em intersubjetividade pelo próprio desenrolar da atividade:

Coordenador: [...] a gente se encontra aqui como um trabalho de ajuda, *pra* gente, vamos dizer assim, estar acordado *pra* vida [...] podendo se construir, construir a nossa vida, a nossa pessoa, a partir das coisas que acontecem [...]

(Sessão 2, Introdução ao Grupo)

Coordenador: [*coordenador faz esta comunicação nos minutos que antecedem o início da sessão*] Porque é um momento em que a gente *para pra* pensar, *para pra* lembrar, sobretudo *pra* perceber as nossas experiências de vida [...] Então, nesse tempinho que a gente tem, nesses minutinhos que a gente tem antes de começar o grupo, não vamos desperdiçar esse tempo, vamos aquecendo já *pra* gente buscar perceber as nossas experiências nesses últimos dias [...] [*coordenador dá início à sessão grupal*] O trabalho que a gente faz junto agora, é um trabalho para nos ajudar a ganhar um empenho, um comprometimento, um empenho com a nossa própria vida... quer dizer, a gente estar ligado na própria vida [...] percebendo o quanto a gente *tá* vivo, o quanto a gente *tá* podendo

aproveitar a vida, o quanto a gente *tá* podendo viver, o quanto a gente *tá* podendo ganhar experiência de vida [...]

(Sessão 6, Introdução ao Grupo)

As comunicações do coordenador, com fim introdutório e de contextualização da tarefa do grupo, carregam sentidos que explicitam a tarefa grupal e que podem favorecer a sensibilidade e a inteligibilidade para a compreensão do que vem a ser “experiência” no contexto do trabalho desenvolvido no GCSM. O coordenador faz um convite para que os participantes percebam, lembrem e pensem sobre as experiências vividas por eles, de forma a “*estar ligado*” à própria vida acontecendo.

Ao descrever a tarefa, ele enfatiza a possibilidade de percepção das próprias experiências, de um dar-se conta de si mesmo vivendo a própria vida, de “estar acordado”, com a percepção acordada, diante de si mesmo e das “coisas que acontecem”. A possibilidade de “estar acordado”, para o coordenador, requer um posicionamento ativo do sujeito, no sentido de um empenho e um comprometimento com o exercício de percepção, recordação e reflexão sobre as experiências vividas. Ainda, para ele, cuidar das experiências vividas relaciona-se com a possibilidade de constituição recíproca da pessoa, da própria vida e das experiências vividas.

Dessa forma, o coordenador aponta compreensões de “experiência” relacionadas a certa disponibilidade atenta à realidade e a si mesmo, e à possibilidade de mútua constituição entre realidade e sujeito. Essa disponibilidade atenta desvela certa dimensão paradoxal da experiência vivida: trata-se de uma permeabilidade aos acontecimentos que chegam, mas que não se encerra em reações de passividade ou do tipo estímulo-resposta – embora essas disponibilidades do sujeito possam permear o vivido. A “experiência”, com o sentido de disponibilidade atenta, implica um direcionamento da intencionalidade do sujeito, de seus atos intencionais, que permitem perceber, atentar-se, significar, refletir, posicionar-se e compartilhar a experiência vivida.

Sob o ponto de vista da coordenação e do processo grupal, o coordenador não fornece explicações teórico-técnicas de um conceito, mas faz comunicações que dispõem recursos que provocam os participantes a uma abertura para a tarefa, e também, instigam certa sensibilidade e inteligibilidade acerca da compreensão de “experiência” que se constitui no contexto do GCSM, anteriores ao entendimento racionalizado do termo. Embora o coordenador conheça a tarefa do grupo e suas bases teóricas, a forma como se expressa acerca da noção de experiência, nas sessões, mostra a natureza tácita dessa compreensão, que não se reduz a entendimentos racionalizados ou abstratos da mesma. A inteligibilidade acerca do que vem a ser “experiência” também perpassa as comunicações dos participantes:

Adélia: Sobre o que eu ia contar? Então, é sobre um vídeo de Paul McCartney cantando uma música dele [*Coming-Up*]... que ele fala de caminhar, que eu relatei muito, assim, como eu *tô* num processo, assim, quinta-feira é o meu último dia aqui como paciente, como interna... é... eu percebi, assim, que nesses últimos dias, desde quando eu percebi, entendi, comecei a pensar sobre isso... é... eu tenho ficado mais ansiosa de manhã, e tem me despertado desejos... de novo. Porque antes eu nem pensava, assim, ficava chorando muito, ou ficava muito nervosa né, e não sobrava tempo, parece, *pra* desejar coisas, planejar coisas de novo, né, e até retomar alguns planos que eu tinha antes, né. E eu acho que, assim, a música, ela não fala exatamente disso, mas ele fala... ele vai soltando frases de desejos, assim, e me veio muito essa palavra na cabeça, né, e aí eu tinha pensado em trazer, hoje, por causa disso né [...] ela fala, assim, de várias coisas, são desejos, acho que a gente tem em comum, de ter um futuro melhor, de que todos possamos compartilhar né, mas ao mesmo tempo, acho que o que mais me marcou, que fez ... foi vindo palavras na minha cabeça, sabe? Como “consciência” e veio “desejo”, né? Coisas que eu não *tava* tendo na cabeça, assim, *pra*... na verdade, não tá boa assim, mas assim, já tá começando a aparecer sabe, e isso me deixa eufórica... né? Eu percebi, assim, que o meu coração, ele bate mais rápido...

(Sessão 1, Sarau)

Caetano: É... eu tenho um amigo que ele *tá*, assim, ele *tá* meio ruim assim [...] também já *tá* de idade, aí fica difícil, aí ele é santista também, aí eu fui *na* casa dele *pra* gente assistir o jogo do Corinthians, tem TV a cabo, *pra* gente secar o Corinthians junto [...] Aí a gente assistindo o jogo lá, aí ele me falou uma frase que, assim, que *furô* eu por dentro, sabe? Porque eu acho que eu já *tô* fazendo isso que ele me disse sabe? Ele... Ele disse assim *pra* mim: que ele já *tá* quase indo, não sai de casa, fica de cama, tudo, ele disse assim: Ô Caetano, sinta a vida quando ela te dá oportunidade, então, eu acho que eu *tô* sentindo a vida já enquanto ela me dá oportunidade [...] antes de ir *pra* lá *pra* casa dele, eu passei o domingo de Páscoa, assim, foi o melhor da minha vida, porque quando eu tinha

os domingos de Páscoa na minha casa, é... a gente não passava com tanta fartura quanto a gente passou esse domingo de páscoa, foi bacalhau, ovo de páscoa, tudo que *cê* tem direito, a gente comeu [*risos*] então foi uma experiência que eu fiz de boca cheia, é isso.

(Sessão 2, Sarau)

Coordenador: [...] me parece que várias das histórias, das experiências, falam disso... de poder ser, entre aspas né, atropelado pelas coisas que acontecem, desde coisas simples, como o palito de sorvete [...] ou o desejo de andar no trenzinho [*referência às experiências relatadas naquela sessão por alguns participantes*], essas experiências né, quando eu digo atropelados pelas coisas que acontecem, quero dizer, mexidos, movidos, mobilizados, chacoalhados pelas coisas que acontecem, que nos surpreendem, mexem [...]

(Sessão 5, Relato de Experiência)

As comunicações de Adélia, de Caetano e do coordenador são permeadas pela compreensão que fazem acerca do convite do GCSM e, portanto, do que vem a ser “experiência”. Nota-se como os participantes, ao relatarem suas próprias experiências, também criam, atualizam e efetivam tais compreensões, contribuindo com a constituição intersubjetiva e não-racionalizada desses sentidos: a experiência como algo que faz o coração acelerar ou que “fura” por dentro.

Além disso, em contato com a própria sessão grupal, os participantes e o coordenador podem reconhecer outras e novas formas de descrever o que apreendem por “experiência”, como pode ser exemplificado na comunicação do coordenador apresentada: “*me parece que várias das histórias, das experiências, falam disso... de poder ser, entre aspas né, atropelado pelas coisas que acontecem*”. Nota-se que o coordenador deriva uma compreensão e uma forma de expressar o que vem a ser “experiência” no grupo, a partir da escuta dos relatos de outros participantes. Compreende-se que o (re)conhecimento de novas formas de significar o que vem a ser “experiência” para o grupo mantém a vitalidade desta compreensão e a abertura às suas múltiplas possibilidades empíricas, trazidas nos relatos dos participantes e do coordenador.

Os recortes anteriores ilustram os sentidos de “experiência” que foram constituídos intersubjetivamente nas sessões analisadas, dentre esses, o sentido de experiência como mobilização de si mesmo a partir de um acontecimento. Essa mobilização é descrita, por quem relata, em termos do impacto vivido a partir de um encontro entre si mesmo e um ou mais objetos, que é reconhecido a partir de sua intensidade. Vale pontuar que o termo “objeto” é utilizado em sentido abrangente, tomado fenomenologicamente como aquilo para o qual se volta a consciência. Dessa forma, esse objeto pode ser a frase do amigo, o próprio amigo, a experiência com o amigo, ou o coração acelerado, a percepção da emergência de desejos em si mesmo, os próprios desejos, entre outros.

Assim, nos relatos têm destaque as dimensões de um encontro com um ou mais objetos e de uma intensidade vivida a partir deste encontro que não deixam o sujeito em uma posição de imobilidade: a percepção que faz o coração acelerar, que deixa eufórica, a frase que fura por dentro, a possibilidade de ser atropelado, mexido, chacoalhado por aquilo que lhe acontece. Isso é, os participantes, nas sessões, trazem referências a uma vivência de mobilização experimentada corporal e psiquicamente como uma intensidade, ainda que em registro metafórico. Essa intensidade parece imprimir um relevo à experiência relatada pelo participante, vivenciada em meio a tantas outras no cotidiano, mas recordada e selecionada como uma experiência significativa que poderia ser compartilhada no grupo.

Nota-se, mais especificamente, como a corporeidade se mostra envolvida nas experiências vividas, em seu reconhecimento e em seu relato. O coração acelerado de Adélia, por exemplo, “apresenta” à participante certa tonalidade afetiva relacionada ao perceber-se desejando e fazendo planos, e imprime um relevo a tal experiência. Além disso, a referência à corporeidade comparece nas comunicações como possibilidade de dar expressão metafórica ao impacto e à intensidade de determinada experiência vivida: o coração acelerado, a frase que ‘furo’ por dentro, a possibilidade de ser mexido, chacoalhado.

Além disso, a descrição de uma “experiência”, que se destaca por via dessa mobilização, não corresponde, no grupo, ao relato de um fato:

Adriana: Eu gostaria de compartilhar, me chamo Adriana e [...] nesse final de semana, nós fomos *na* casa da minha avó paterna, a única viva, e ela tem 94 anos e aí ela já *tá* bem magrelinha, tortinha, cabelinho branco, e ela sempre foi muito vaidosa, mas agora ela não quer mais pintar o cabelo, ela aderiu realmente que ela está idosa, né? E... eu nunca tinha observado a minha vó com os olhos que eu olhei, assim [...] E no ano passado, ela perdeu 2 filhos no período de 3 meses, e eu já tinha até trazido aqui no ano passado...no Sarau do Grupo Comunitário da força do meu pai de ver enterrados meus tios e ainda falar “a vida continua”, e eu sempre fiquei muito curiosa de saber de onde vinha aquela força. E, aí no sábado, quando eu fui abraçar a minha avó, no portão, que eu abracei... aquele ser tão fragilzinho assim e falei “e aí vó como é que a senhora tá?”. “Ah filha! Tirando o que *tá* ruim, o resto *tá* bom e aí que eu me toquei assim... me deu um chacoalhão de ver que, poxa, já sei de onde vem essa força do meu pai, né? Tirando o que *tá* ruim, o resto *tá* bom...E aí eu fiquei pensando, mas o que ela tem de bom? Uma senhora de 94 anos com dificuldade de andar, do portãozinho até onde nós sentamos, ela teve muita falta de ar e aí eu fui observando o que ela tinha de bom e ela tinha tanta coisa boa, tanta coisa boa! E aí, me chamou a atenção quando eu olhei assim *pro* varalzinho: [...] o vestidinho dela lavado... e eu “vó, a senhora lavou isso aqui onde? A senhora lavou na máquina?”, “não, filha, eu lavei na mão” [...] aquela energia, aquela delícia assim de passar o dia com ela, sabe? E aí, fez café e como uma boa italiana... tem que comer, né? *Pra* mostrar que tem amor, tem que comer e aí encheu a mesa... falei “vó, mas acabamos de almoçar”... e ela “imagina, vocês estão magrinhas” [...] e ela querendo que a gente comesse... pra mostrar a felicidade, o amor...

Caetano: gostei da sua avó [*risadas no grupo*]

Adriana: Vou te levar lá... você sai gordo de lá. E essa ânsia de viver com 94 anos e aí quando a Cássia fala: “tá, tem que me reinventar” [*referência a um dos relatos daquela sessão*], me lembrou muito essa história, dessa lição, assim, pra gente de uma senhora de 94 anos, que só tem dois filhos vivos e ainda nessa ânsia de viver e de mostrar pra gente. E aí eu fiquei prestando atenção nela, assim, teve uma hora que ela parou, que ela abriu a boca, assim, a boquinha dela assim... e eu falei “nossa, é meu pai”, sabe? E aí eu fiquei pensando “Poxa, agora eu sei de onde veio a força do meu pai, né? Tem razão, assim, da hereditariedade, e aí eu fiquei muito agradecida, assim, de ter, na família, uma pessoa tão forte assim, que não deixa a peteca cair, sabe? Que não deixa a gente... porque minha mãe também é muito semelhante a isso, então, nessa família, assim... que impulsiona os filhos *pra* vida, que dá essa força *pra* nós, assim...

(Sessão 1, Relato de Experiências)

Caetano: Eu *tava*, no domingo, eu *tava* comendo né, *tava* eu, meu pai e minha mãe, a gente *tava* comendo, o meu pai falou uma frase, assim, uma frase

pequeninha, mas, assim, que foi uma frase que fez...fez o coração acelerar. Porque a gente *tava* comendo e a comida *tava* gostosa, né, minha mãe fez salpicão assim, aí, eu falei assim, meio com a boca cheia, né [*faz a expressão*]: “Nossa pai, é bom *comê*, né?”. E aí o meu pai falou: “não, filho, o bom é comer junto”, aí ele falou isso e eu pensei, né: quantas e quantas vezes a gente comeu junto e eu nem pensei nisso, de *tá* comendo junto, e ele *tá* pensando em comer junto, em comer comigo, sabe, comer junto comigo, com a minha mãe... então esta frase dele foi bem marcante para mim.

Coordenador: Repete a frase dele...

Caetano: Eu falei assim: “é bom comer, né, pai”. Ele falou: “não, bom é comer junto”

(Sessão 1, Sarau)

Maria Rita: Minha experiência foi no domingo, Dia das Mães. Desde 1996, eu tenho muita dificuldade pra... não sei se é a palavra certa... é... aceitar o dia das mães né, tenho mãe também, sou mãe... mas é porque em 1996 eu perdi uma filha de 3 anos e foi um momento, assim, muito difícil pra mim [...] Então, de lá *pra* cá, eu nunca quis nada de participação no Dia das Mães, sempre que, quando vai chegando próximo, eu já aviso o meu esposo, aviso a minha filha, que é pra não fazer nada, não quero nada, já aviso pra eles não perder tempo com isso, meu coração não está aberto pra isso. E aí quando foi domingo, *pra* amanhecer o dia, por volta das 7:30 mais ou menos, minha filha chega na cama e chama “mãe, mãe, seu café”. Ela fez uma coisa simples e delicada assim, uma coisa tão simples e ficou muito delicado, ela colocou uma xícara de café com leite, um copo de suco numa vasilhazinha simples, colocou algumas bolachas mesmo de água e sal, um bombonzinho e uma fatia de pão né. E falou “mãe, o seu café da manhã tá, Feliz Dia das Mães”, eu ainda *tava* dormindo, “Feliz Dia das Mães”, me deu um beijo. Então, ali, aquele momento ali assim sabe, não fez eu lembrar de tudo, não me fez eu lembrar de nada do passado ali, ela me abraçou, meu esposo me abraçou. E assim foi uma coisa boa sabe, eu passei o resto domingo sem ter aquele pensamento que eu tinha sempre no domingo inteiro, e foi, assim, uma experiência boa [...]

(Sessão 5, Relato de Experiências)

Conforme desvelado nas sessões, e exemplificado pelas comunicações de Adriana, Caetano e Maria Rita, ao comunicarem uma experiência, os participantes não se limitam a uma constatação do que fora vivido, como por exemplo, “visitei a minha avó”, “almocei com a minha família” ou “recebi um café da manhã de presente”. Os relatos se desdobram na descrição de nuances, de qualidades e de detalhes dessas experiências, que são enriquecidas por uma série de elementos descritivos, como, por exemplo, nestes trechos da comunicação de Adriana: “[...]”

aí ela já tá bem magrelinha, tortinha, cabelinho branco [...] eu olhei assim pro varalzinho: [...] o vestidinho dela lavado” e “ [...] aí eu fiquei prestando atenção nela, assim, teve uma hora que ela parou, que ela abriu a boca assim, a boquinha dela assim...”; ou nos trechos do relato de Maria Rita *“uma coisa tão simples e ficou muito delicado, ela colocou uma xícara de café com leite, um copo de suco numa vasilhazinha simples, colocou algumas bolachas mesmo de água e sal, um bombonzinho e uma fatia de pão né”*.

Esses elementos descritivos apresentam aos outros participantes minúcias e tonalidades do que fora percebido e sentido previamente por aquele que conta sua experiência. Dessa maneira, configuram uma forma de expressão imagética, estética e afetiva daquilo que fora vivido, que convoca aspectos sensoriais e afetivos de quem escuta e também de quem relata. Essa forma de expressar o que fora experimentado pode favorecer o desvelamento do vivido enquanto vivido, com a força vivencial própria das experiências. Além disso, essas descrições preservam a qualidade de cotidianidade das experiências, que ganham certo valor poético, a partir do processo grupal que se dá no GCSM – por exemplo, os elementos do varal, da roupa pendurada, do salpicão, do café e da bolacha de água e sal. Entende-se, ainda, que a sensorialidade, a estética, a afetividade, a cotidianidade e a tonalidade poética que tal cotidiano adquire no processo grupal favorecem a composição de certa qualidade criativa da experiência grupal.

Ilustra-se, por meio desses recortes, como os elementos estéticos, sensoriais e afetivos desempenham papel fundamental para a recuperação por via da memória daquilo que fora vivido e para a expressão da experiência de forma a preservar sua vitalidade. É nesse sentido que discursos mais abstratos, generalizados e intelectualizados não abarcam a totalidade do vivido e de sua intensidade.

É necessário ressaltar que não se trata de uma maneira formal de articular o relato, mas de elementos que, espontaneamente, emergem quando os participantes e o coordenador vão respondendo ao convite de comunicar suas experiências vividas, e que puderam ser apreendidos pela análise das sessões. Assim, compreende-se que há uma relação de necessidade entre a noção de “experiência” para o GCSM e tais elementos descritivos que detalham e retomam as tonalidades sensoriais, estéticas e afetivas do vivido.

Há que se considerar, ainda, a presença corpórea dos participantes durante as próprias sessões grupais, no aqui-agora da sessão, que expressa afetos, feições, gestos, entre outros, e compõe o processo grupal. Por exemplo, na comunicação de Caetano, ele usa a mímica do gesto de comer “*com a boca cheia*” para comunicar sua vivência, ampliando as possibilidades de expressão da mesma, a partir da corporeidade. Dessa maneira, a corporeidade – entendida não só como corpo físico-biológico – se apresenta como um elemento estruturante do sentido de “experiência” para o GCSM, e também, como um recurso que amplia as formas de comunicação da experiência e de si mesmo no grupo.

Além do envolvimento da corporeidade nos relatos e nas sessões, os participantes se engajam em movimentos de reconhecimento de sentidos àquilo que foi vivenciado:

[*Glória compartilha a música “Home is where the heart is McFly¹”*]

I'm a lover not a fighter,
 Hold me close and I'll take you higher than you've ever been.
 Raise your hands and lay down your weapons.
 We could turn this around in seconds flat if you believe.
 Home is where the heart is.
 It's where we started.

¹ Eu sou um amante, não um lutador/ Abrace-me e eu te levarei ao lugar mais alto/ que você já esteve/ Levante suas mãos e abaixe suas armas/ Nós poderíamos reverter isso em segundos/Se você acreditar/ Lar é onde o coração está/ É onde nós começamos/ Onde pertencemos/ Cantando [...] Vamos acender uma fogueira e escrever um soneto/Prenda suas esperanças e seus sonhos sobre ele, agora/ Venha e cante conosco/ Chamando os filhos dos seus filhos/ Deixa que haja amor e deixe-os gritar alto/ Antes que nós morramos/Então venha [...] Nesses dias problemáticos de raiva/ Nós temos medo de qualquer estranho/ Mas hoje nós mudando a história/ Está tudo bem, simplesmente cante comigo/ Agora é sua chance/ Pense nos seus amores/ Somos todos irmãs e irmãos/ Agora é sua chance/ Pense nos seus amores/Somos todos irmãs e irmãos/ Lar, lar... yeah! [...]

Where we belong.
 [...]

Well light a fire and write a sonnet.
 Pin all your hopes and dreams upon it now.
 And come and sing with us.
 Calling out to your children's children.
 Let there be love and let them scream it loud.
 Before we bite the dust.
 So come on!
 [...]

In these troubled days of anger.
 Were afraid of every stranger.
 But today were changing history.
 Its okay, just sing it with me.
 Nows your chance.
 Think of your lovers.
 We are all sisters and brothers.
 Nows your chance.
 Think of your lovers.
 We are all sisters and brothers.
 [...]

Glória: Eu sou a Glória, e o nome da música é “Home is where the heart is”. [...] eu acho que eu misturei *ela* com uma experiência que eu tive, que eu *tô* montando casa nova, eu saí de casa, acho que eu já até falei aqui no Grupo Comunitário. E aí, eu e o meu noivo, a gente resolveu que a gente ia montar nossas coisas em casa, então a gente comprou a mesa, e a gente que montou as mesas e montou as cadeiras, e aí eu mandei uma foto *pra* minha mãe que *tá* lá em [*nome da cidade*], 320km de distância, da mesa que eu montei, né? Aquele orgulho... eu montei a mesa e eu montei a cadeira! E quando meu sobrinho viu a foto, ele falou que ele não queria mais sentar na cadeira que ele estava, ele queria sentar na cadeira que eu tinha montado, e na hora que ele falou isso, me veio essa música na cabeça. Tem um trecho dela que fala que [...] a casa é onde o nosso coração *tá*, não necessariamente, onde a gente *tá*, por exemplo, mas onde a gente deixou um pedacinho do nosso coração. E isso *pra* mim foi muito propício *pro* momento, encaixou muito, essa parte da letra, porque apesar de eu estar aqui, aqui é minha casa também, né? Mas lá é minha casa também porque meu coração também está lá. E eu acho, assim, *pra* mim foi muito bonito ver *ele* falando que queria sentar na cadeira que eu montei, porque é como se ele queria estar comigo, né? Assim, não era a cadeira, era comigo[...]

(Sessão 2, Sarau)

Adriana: [...] Meu nome é Adriana e eu tenho vivido processos bem difíceis nesses últimos 4 anos, de muitas perdas de entes, pessoas muito queridas e nesses dois últimos anos... a frase do Caetano me fez lembrar bem... eu tenho buscado muita vida, fazendo coisas que me trazem vida e uma dessas coisas é ir todo ano no [*nome do programa de voluntariado*]. E nós fizemos mais de 45 mil atendimentos na área de saúde [...] eu ia mostrar uma foto que foi uma das histórias mais significativas de toda essa experiência de uma semana bem

intensa, né. Eu *tava* no cadastro [...] por volta de uns 10 minutos antes do meu horário do almoço veio um senhor com quatro filhos e uma cartinha do nosso cardiologista, pedindo pra que abrisse a ficha pros quatro filhos dele [...] E aí, hora que eu cheguei *pro* cardiologista e perguntei, ele [*cardiologista*] falou assim para mim: “Adriana, abre essa ficha das crianças que eu vou fazer um eletro porque o pai desse senhor morreu com um problema hereditário cardíaco, ele vai morrer porque tem esse problema cardíaco, e eu quero investigar se essas quatro crianças também vão ter”. E aquilo me impactou de uma forma, que eu olhava naqueles rostinhos [...] Bom, resumindo a história, [...] eu me envolvi muito na história ali dos quatro [...] E aí quando foram terminando a última ficha, eu fiz assim *pra* esse pai, já era 12h30, né? O senhor tem alguma coisa *pra* dar pra eles comerem, porque o médico vai sair pra almoçar agora, e, aí, ele volta só daqui uma hora. E aí, o pai virou para mim e falou assim: “pode deixar, filha, eu me viro”. Você via que não ia ter como se virar, quatro crianças e... aí de manhã nós tínhamos ganho um cuscuz salgado e sobrou um tanto, eu coloquei num pote, e falei pra menininha “você gosta de cuscuz?”, “gosto, tia”. Então leva *pra* vocês almoçarem e aí ela foi toda feliz, eu pedi para o menino do cadastro buscar bolacha [*se emociona e fala voz de choro*] e buscar suco pra eles, aí eles foram todos felizes com a sacolinha de bolacha, de suco e aí ela deixou com a mãe dela e nós fomos lá para o fundo do consultório para eles comerem. [...] Aí eu *tô* lá no cadastro, chega ela com um celularzinho na mão, eu falei: “ah! você veio falar tchau pra mim?”, ela falou “não, tia, o meu pai quer tirar uma foto de você, pra levar você de recordação”. Aí ele acordou a pequeninha, *pra* levar essa foto de recordação, aí ele falou assim pra mim “só tenho a desejar muita saúde pra vocês porque eu vou morrer, os meus filhos não. E vocês trouxeram vida *pra* nós [*participantes entregam lenço de papel para Adriana*]”. Então, acho que essa foto vai permanecer, assim, gravada dentro de mim, foi um momento muito emocionante que eu queria compartilhar com vocês, porque às vezes é pouco o que a gente faz, não fui eu que fiz o eletro, não fui eu que dei o diagnóstico, eu só acolhi, e essa acolhida foi muito significativa para eles [...]

(Sessão 3, Relato de Experiências)

De maneira geral, os relatos no GCSM são contextualizados e situados em um horizonte temporal e de sentido amplo. Nesse horizonte, a “experiência” relatada se mostra como uma unidade delineável temporalmente, que ganha relevo justamente por ser “experiência”, a “figura” em um “fundo”, um acontecimento em destaque. O horizonte comporta experiências descritas pelos participantes de modo mais geral e abstrato, com menos detalhes: “*eu tenho vivido processos bem difíceis nesses últimos 4 anos*”, “*eu tenho buscado muita vida, fazendo coisas que me trazem vida*”. Frequentemente, contudo, há, no relato, uma experiência que ganha evidência, e é descrita de forma mais concreta e vivencial, em que se mostram os referidos

elementos sensoriais, estéticos e afetivos da experiência que foi vivida – como, por exemplo, a preocupação de Adriana com o almoço das crianças, a chegada da menina “*com um celularzinho na mão*” para tirar uma foto de recordação com a profissional, expressando a gratidão da família por seus cuidados, entre outros.

Esse horizonte aparece nos relatos como um “fundo” contextual que dá sentido e compreensibilidade à experiência vivida, à sua empiria e materialidade. Glória, por exemplo, encaminha seu relato de forma a apresentar o contexto de mudança de casa, de saída da casa da mãe, de ‘montagem’ de uma nova casa com o noivo. A participante, contudo, não se restringe a relatá-lo e qualificá-lo abstratamente (como algo bom, ruim, fácil, difícil), mas posiciona-o como um enquadramento que dá significado e inteligibilidade à montagem dos móveis, ao envio da foto para a família, à reação do sobrinho e à lembrança da música. Sem o horizonte temporal e de sentido, tais acontecimentos poderiam ser tomados como meros fatos ou mesmo perderem o sentido.

Ainda nessa direção, é possível notar a dinâmica entre os diferentes graus de empiria daquilo que foi vivenciado por Adriana. A participante escolhe um recorte de uma vivência mais ampla de voluntariado: “*eu ia mostrar uma foto que foi uma das histórias mais significativas de toda essa experiência de uma semana bem intensa*”. Assim, explicitamente, opera um recorte seletivo do que foi, nas palavras da participante, “mais significativo” para relatar uma vivência mais ampla de toda a semana, que opera como um horizonte potencial e co-presentado em relação ao recorte selecionado por ela. Assim como Glória, Adriana não se limita a qualificar esse horizonte abstratamente, mas relata uma experiência “concreta” que se deu nesse contexto, de certa forma, “encarnando” esse horizonte em uma experiência vivida, traduzindo, em certa medida, o sentido do todo da vivência da semana.

Adriana estende o horizonte de sentido não só ao voluntariado, mas aos “últimos 4 anos” de sua vida, marcados por perdas de pessoas queridas e de “busca por vida”, por “coisas que

trazem vida”, dentre essas, o voluntariado. Nota-se como tais sentidos (perda e vida) estão presentes e em jogo na face mais “concreta” da experiência vivida e descrita por Adriana, por exemplo, no cuidado com a referida família, que passava por uma situação de atravessamento pela terminalidade e pelo cuidado com a vida.

Nas sessões grupais, os participantes parecem apreender e se apropriar de sentidos relacionados a tais vividos. Glória conta como foi apreendendo os sentidos da música, do momento que vivenciava, da montagem dos móveis e da reação do sobrinho, podendo chegar a formular um sentido criativo para “*casa*”: *“porque apesar de eu estar aqui, aqui é minha casa também, né? Mas lá é minha casa também, porque meu coração também está lá”*. Os movimentos de apreensão de sentidos a partir de sua experiência, seja com a música, com a montagem dos móveis, com o sobrinho, etc., e de cruzamento entre eles, é descrito por ela: *“eu acho que eu misturei ela [música] com uma experiência que eu tive”, “isso pra mim foi muito propício pro momento, encaixou muito, essa parte da letra”*. Esses movimentos também podem ser reconhecidos na comunicação de Adélia, em que descrevendo a música de Paul McCartney (*“ele fala de caminhar”*), afirma que *“relacionou muito”* com o seu processo de alta no serviço. Ainda que a música *“não fale exatamente disso”*, Adélia entende que o cantor *“vai soltando frases de desejos”*, sendo que as palavras *“consciência”* e *“desejo”* *“marcaram”*, *“foram vindo na cabeça”*, na medida em que a participante vai percebendo a emergência de desejos em si mesma: *“coisas que eu não tava tendo na cabeça... na verdade não tá boa assim, mas assim, já tá começando a aparecer sabe?”*.

Vale explicitar que essas comunicações ocorreram no momento do Sarau, que oferece, pela natureza de sua proposta, a relação com uma variedade de recursos culturais que podem aumentar as possibilidades expressivas dos participantes, podendo favorecer certa elaboração estética das próprias vivências, como é o caso dos relatos de Glória e Adélia. Contudo, há que se destacar que os gestos de reconhecimento de sentidos e a elaboração criativa e pessoal dos

mesmos pelos participantes não se limitam a esse momento do Grupo. Adriana, por exemplo, pôde se dar conta dos sentidos de sua busca ao participar do programa de voluntariado: “*eu tenho buscado muita vida, fazendo coisas que me trazem vida*”, dos sentidos de seus gestos e dos gestos dos outros: “*às vezes, é pouco o que a gente faz, não fui eu que fiz o eletro, não fui eu que dei o diagnóstico, eu só acolhi, e essa acolhida foi muito significativa para eles*”, entre outros.

No GCSM, os sentidos percebidos por via da experiência cotidiana não necessitam ser explicitados, detalhadamente descritos, explicados ou esgotados a partir das palavras, mas vivenciados pelo participante e expressos, não só por via da linguagem, ao grupo. Caetano (Sessão 1, Sarau), por exemplo, conta que ao comer o salpicão feito pela mãe, diz ao pai “*nossa, pai, é bom comê, né?*”, e é mobilizado pela resposta do pai: “*não, filho, o bom é comer junto*”. Essa frase bastaria ao sentido comunicado por Caetano, isso é, não exige maiores explicações e pormenorizações, resguardando certo valor poético da mesma. Na sequência, o participante explora ainda um pouco mais o sentido percebido por ele: “*quantas e quantas vezes a gente comeu junto e eu nem pensei nisso [...] e ele tá pensando em comer junto, em comer comigo [...] com a minha mãe*”. Dessa forma, Caetano não faz grande abstração ou reflexão explicativa sobre sua experiência, uma vez que dizer “*ele tá pensando em comer junto*”, já abrangeria o sentido daquilo que é comunicado, seria o suficiente.

Nessa direção, tendo em vista tais gestos de significação, as contribuições no GCSM não se mostram como relatos que se restringem às circunstâncias fáticas da experiência, destituídos de um movimento de apreensão de sentidos por parte do sujeito:

Caetano: *É... abriu umas lojinhas de um real lá na minha cidade né, e vende paçoquinha, essas coisas, aquelas guaranazinha Jaboti assim, e aí minha mãe, todo dia que ela vem do serviço, ela compra um pacote de paçoquinha e uma guaraná jaboti pra mim e ela já dá. E aí eu chego, na segunda, com o meu pai, meio dia, e aí a gente deita no sofá, assiste o esporte e dorme, porque a gente acorda cedo, a gente dorme. E aí ela chega 4 horas com a guaranazinha e o pacote de paçoquinha né, desde o ano passado ela faz isso, toda segunda-feira e*

aí ontem... ontem foi feriado e teve alguns outros dias que ela não fez também, porque *tava* fechado. Só que ontem ela não fez e, hoje, na hora de eu vir *pra cá* [*refere-se ao GCSM*], ela falou assim: “ô Caetano, não vai dar problema de você ir muito cedo não, porque você vai ficar lá, os médicos vai te xingar lá, você não é paciente mais, eles vão te xingar lá”. Eu falei “não, mãe! Não vão xingar não, se der problema eu fico lá fora”. E aí ela pegou e com os olhos cheio d’água, e aí não sei porque, ela falou assim: amanhã eu te trago o teu guaraná e tua paçoquinha viu? E aí, eu descí, assim, eu descí a rua e também comecei a chorar [*chora ao relatar*], eu não sei porque eu comecei a chorar, se foi por causa da paçoquinha e da guaraná que ela traz toda segunda-feira, é uma coisa boba né, mas agora eu não sei se é porque, por causa da paçoquinha e da guaraná ou se é por causa da experiência viva que acontece toda segunda-feira que ela me traz a paçoquinha e a guaraná, né [*risos*] eu não sei se é por causa da... por causa que eu gosto da paçoquinha e da guaraná ou se é porque eu gosto tanto dela assim, é isso...

(Sessão 4, Relato de Experiências)

Nesse recorte, Caetano, ao buscar significar o afeto vivido na experiência de despedida com a mãe e atualizado no próprio grupo, reconhece e explicita uma ampliação do dado fático em si (“*da paçoquinha e da guaraná que ela traz toda segunda-feira*”) para os sentidos que este adquire na relação entre eles (“*ou se é por causa da experiência viva que acontece toda segunda-feira que ela me traz a paçoquinha e a guaraná*”). Nesse sentido, reconhece um valor que parte do dado fático em si mesmo (ganhar a paçoquinha), mas transcende-o, remetendo ao valor que a mãe tem em sua experiência: “*eu não sei se é por causa [...] que eu gosto da paçoquinha e da guaraná ou se é porque eu gosto tanto dela assim*”. Nessa mesma direção, Glória chega a explicitar o interjogo entre face fática dos acontecimentos e sentido, quando afirma que não se tratava da facticidade do desejo do sobrinho de efetivamente “sentar” na cadeira que ela montara, mas do sentido que aquele gesto portava em relação a si própria: “*é como se ele queria estar comigo, né? Assim, não era a cadeira, era comigo*”.

Com isso, promove-se que outros parâmetros possam ser abrangidos ao vivenciar e elaborar uma experiência cotidiana:

Marisa: [*nome do coordenador*], eu tenho uma experiência, que eu achei, que eu me lembrei bastante do grupo, então eu vou contar pra vocês, assim, é... esse fim de semana, veio pra minha casa, a minha irmã, o marido e os filhos, né? Um dos filhos dela, o mais velho, tem 16 anos agora [...] ele é meu afilhado, e ele tá

naquela época de adolescência, tudo... e eles vinham pra cá, e eu *tava* com bastante expectativa, assim [...] E aí, eu pensei em arrumar o quarto *pra* ele [*sobrinho*], e comprei... No final das contas, eu acabei pegando minhas duas meninas, fui pro supermercado, e falei pra elas “ai, *tô* pensando em fazer um quarto pro Bernardo”, assim, tipo frigobar de hotel, sabe? [...] E aí, véspera de Páscoa, aquele supermercado lotado [...]. Aí quando eu cheguei em casa com aquele monte de coisa lá, fui lavar *pra* levar lá *pra* cima e arrumar o quarto *pra* ele, a princípio, eu pensei assim “nossa, mas que tonta que eu sou né, que que eu fui me meter num dia desses num supermercado lotado, com duas crianças pequenas, e aí eu olhei *pras* coisas que eu tinha comprado [...] um monte de bobagem, gastei à toa! E aí, é por isso que eu resolvi comprar, porque eu olhei *pra* aquelas coisas assim, e falei assim, eu percebi que aquilo que eu *tava* fazendo é o que mais tinha me dado alegria naquele dia, sabe? *Tava* me dando alegria. E aí assim: “não, mas eu vou no grupo, e eu já aprendi assim que se é alguma coisa, se é isso que tá me dando mais alegria, não pode ter sido um mal negócio, não pode ter sido uma bobagem, o que eu fiz, mesmo tendo pego fila, congestionamento, ou gastado algum dinheiro”, assim, e eu *tava* muito animada com que ele ia ficar feliz, e as minhas meninas no final elas escreveram um bilhete, também, pregaram na geladeira, *pra*, ah... a alegria que eu *tava* sentindo em fazer alguma coisa que eu imaginei que ele fosse ficar feliz. Então, eu quis trazer assim porque eu falo, sempre falo, que aqui me norteia né? Que vir aqui me ensina, e que eu acabei aprendendo que tudo que eu achava que era perda de tempo, não era perda de tempo, e as coisas que eu achava que não era perda de tempo, é perda de tempo, né? Então, como lembrei muito daqui, e de vocês assim, foi o que me respondeu se era ou não um bom negócio ou um mau negócio aquilo tudo que eu *tava* fazendo, tendo trabalho né, foi o que eu resolvi contar *pra* vocês...

(Sessão 2, Relato de Experiências)

Marisa conta de uma experiência em que recebeu a visita da irmã e dedicou-se a “*fazer um quarto [...] tipo frigobar de hotel*” para o sobrinho. A participante descreve as nuances e as implicações disso, como enfrentar o mercado cheio com suas filhas pequenas, gastar com “*coisas supérfluas*”, entre outros. Contudo, ao lembrar-se do GCSM, não circunscreve a elaboração da vivência a parâmetros fáticos que responderiam se foi um “bom ou mau negócio”, mas abrange também outros critérios, apreendidos a partir da própria experiência: “*eu percebi que aquilo que eu tava fazendo é o que mais tinha me dado alegria naquele dia [...] se é isso que tá me dando mais alegria, não pode ter sido um mau negócio [...] a alegria que eu tava sentindo em fazer alguma coisa que eu imaginei que ele fosse ficar feliz*”. Assim, Marisa explicita os sentidos que pôde encontrar nas ações, a partir do olhar para si mesma agindo.

Nesse sentido, a elaboração das experiências, nas sessões, passa por um reconhecimento de si e não só daquilo que “acontece”:

Maria: É...o meu nome é Maria [...] minha avó tá internada já faz umas duas semanas... e fazia, assim, muito tempo que eu não a via, eu nem visito a casa dela [...] E aí eu fui ficar com a minha avó [...] E aí fiquei com ela das 7 da manhã até às 8 da noite. E aí, assim, várias vezes ela acordava, acordava, dormia, tal, e eu não conversava... eu não tinha o que falar com ela, porque eu [...] não tinha o que falar, e aí ela falou assim “você pode sair um pouquinho comigo?”. E aí eu falei assim “posso né” e aí peguei a cadeira de roda ... e num momento, assim, veio na minha cabeça: “poxa eu tô cuidando da minha avó”, e eu nunca pensei em cuidar da minha vó, ou ficar perto dela, assim [...] aí ela falou assim “porque você nunca ia na minha casa?”, e eu não sabia o que falar *pra* ela, assim, eu não sabia o que falar... e ficou isso, assim, sabe? Eu sem resposta, e aí, eu mudando de assunto, e aí ela dormiu [...] aí meu pai chegou *pra* me levar embora, [...] e ela falou “olha, Maria, muito obrigado por você ter vindo aqui”, e aí, eu falei “ah, vó, de nada” e aí ela falou assim, é... “eu sempre amei você”, e eu não consegui retribuir isso porque eu nunca senti, eu acho que eu nunca senti o amor que ela sentia por mim, entende? Então foi uma coisa bem... assim... difícil de ouvir dela [...] E... e isso me tocou muito, porque... eu queria ter tido mais tempo com a minha avó, mas a vida... enfim, vários fatores não me deixaram... e eu acho que eu perdi muito isso, e agora, a minha vó tá muito doente, sabe? Assim, ela *tá* quase morrendo mesmo, sabe? Mas ter ficado com ela no domingo e ter compartilhado um pouco daquele momento de vida dela, sabe? Foi muito bom ficar com ela [...] E eu queria ter falado um “eu te amo” *pra* minha avó do fundo da minha alma, sabe? Só que eu não consegui porquê... eu não consegui, sabe? E eu fico muito triste com isso, porque eu sei que ela vai embora, sabe? E eu não vou conseguir, não sei quando eu vou conseguir falar *pra* ela que eu amo *ela* com tanta força e é muito triste isso...

(Sessão 1, Relato de Experiências)

Maria, ao comunicar sua experiência, pode ir reunindo sentidos relativos à visita à avó e a si própria na visita, podendo perceber-se em ato, dando-se conta de seus gestos, desejos, afetos e reflexões: “*aí peguei a cadeira de roda ... e num momento, assim, veio na minha cabeça: ‘poxa eu tô cuidando da minha avó’*”, “*e eu não consegui retribuir isso porque eu nunca senti, eu acho que eu nunca senti o amor que ela sentia por mim, entende?*”, “*eu queria ter falado um “eu te amo” pra minha avó do fundo da minha alma, sabe? Só que eu não consegui, porque... eu não consegui, sabe?*”. Assim, a significação das experiências se dá de forma articulada à percepção e apreensão de si mesmo na vivência, evitando parâmetros de

elaboração arbitrários ou alheios à pessoa. Nesse sentido, Maria pode encontrar parâmetros de significação da vivência a partir de seu próprio encontro com a realidade e consigo própria. A participante reconhece, em si, o desejo de desenvolver e sentir amor pela avó, movimento que se dá em meio à finitude desta, compreendendo essa experiência como “*muito triste*”.

Vale ressaltar, contudo, que não se trata de um percurso de elaboração que “fecha” a experiência, mas que pode ser acompanhado de outros elementos que a compõem em sua complexidade, isso é, juntamente com a dor e a incerteza de uma reciprocidade completa como gostaria, a participante chega a dizer: “*mas ter ficado com ela no domingo e ter compartilhado um pouco daquele momento de vida dela, sabe? Foi muito bom ficar com ela...*”.

Não se trata, dessa forma, do reconhecimento de um sentido ou de outro, mas da busca por compreender os múltiplos sentidos que se desvelam na totalidade da experiência, sustentando um posicionamento de abertura à mesma. Na comunicação de Marisa, por exemplo, não se trata de negar que o mercado estava cheio ou o gasto do dinheiro, mas compreender que esses elementos coexistem com outros sentidos, como a alegria por fazer algo que imaginasse que faria o sobrinho feliz. No GCSM, assim, o reconhecimento e o compartilhamento de experiências cotidianas permitem que a pessoa se apreenda em ato, acontecendo juntamente com a realidade que lhe chega, podendo ampliar a compreensão daquilo que vive em sua totalidade e multiplicidade de sentidos.

Há que se pontuar, ainda, que, nas sessões grupais, os relatos de experiências portam e expressam graus variados de empiria, de expressão estética, de orientação pessoalizada e de apropriação de sentidos e de si mesmo nas vivências. Conforme discutido anteriormente, esses elementos são estruturantes da compreensão de “experiência” conforme desvelada nas sessões do GCSM, e favorecem o desenvolvimento da atividade, bem como seu potencial terapêutico. A apropriação desses elementos por parte dos participantes significa a apropriação de certa

orientação e disposição em relação às próprias experiências cotidianas e à forma de acessá-las e expressá-las. Essa apropriação pode ser favorecida pela participação na atividade, que expõe o participante vivencialmente a tais elementos – por exemplo, por via da escuta de outros participantes relatando suas experiências, da escuta das intervenções do coordenador, entre outros:

[Regina compartilha a música “Raridade”, de Anderson Freire]

Não consigo ir além do teu olhar
 Tudo o que eu consigo é imaginar
 A riqueza que existe dentro de você
 O ouro eu consigo só admirar
 Mas te olhando eu posso a Deus adorar
 Sua alma é um bem que nunca envelhecerá
 O pecado não consegue esconder
 A marca de Jesus que existe em você
 O que você fez ou deixou de fazer
 Não mudou o início, Deus escolheu você
 Sua raridade não está naquilo que você possui
 Ou que sabe fazer
 Isso é mistério de Deus com Você
 Você é um espelho que reflete a imagem do Senhor
 Não chore se o mundo ainda não notou
 Já é o bastante Deus reconhecer o seu valor
 Você é precioso, mais raro que o ouro puro de Ofir
 Se você desistiu, Deus não vai desistir
 Ele está aqui para te levantar se o mundo te fizer cair

Coordenador: Quem trouxe?

Regina: Eu.

Coordenador: Que música é essa, Regina?

Regina: Raridade.

Coordenador: E de quem que é música, você sabe?

Regina: Não me lembro...

Roberto: Anderson Freire [*aponta para tela*].

Coordenador: Ah, *tá* escrito ali... Anderson Freire... E por que quis trazer essa música, Regina?

Regina: Porque ela fala sobre Deus e Deus não vai desistir da gente, e a gente também não deve desistir de nós mesmos. Se entregar à doença, e deixar... *tá* falando da gente continuar, tentar, persistir, ele não vai

desistir. Então a gente também deve fazer isso também, não desistir de ficar bom, ficar firme para ficar bom...

Coordenador: Como descobriu a música?

Regina: Aqui, na aula de canto...

Coordenador: Mas vocês já estão cantando... vocês já estão treinando músicas, é isso?

Regina: Já... quase toda semana nós cantamos...

Coordenador: Ah, é? Muito bom... Obrigado então, Regina [...]

(Sessão 2, Sarau)

No recorte, Regina pôde reconhecer e explicitar alguns sentidos a partir de sua experiência com a música: “*ela fala sobre Deus e Deus não vai desistir da gente*”, “*tá falando da gente continuar, tentar, persistir*” – nota-se que a participante permanece mais ligada à música do que à sua experiência propriamente dita, descrevendo o que “*ela fala*”. A participante realiza um movimento de aproximação ao seu contexto de vida: “*a gente também não deve desistir de nós mesmos*”. Contudo, Regina permanece em uma orientação mais genérica, com poucos elementos empíricos que remetam à corporeidade e à materialidade da experiência, em que a correlação dos sentidos percebidos na música e sua experiência se dá de maneira mais literal, como uma aplicação, em tom prescritivo, do que “se deve” fazer, percebido como algo externo a si: “*a gente também deve fazer isso também, não desistir de ficar bom, ficar firme para ficar bom*”.

Compreende-se, entretanto, que a comunicação de Regina é composta por elementos relevantes à experiência vivida, como um movimento de abertura para o contato com a música, e assim, para uma experiência estética, um engajamento com o convite proposto pela atividade, uma identificação com os outros participantes, desvelada pela atribuição de um sentido coletivo e comunitário.

Destaca-se, ainda, as intervenções do coordenador que podem ir favorecendo a apropriação da experiência pela participante, resgatando elementos que podem fomentar esse processo. Dentre esses, a pergunta sobre a descoberta da música, por exemplo, provoca o resgate de experiências vividas com a música, como a participação no grupo de canto do serviço. Esse resgate, provocado pelo interesse do coordenador, abre outras possibilidades de compreensão em relação à sua comunicação, como por exemplo, a compreensão – pelo coordenador e pelo grupo – de que a participante, com a sua comunicação, realiza um gesto de elaboração pessoal no GCSM daquilo que ela viveu em outras atividades que acontecem no contexto mais amplo do serviço, a articulação entre atividades, entre outros. Nesse sentido, a atividade parece favorecer a apropriação, por parte dos integrantes, de elementos relevantes à tarefa de cuidado com as experiências vividas:

[Roberto compartilha a música “Não deixe o samba morrer”, de Alcione]

Não deixe o samba morrer
 Não deixe o samba acabar
 O morro foi feito de samba
 De Samba, pra gente sambar
 Quando eu não puder
 Pisar mais na avenida
 Quando as minhas pernas
 Não puderem aguentar
 Levar meu corpo
 Junto com meu samba
 O meu anel de bamba
 Entrego a quem mereça usar
 Eu vou ficar
 No meio do povo espiando
 Minha Escola perdendo ou ganhando
 Mais um carnaval
 Antes de me despedir
 Deixo ao sambista mais novo
 O meu pedido final
 [...]
 Não deixe o samba morrer
 Não deixe o samba acabar
 O morro foi feito de samba
 De Samba, pra gente sambar

Coordenador: Seu nome?

Roberto: Roberto, é... eu trouxe essa música, porque, por mais que a gente esteja em tratamento, não aqui, mas esse constante tratamento, a gente nunca pode desistir de perder o samba, de se sentir vivo, como a gente sente aqui, sabe? Eu acho que a gente nunca pode perder o nosso samba, a nossa vontade de viver...

Coordenador: E a música te ensina a fazer isso...

Roberto: É que eu tinha perdido esse pendrive, mas eu achei *ele* e eu trouxe essa música.

Coordenador: Obrigado, Roberto. Seguimos...

(Sessão 4, Sarau)

Assim como no recorte anterior, a comunicação de Roberto apresenta certa generalidade, mantendo-se mais ligada à música do que à própria experiência, sendo a relação com a própria experiência vagamente intuída em seu relato, que porta apenas tímida empiria e fatualidade. Contudo, a contribuição porta um movimento de Roberto em direção à música, ao reconhecimento de sentidos na mesma, e a certo grau de apropriação de tais sentidos. Trata-se, ainda, de sentidos metafóricos – sendo que a linguagem metafórica é bastante explorada nas sessões: “*a gente nunca pode desistir de perder o samba*”. Além disso, ele ressoa uma metáfora bastante utilizada para descrever a tarefa do GCSM nas sessões, relativa ao “sentir-se vivo”, indicando um processo de apropriação do fazer característico dessa modalidade.

Os recortes das comunicações de Regina e Roberto desvelaram certa orientação generalista, que é, contudo, acompanhada por elementos que apontam para processos de abertura e de elaboração pessoal e criativa do vivido, isso é, que apontam para uma possibilidade de colocarem-se progressivamente em orientação mais pessoal, de valorização da empiria e da pessoalidade daquilo que se vive. É importante notar que essas orientações (generalista/pessoal; abstrata/empírica) convivem em um mesmo relato, ora mais ou menos claras:

[*Laura compartilha a música “Eu quero apenas”, de Roberto Carlos*]

Eu quero apenas olhar os campos
 Eu quero apenas cantar meu canto
 Eu só não quero cantar sozinho
 Eu quero um coro de passarinhos
 Quero levar o meu canto amigo
 A qualquer amigo que precisar

Eu quero ter um milhão de amigos
 E bem mais forte poder cantar
 [...]

Eu quero apenas um vento forte
 Levar meu barco no rumo norte
 E no caminho o que eu pescar
 Quero dividir quando lá chegar
 [...]

Eu quero crer na paz do futuro
 Eu quero ter um quintal sem muro
 Quero meu filho pisando firme
 Cantando alto, sorrindo livre
 [...]

Eu quero amor decidindo a vida
 Sentir a força da mão amiga
 O meu irmão com um sorriso aberto
 Se ele chorar quero estar por perto
 [...]

Venha comigo olhar os campos
 Cante comigo também meu canto
 [...]

Coordenador: Diga, Laura, por que trouxe a música?

Laura: Ah, essa música, ela fala assim, o que fica forte *pra* mim, a palavra principal aí é “amigo”, não é? Eu tive, assim, pensando, quando eu entrei aqui no [*refere-se ao serviço*], eu entrei um pouco, assim, vou dizer, assim, assustada. Eu entrei assustada porque eu já tinha passado outra vez aqui e eu *tava* achando que não ia dar certo, *né*? Mas com o acolhimento, com a palavra amiga, com os amigos ao redor, de pouco a pouco, fui fazendo amizade, de pouco a pouco, fui sendo acolhida aqui... então, a amizade... um amigo faz tudo na vida de uma pessoa. Um amigo de verdade, *né*? Então talvez o problema de cada um aqui seja diferente, mas se nós estivermos juntos, se nós estivermos *é*... unidos, vamos acabar jogando juntos *né*? [...] Assim como os médicos, os colaboradores aqui, ajudam a gente, nós também podemos ajudar a nós mesmos aqui. Eu posso ajudar o Gilberto, a ela aqui, elas podem me ajudar, com uma palavra só, e essa palavra pode ser “amigo”, pode ser “amizade”, uma palavra forte, como falou a música “quero ter um milhão de amigos e bem mais forte poder cantar”. Então, se nós estivermos juntos, unidos, mais fortes nós vamos estar para poder vencer aquilo que nós estamos buscando, vencer aquilo que viemos buscar primeiro, que é a nossa cura. É o que eu falei: o meu problema pode ser diferente do do Gilberto, mas sem aquele trilho, sem estarmos juntos no trilho, nós não vamos acabar ajudando uns aos outros, então nós temos que falar a mesma língua, para estarmos, *é*... saindo mais rápido daqui de dentro. Então eu acho que a palavra “amigo”, a palavra “forte” aí, acho que foi o que me chamou mais atenção. E é forte mesmo, então a palavra “forte” mesmo...

Coordenador: Muito claro, muito claro... Obrigado, Laura. *Tá* clara sua experiência.

(Sessão 2, Sarau)

A comunicação de Laura é permeada pela adoção dessas duas orientações em relação à experiência vivida, ora mais pessoal, ora mais generalista. Assim, como nos relatos anteriores, a participante, em relação com a música, reconhece sentidos, aquilo que “fica forte”: “*a palavra principal aí é ‘amigo’*”. Esse sentido parece permear a experiência de ingresso no serviço, que Laura relata na sequência, resgatando qualidades psíquicas do que vivenciara: “*eu entrei um pouco, assim, vou dizer, assim, assustada. Eu entrei assustada porque eu já tinha passado outra vez aqui e eu tava achando que não ia dar certo*”.

A participante contrapõe esse horizonte de expectativas com o encontro de “acolhimento”, de “palavra amiga” e de “amizade”, não chegando a referir uma experiência efetivamente vivida que remeta a tais sentidos – ainda que a vivência dessas possa ser intuída. Em seguida, passa a ampliar sua comunicação ao grupo, em tom mais genérico, ainda que, assim como os anteriores, ancorado em percepções e reflexões próprias: “*um amigo faz tudo na vida de uma pessoa*”, “*nós também podemos ajudar a nós mesmos aqui*”, “*se nós estivermos juntos, unidos, mais fortes nós vamos estar para poder vencer aquilo que nós estamos buscando, vencer aquilo que viemos buscar primeiro, que é a nossa cura*”.

[Bethânia compartilha a música “Welcome to my life”, de Simple Plan²]

Do you ever feel like breaking down?
Do you ever feel out of place?
Like somehow you just don't belong
And no one understands you
Do you ever want to run away?

² Você já se sentiu como se estivesse desmoronando?/ Você já se sentiu fora de lugar?/ Como se de alguma forma você não encaixasse/ E ninguém te entendesse?/Você já quis fugir?/Você se tranca em seu quarto/ Com o rádio ligado e o volume tão alto, que ninguém te escuta gritando/Não, você não sabe como é/ Quando nada parece certo/ Você não sabe como é/Ser como eu!/Ser machucado, sentir-se perdido/ Ser deixado no escuro/ Ser chutado quando você está mal/ Sentir como se você estivesse sendo empurrado/ Estar à beira de um penhasco/ E não ter ninguém lá para te salvar./ Não, você não sabe como é/ Bem-vindo à minha vida!/ Você já quis ser outra pessoa?/ Você está cansado de se sentir deixado de fora?/ Você está desesperado para achar algo a mais/ Antes que sua vida acabe/ Você está preso em um mundo que você odeia?/ Você está cansado de todos ao seu redor?/ Com seus grandes sorrisos falsos e mentiras estúpidas./ Enquanto por dentro você está sangrando?/

Do you lock yourself in your room?
 With the radio on turned up so loud
 That no one hears you screaming
 No you don't know what it's like
 When nothing feels alright
 You don't know what it's like
 To be like me...
 To be hurt, to feel lost
 To be left out in the dark
 To be kicked when you're down
 To feel like you've been pushed around
 To be on the edge of breaking down
 And no one is there to save you
 No you don't know what it's like
 Welcome to my life
 Do you wanna be somebody else?
 Are you sick of feeling so left out?
 Are you desperate to find something more
 Before your life is over
 Are you stuck inside a world you hate?
 Are you sick of everyone around?
 With their big fake smiles and stupid lies
 While deep inside you're bleeding
 [...]

Coordenador: Seu nome?

Bethânia: Bethânia.

Coordenador: Bethânia, por que essa música? Por que quis trazer ela?

Bethânia: Ah, como minha vida tem sido conflituosa, eu trouxe essa música porque eu me identifico bastante...

Coordenador: Mas o que que você se identifica, na música? O que gosta na música?

Bethânia: Do que diz a música, da maneira que traz, como sai o som...

Coordenador: Como conheceu a música?

Bethânia: Faz um tempo, foi no Youtube.

Coordenador: Escuta muito ela?

Bethânia: Um pouco.

Coordenador: Você falou que ela fala de conflito e sua vida foi conflituosa, e por isso te ajuda?

Bethânia: Sim.

Coordenador: Obrigado, Bethânia. Quer falar mais alguma coisa?
[Bethânia acena que não]

(Sessão 4, Sarau)

Nesse trecho, diferentemente dos anteriores em que há um sujeito mais coletivo e indefinido (“a gente”), Bethânia permanece em uma orientação pessoal, comunicando sua experiência em perspectiva de primeira pessoa e daquilo que percebe em sua vivência: “*minha*

vida tem sido conflituosa”. A participante conta que compartilhou a música na medida em que percebe uma correspondência entre o sentido de “conflito” presente nessa obra e em sua vida: *“como minha vida tem sido conflituosa, eu trouxe essa música porque eu me identifico bastante...”*. Nota-se que a participante qualifica sua vivência, a partir do reconhecimento do sentido de conflito, mas não situa experiências vividas, em sua concreção e fatualidade. Compreende-se, contudo, que o movimento de passagem pelas experiências efetivamente vividas possa ter sido operado, o que permitiria o acesso ao sentido de conflito – esse, por sua vez, expresso por ela. O coordenador parece buscar ampliar a descrição da participante, procurando localizar sentidos mais específicos que componham o sentido de “conflito” percebido na música por ela: *“mas o que que você se identifica, na música? O que gosta na música?”*. O diálogo, entretanto, não evolui neste sentido.

Destaca-se que essas diferentes possibilidades mais ou menos pessoais ou generalistas, mais ou menos empíricas ou abstratas, não representam problemas por si mesmas. Não se trata de identificar contribuições certas ou erradas, adequadas ou não, mas de buscar descrevê-las conforme se mostram, com suas particularidades, o que encaminhou a análise para a identificação de diversas possibilidades de compartilhamento de uma experiência no grupo.

As comunicações no GCSM transitam entre tais orientações, a depender de inúmeros fatores próprios e alheios à modalidade, como por exemplo, o modo de ser dos participantes, o seu momento de vida, as diversas motivações para estarem na atividade, a compreensão que fazem de trabalhos em grupos, o contexto e as relações mais amplas estabelecidas no serviço em que o GCSM ocorre, entre tantos outros. Assim, não se trata de julgar a adequação de cada comunicação, mas, sim, de reconhecer que essas orientações abrem determinadas possibilidades de encaminhamento e fecham outras. Por exemplo, no caso de Bethânia, a circunscrição de uma experiência “de conflito” efetivamente vivida poderia abrir a possibilidade de reconhecimento intersubjetivo de outros sentidos que ampliassem a descrição

sobre si e sobre a realidade, ou ainda, de uma maior especificação do que se quer dizer por conflito, entre outros.

Ressalta-se, por fim, que uma vez que a questão da experiência vivida motiva a atividade do GCSM, o aprofundamento da compreensão sobre a “*experiência*” no contexto dessa modalidade implica, conforme pôde ser observado, em um aprofundamento do conhecimento sobre o próprio grupo.

6.1.2. A intersubjetividade no Grupo Comunitário de Saúde Mental

“assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós
e só quando
estamos em nós
estamos em paz
mesmo que estejamos a sós”
(Leminski, 2016, p. 14)

O GCSM se configura como uma atividade grupal em que a intersubjetividade e a grupalidade estão “postas”, já que esse só se atualiza a partir de uma estrutura coletiva. Entretanto, ainda que a intersubjetividade e a grupalidade possam ser imediatamente intuídas, seus sentidos serão suspensos, colocados entre parênteses, operando um retorno à coisa mesma, isso é, à atualização e à efetivação da modalidade, por via das sessões grupais, como forma de esclarecê-los fenomenologicamente, conforme se mostram na prática.

As sessões se iniciam com uma comunicação do coordenador que convida os participantes a se envolverem com a tarefa ampla do GCSM, e mais especificamente, com a tarefa do primeiro momento do Grupo Comunitário, o Sarau. Ao longo da sessão grupal, o coordenador faz comunicações que marcam o final de cada momento e o início do momento

seguinte (Sarau, Relato de Experiências, Elaboração do Trabalho Grupal). As sessões grupais, bem como cada um desses momentos, desenvolvem-se a partir de uma “cadência” característica, um encadeamento de comunicações em que estas se dão uma a uma, e uma de cada vez, sucessivamente. De modo geral, tais comunicações têm como centro o relato de uma experiência. Normalmente, o participante que comunica uma experiência vivida, em formato de um relato, é acompanhado pela escuta do grupo – ou ao menos, pelo seu silêncio. Além disso, o ato de relatar uma experiência vivida realizado por um participante parece se dirigir ao grupo como um todo, e não a um participante específico ou ao coordenador exclusivamente.

Nesse encadeamento de comunicações de experiências vividas, dentre outras funções, o coordenador parece, a partir de suas intervenções, realizar espontaneamente certa “marcação” dessa cadência. Assim, as comunicações dos participantes são frequentemente seguidas por algum gesto dele, que pode ser um aceno corporal, um agradecimento, uma pergunta que visa esclarecer algum elemento do relato do participante, ou alguma comunicação mais elaborada que favorece a visibilidade dos sentidos da experiência do participante, amplia-os para o grupo, entre outros. Vale ressaltar que o coordenador não se dirige apenas ao participante, “respondendo” à sua comunicação – uma vez que conforme explicitado, o participante também não dirige sua fala exclusivamente ao coordenador – mas realiza comunicações a partir daquela experiência que podem favorecer também o trabalho grupal. Usualmente, após esse gesto do coordenador, há uma continuidade do trabalho em que outro participante inicia a comunicação de sua experiência, e, assim, sucessivamente.

Vale destacar, contudo, que o processo grupal não se configura como uma dinâmica de sucessivas comunicações-respostas, uma vez que o grupo não se constitui a partir da soma de várias relações duais (participante-coordenador), mas de relações complexas que implicam o “grupo como um todo” como um dos destinatários das comunicações. O que se pontua é que as sessões possuem uma cadência específica, norteadas pela proposta de compartilhamento de

experiência, e que o coordenador, a partir de suas comunicações, favorece o delineamento de um ritmo específico, um encadeamento de comunicações próprio do GCSM. As suas comunicações, assim, separam o relato de uma experiência por um participante de um próximo, parecendo favorecer que a atenção do grupo se volte para uma experiência, e conseqüentemente, para um participante, por vez, sem que haja sobreposição de relatos e, portanto, uma difusão de escuta e da atenção.

No Sarau, especificamente, em que os participantes são convidados a compartilharem experiências com a cultura, as comunicações são acompanhadas da apresentação do objeto cultural com o qual se fez alguma experiência significativa. Assim, a música é tocada, o vídeo e as imagens são exibidos por um equipamento multimídia, a poesia ou o texto são lidos, e assim por diante. Nesse sentido, o momento oferece uma experiência compartilhada e coletiva com um mesmo objeto cultural. Reconhece-se, assim, uma vivência coletiva com um mesmo objeto que tem o potencial de mobilizar a sensibilidade dos participantes, favorecendo a constituição de um clima grupal afetivamente mobilizador e de abertura para a sensorialidade. Tal abertura parece ser sustentada na etapa seguinte, em que o objeto coletivamente compartilhado é um relato de uma experiência, produzido em loco, pelo participante que a compartilha.

O terceiro momento da sessão grupal, “Etapa Reflexiva”, apresenta particularidades em relação à cadência descrita anteriormente. Ao serem convidados a identificarem e compartilharem repercussões pessoais daquela sessão, os participantes realizam comunicações mais breves, havendo poucas intervenções do coordenador. Contudo, mantém-se certa proximidade na estrutura de comunicação e de escuta: de maneira geral, o participante que comunica, dirige-se ao grupo como um todo, ainda que especifique alguma experiência de algum participante como significativa para si mesmo, e é acompanhado pela escuta do grupo. Ao final de seu relato, outro participante inicia sua comunicação. Compreende-se que, de certa

forma, há uma apropriação do encadeamento, do ritmo e do enquadre característicos do GCSM, que encaminha o participante a um certo dispor-se no grupo em orientação mais pessoal, posicionando-se mais em primeira pessoa a partir das experiências vividas por si próprio – disponibilidades incentivadas ao longo de todo o grupo, e que no terceiro momento do grupo, se singulariza no convite de atenção às experiências vividas naquela sessão.

Além disso, o desenvolvimento das sessões se mostra organizado por acordos mútuos, que se dão de maneira mais tácita do que formal – como aqueles que sustentam o referido encadeamento das comunicações. Esses acordos, mais ou menos explícitos a cada sessão, parecem favorecer a continuidade do processo grupal bem como a atualização da atividade dentro dos limites da proposta que caracteriza o GCSM. Trata-se, nesse sentido, de uma efetivação, em meio intersubjetivo, do enquadre da proposta, de um contorno onde o trabalho terapêutico pode se efetivar.

A partir das sessões grupais, observa-se que o participante que comunica uma experiência é acompanhado pela escuta do grupo, que se expressa de diferentes maneiras, como por meio de gestos corporais que indicam atenção (por exemplo, por um olhar que acompanha o participante que relata), emoção (por via do choro ou do riso despertados pela comunicação), cuidado (é frequente, por exemplo, os participantes se mobilizarem para providenciar um lenço quando aquele que relata se emociona), ou mesmo por um silêncio que permite a continuidade da comunicação, entre outros.

Além da escuta, os participantes e o coordenador reconhecem e explicitam um envolvimento de si com a experiência daquele que relata:

Caetano [*em meio à comunicação de Adriana sobre a avó*]: gostei da sua avó
[risadas no grupo]

Adriana: Vou te levar lá... você sai gordo de lá.

(Sessão 1, Relato de Experiências)

Clara [*em relação à comunicação de Glória sobre a experiência de “montar casa nova” e de montar os próprios móveis*]: Eu fico com a mesa montada [...] eu fico com a mesa e com as *cadeira* que ela montou, parecia que eu *tava* vendo ela montar tudo lá, transporte*i pra* casa dela. Só faltou a foto da mesa e da cadeira, né?

(Sessão 2, Etapa Reflexiva)

Coordenador [*em relação à experiência de Elis no aniversário do filho*]: [...] você conseguiu colocar a gente perto dessa comemoração... Eu disse “você conseguiu colocar a gente perto dessa comemoração”. Isso não é pouca coisa, não é pouca coisa participar da comemoração de um filho.

(Sessão 1, Etapa Reflexiva)

As comunicações de Caetano, Clara e do coordenador expressam o envolvimento dos mesmos com os sentidos dispostos nos relatos de outros participantes e com esses participantes. Afirmar espontaneamente “*gostei da sua avó*” pressupõe a interação de Caetano com aquilo que Adriana comunicava sobre a sua avó. Tal envolvimento com os objetos e os sentidos presentes nos relatos alheios também está contido nas metáforas criadas por Clara e pelo coordenador para descrever o que vivenciaram: “*parecia que eu tava vendo ela montar tudo lá, transporte*i pra* casa dela*”, “*você conseguiu colocar a gente perto dessa comemoração*”. Os participantes parecem experimentar a escuta da experiência do outro e expressar a própria vivência em termos de uma proximidade em relação àquela, a partir de uma linguagem metafórica que remete à corporeidade e à espacialidade: “*transportar*”, “*colocar perto*”.

Por sua vez, aquele que faz o relato, efetiva um gesto de abertura em relação à própria experiência e, com isso, de apresentação de si, de suas vivências, percepções, afetos e reflexões; gesto, este, que pode encontrar a receptividade e a disponibilidade de escuta de um outro e do grupo como um todo. Há, em termos recíprocos, uma abertura de quem relata para que o outro se “*transporte*” para a experiência que o sujeito viveu em primeira pessoa, para que o outro “*se coloque perto*”. Essa abertura ao outro é explicitada, em termos literais e concretos, por Adriana que contava sua experiência e se dirige a Caetano: “*vou te levar lá, você sai gordo de lá*”. A

participante posiciona aquele que escuta como alguém que poderia lhe acompanhar em suas visitas à avó, como alguém com quem se partilha certa afetividade e intimidade.

No processo grupal, assim, os gestos recíprocos de aproximação da experiência do outro e de abertura da própria experiência ao outro se mostram essenciais para a constituição e efetivação da atividade. Essa disponibilidade ao envolvimento com o outro, seja pelo relato ou pela escuta, parece sustentar as relações que são construídas entre os participantes ao longo das sessões e o próprio sentido da grupalidade estabelecida no processo grupal. O dispor-se ao outro no grupo parece angariar também o sentido de um acompanhar:

[Regina compartilha a música “O que é, o que é?” - Gonzaguinha]

Eu fico com a pureza
 Da resposta das crianças
 É a vida, é bonita
 E é bonita
 Viver
 E não ter a vergonha
 De ser feliz
 Cantar e cantar e cantar
 A beleza de ser
 Um eterno aprendiz
 Ah meu Deus!
 Eu sei, eu sei
 Que a vida devia ser
 Bem melhor e será
 Mas isso não impede
 Que eu repita
 É bonita, é bonita
 E é bonita
 [...]
 E a vida
 E a vida o que é?
 Diga lá, meu irmão
 Ela é a batida de um coração
 Ela é uma doce ilusão
 Hê! Hô!
 E a vida
 Ela é maravilha ou é sofrimento?
 Ela é alegria ou lamento?
 O que é? O que é?
 Meu irmão
 Há quem fale
 Que a vida da gente
 É um nada no mundo

É uma gota, é um tempo
 Que nem dá um segundo
 Há quem fale
 Que é um divino
 Mistério profundo
 É o sopro do criador
 Numa atitude repleta de amor
 Você diz que é luta e prazer
 Ele diz que a vida é viver
 Ela diz que melhor é morrer
 Pois amada não é
 E o verbo é sofrer
 Eu só sei que confio na moça
 E na moça eu ponho a força da fé
 Somos nós que fazemos a vida
 Como der, ou puder, ou quiser
 Sempre desejada
 Por mais que esteja errada
 Ninguém quer a morte
 Só saúde e sorte
 E a pergunta roda
 E a cabeça agita
 [...]

Coordenador: Teu nome?

Regina: Regina

Coordenador: Regina, porque quis trazer essa música?

Regina: Ela fala muito sobre a vida, né, que a vida é bonita, é bonita e é bonita. Então, traz esse sentimento de viver a vida com os pequenos momentos de alegria, de felicidade... porque hoje lá na escola do meu filho, ele vai cantar essa música *pra* juízes, delegados, advogados. Ela mexe muito comigo, com as lembranças de quando eu era adolescente, tempos bons, e pela alegria que a música traz *pra* gente.

Coordenador: Quer dizer que você conhece a música faz bastante tempo... gosta da música?

Regina: Muito.

Coordenador: Eu não entendi o que você falou do filho...

Regina: É... meu filho de dez anos vai fazer uma apresentação, depois do recreio, né? O recreio é 9h30... E aí eu falei “é pros pais irem?”. E aí ele falou assim “não, mãe, nós vamos cantar *pra* juízes, advogados, delegados”, ele falou mais algumas pessoas lá que eu não me recordo, umas pessoas importantes, sabe? Espero que eles façam vídeo *pra* mostrar *pra* gente, né? Ele vai cantar essa daí e a do estatuto da criança...

Coordenador: Daqui a pouco teu filho vai cantar, então...

Regina: Daqui a pouco...

Coordenador: Essa mesma música que você gosta...

Regina: Isso, ele ensaiou lá em casa e ensaiou na escola.

(Sessão 3, Sarau)

Adriana: Eu vou levar a Regina hoje comigo, a experiência dela, porque quem conhece a Regina sabe, que hoje, esse desejo de *tá* lá escutando o filho. Então, *pra* mim, essa música é um desejo de muita abertura, de novas possibilidades. E eu fiquei assim com muito desejo de *tá* ali do ladinho teu lá, vendo, toda orgulhosa, o teu filho lá cantando... e você compartilhar com a gente, essa música, eu acho que deu pra trazer um pouquinho pra nós esse orgulho, sabe, de você *tá* com o seu filho, hoje, numa apresentação. Então, isso me deu muito desejo assim de *tá* lá assim com você, acho que *tá* aqui ouvindo essa música, me deu esse desejo, então eu me senti muita orgulhosa por você e também tive muito orgulho de você. Parabéns.

(Sessão 3, Elaboração do Trabalho Grupal)

No recorte, observa-se que Adriana se envolve com os sentidos da experiência de Regina, com os seus gestos (levar a música) e com seus desejos, podendo reconhecer e explicitar que o gesto de compartilhamento da música permitiu “trazer” para o grupo “*um pouquinho [...] esse orgulho*”. Adriana reconhece em si o desejo de estar “*do ladinho*” de Regina, podendo vê-la “*toda orgulhosa*” assistindo ao filho cantar – em que se mostra, mais uma vez, a referência à corporeidade e à espacialidade para expressar uma vivência de proximidade interpessoal e intimidade. Adriana apreende o orgulho de uma mãe em relação ao filho (“*eu me senti muito orgulhosa por você*”) partilhando com ela o orgulho em relação a uma mesma pessoa (filho); mas chega a dizer que sentiu orgulho *de* Regina (“*também tive muito orgulho de você*”), enquanto mãe, em que ela passa a ser a pessoa de quem se orgulha.

Adriana coloca-se em duas disposições distintas em relação à experiência de Regina e à possibilidade de orgulhar-se: “*então eu me senti muita orgulhosa por você e também tive muito orgulho de você*”. Há, assim, um envolvimento com os objetos e os sentidos da experiência de Regina, e, também, um olhar de Adriana para a participante, enquanto sujeito daquela experiência, enquanto mãe que se orgulha do filho. Dessa forma, a partir do seu envolvimento

e de seu olhar para a participante, Adriana pode acompanhá-la em seu “fazer experiência”, evidenciando essa disponibilidade em “acompanhar” o sujeito da experiência. Ao reconhecer o outro como sujeito de uma experiência, reconhece-se sua condição de centro doador de sentidos, um “tu”, que assim como o “eu”, experimenta e significa a realidade, a si mesmo e ao outro:

Coordenador: [...] Na última parte do nosso trabalho, a gente compartilha um pouco da nossa escuta neste grupo, quer dizer, o que pudemos escutar, o que pudemos perceber, o que pudemos... encontrar. Com quem pudemos nos encontrar aqui hoje, porque todo desejo é de que a gente consiga não sair daqui com a impressão de não ter encontrado ninguém, nosso desejo é de que em meio a tantos depoimentos, a gente consiga se perceber encontrando alguém.

Nessa direção, o coordenador ao apresentar o momento da Etapa Reflexiva, transparece o alargamento da possibilidade de escuta da experiência do outro: inicia convidando ao compartilhamento do que se pôde escutar, perceber e encontrar – em uma perspectiva mais centrada na experiência propriamente dita. Em seguida, desenvolve a questão para “quem” se pôde encontrar hoje, em meio aos depoimentos. Convida, assim, a uma atenção ao sujeito que vivencia a experiência relatada, que se expressa, que se questiona, que se emociona, que identifica sentidos, ou seja, de um outro que acontece na experiência e se mostra por meio dela e de seu relato. Esse reconhecimento do outro, segundo o coordenador, pode ser sentido e identificado como um encontro, como a experiência de “encontrar alguém” no grupo, que remete a sentidos de intimidade e de proximidade com a singularidade do sujeito “encontrado”.

Além disso, ao colher as repercussões em si, despertadas pela comunicação do outro e expressá-las ao grupo, os participantes podem fomentar a ampliação de possibilidades de significação da experiência vivida por parte daquele que relata e do próprio grupo. Adriana, a partir do desejo de estar junto com Regina em um momento importante de sua vida, pôde oferecer uma maneira de olhar e de enriquecer o sentido da experiência vivida por aquela

participante e de sua contribuição ao grupo. Por exemplo, Adriana afirma perceber um “*desejo de muita abertura*” por parte de Regina, o que pode ampliar o horizonte de sentidos percebidos por ela sobre aquela mesma experiência e de formas de dizer de tais sentidos. Outros elementos que compõem as comunicações dos participantes podem ampliar o olhar daquele que relata sobre si e sobre o vivido, como a afetividade e o entusiasmo que são demonstrados por Adriana em relação à Regina, não necessariamente de maneira verbal.

Compreende-se que o percurso de significação das experiências relatadas a partir do olhar de um outro – exemplificado pela comunicação de Adriana – é diferente de significar a experiência do outro arbitrariamente, excluindo da equação a repercussão de seu relato em si mesmo, o que aproximaria o discurso de uma avaliação, de um comentário, de um conselho, etc. Assim, a disponibilidade de escuta ao outro configurada no GCSM, que ganha contornos de um envolvimento e acompanhamento, difere-se de outras disponibilidades relativas ao avaliar, ao interpretar, ao aconselhar, etc. Nesse referido modo de dispor-se, “eu” e “outro” estão posicionados horizontalmente, constituindo uma espécie de ressoar mútuo afetivamente significativo. Tal mutualidade aponta para a presença de dois sujeitos implicados em uma relação vivida, em que a experiência do outro não é objetificada, mas ressoa em si próprio e produz novas vivências, como aquela de Adriana em relação ao “desejo de estar junto” de Regina.

A interação com a experiência do outro – que provoca certa reverberação em si mesmo – além de favorecer a ampliação das possibilidades de significação da mesma, pode propiciar que o participante que escuta, consiga se voltar para as próprias experiências:

Cecília: De fato, várias das contribuições me ajudam muito, mas acho que o que mais me ajudou hoje foi essa possibilidade de olhar *pro* outro, e poder... como o seu Gilberto disse, se comover... sair desse lugar que eu estava e poder encontrar o outro. E aí, acho que a experiência da Maria que vai com a avó e se abre para um encontro, para uma possibilidade de ajuda. A da Adriana, que vai visitar a

avó, e percebe toda uma riqueza de um encontro, a da Regina, que foi surpreendida pelo agradecimento do filho, do Gilberto que é surpreendido pelo filho. Então, assim, o que me marcou foi essa possibilidade de *tá* comovida, através de vocês, *pra* olhar também *pra* minha vida, o que tem me movido, o que tem me feito me mover junto com o outro... então eu agradeço muito.

(Sessão 1, Etapa Reflexiva)

Cecilia, ao descrever sua experiência na sessão grupal, faz uma síntese daquilo que a mobilizou ao longo do encontro, podendo contribuir com o processo de significação e elaboração das experiências vividas pelos participantes e no próprio grupo. Além disso, ao buscar dar contorno à ajuda que sente vinda do grupo, ela identifica que se sente convidada a “olhar” para a própria vida, voltando-se para a sua experiência: *“o que tem me movido, o que tem me feito me mover junto com o outro”*.

As comunicações de Maria e de Adriana (Sessão 1, Relato de Experiências), já apresentadas na unidade de sentido anterior, também ilustram a possibilidade de, a partir da experiência do outro, voltar o olhar para si. Adriana conta que visitara a avó, e que, por uma série de acontecimentos durante a visita, sentiu-se próxima dela, chegando a se dar conta de si mesma em uma história familiar e de gerações. Essa proximidade se revela, inclusive, corporalmente, em que a participante se lança em direção à avó, por via da efetivação de um gesto afetivo sentido com profundidade: *“eu abracei e eu falei ‘eu te amo tanto’ e aquilo saiu de dentro da minha alma, porque eu acho que eu nunca falei pra minha avó o quanto que eu a amava”*. Adriana explicita ainda certa percepção da terminalidade: *“eu não sei se ela [avó] vai ter maio para me reencontrar, ou se eu vou ter maio para reencontrar”*.

Na sequência, Maria relata a visita que fizera à avó no hospital, motivada pela comunicação de Adriana, conforme ela esboça explicitar: *“meu nome é Maria... é... a Adriana falando da experiência com a avó dela... [inicia relato]”*. A participante descreve as nuances

que revelam a complexidade e a ambiguidade daquilo que fora vivenciado. Em relação à declaração de amor da avó, diz que foi algo “*difícil de ouvir dela*”: “*e o que a Adriana falou sobre não saber se você vai ver a pessoa de novo... eu realmente também não sei, sabe? E eu queria ter falado um ‘eu te amo’ pra minha avó do fundo da minha alma, sabe? Só que eu não consegui, porque...[...] e eu não vou conseguir, não sei quando eu vou conseguir falar pra ela que eu amo ela com tanta força*”.

Ressalta-se que a relação entre as comunicações não se estabelece somente no nível do “conteúdo temático” dos relatos, isso é, “visita/relação com a avó” – embora, nesse caso, passe por isso. Compreende-se, a partir de uma escavação fenomenológica, que há uma ressonância no nível dos sentidos implicados nas comunicações. Nota-se, por exemplo, como Maria recupera e reverbera a imagem presente na comunicação de Adriana acerca de “falar que ama do fundo da alma”. Adriana parece surpreender-se com a “verdade” do “eu te amo”, que diz à avó, e esse sentido (“dizer eu te amo com verdade”) atravessa a comunicação de Maria, que a partir da escuta e de um olhar para si própria, reconhece um desejo em si de dizer ‘eu te amo’ à avó “do fundo da alma”, isso é, vivendo-o verdadeiramente, e, ao mesmo tempo, um “não conseguir” ou “não saber quando vai conseguir dizer” “*com tanta força*”. Por fim, ressalta-se que a comunicação do coordenador reverbera o sentido de “honestidade”, e, em certa medida, de verdade, “do fundo da alma”, percebido por ele nos gestos de Maria com a própria vivência: “*quanta honestidade da Maria com a experiência que ela viveu*”.

Evidencia-se, ainda, a reverberação, por Maria, dos sentidos de terminalidade presentes na comunicação de Adriana. Na visita à casa da avó, Adriana pôde reconhecer as potencialidades da avó, bem como certa vitalidade, que se dão em meio à fragilidade, a limites e à terminalidade. Desvela-se um movimento similar na comunicação de Maria, que a despeito dos limites encontrados na relação com a avó, também permeada pela terminalidade, chega a

reconhecer: “*mas ter ficado com ela no domingo e ter compartilhado um pouco daquele momento de vida dela, sabe? Foi muito bom ficar com ela*”.

A reverberação de sentidos entre as comunicações favorece a ampliação das possibilidades de compreensão, elaboração e expressão do que fora vivido:

Roberto: Meu nome é Roberto, eu queria compartilhar que... eu não ia falar nada, mas é que eu não aguento, porque o Dr. [*nome do coordenador*] fala que as pessoas ensinam as outras pessoas a fazer as coisas sabe, eu acho que aconteceu comigo, sabe? Eu fui tirar sangue no sábado e a pessoa que foi tirar o sangue, não conseguia tirar o sangue sabe, no braço esquerdo, ele só tirou um pouquinho, sabe? E aí eu falei assim “ah! Tenta no outro braço, na minha mão aqui” [...] E aí por mais que eu tenha xingado *ele*, depois, eu... que eu consegui manter a calma *pra* ele aprender a ter persistência no que ele faz sabe, eu acho que isso foi muito importante sabe? Assim não *pra* mim, porque eu fiquei muito bravo, porque o cara me furava e não acertava e aí eu tive que ter paciência pra esperar ele fazer as coisas certinha, sabe? Até ele conseguir, porque eu *tava* precisando fazer aquele exame sabe? Eu senti que eu consegui fazer com que ele tivesse a persistência e terminasse de fazer o serviço dele.

Coordenador: A tua paciência ajudou ele a ter persistência [...]

(Sessão 5, Relato de Experiência)

[...]

Adélia: Meu nome é Adélia... eu fiquei aqui ouvindo, enquanto o Roberto falava da questão da paciência né, e ainda não faz um mês que eu retomei as minhas atividades na escola [...] e eu tenho sentido muita dificuldade no ambiente, porque eu *tô* assim me sentindo muito irritada de novo e ontem aconteceu uma coisa, assim, que eu percebi que eu já *tava* fazendo, mas só percebi ontem... que eu não consigo deixar eles colocarem a mão em mim, eu dou aula pro primeiro ano do ensino fundamental até terceira série do ensino médio, os menores eles tem mania [...] de abraçar, de querer pôr a mão, de passar a mão no cabelo, ou até mesmo dar alguma coisa, um adesivo e eu não consigo, eu não *tô* conseguindo deixar com que eles toquem em mim, eu não *tô* conseguindo falar, eu não *tô* conseguindo ter a paciência que eu preciso ter *pro* ambiente aonde eu trabalho e eu *tô* com muita dificuldade, eu achei que fosse um pouco mais fácil, depois que eu passasse pelo tratamento [*voz de choro*], embora eu estivesse ciente de que o meu problema ia perdurar por tempo indeterminado né, pode acabar amanhã como pode não acabar nunca né, então assim eu fico tentando ouvir e buscar das pessoas o que elas fazem pra conseguir determinadas coisas porque eu me sinto fraca, muito mole...

Coordenador: Por isso, você citou o depoimento do Roberto...

Adélia: É a questão da paciência, fura aqui, fura ali, fura lá e nada dá certo, e você mesmo assim incentiva e vai [*voz de choro*] [*grupo se mobiliza para providenciar um lenço*] [...]

Coordenador: Eu fico muito impressionado com a sua ajuda, é uma ferida aberta, quando a gente tem uma ferida aberta, a gente sabe o quanto a gente precisa correr atrás de um remédio.

Adélia: É, parece que fica tão difícil alcançar, hoje mesmo eu dei a primeira aula e corri pra cá, agora eu corro pra lá, dou mais duas aulas [...]

[...]

Coordenador: As coisas difíceis a gente vai enfrentando aos poucos, começando com essa possibilidade de se deixar tocar, aquilo que disse o Roberto, se deixar tocar... começamos pelas coisas mais fáceis que vão sendo possíveis. Não é pouca coisa que você se deixe tocar pelas palavras do Roberto, é um começo, pode ser um começo. Seguimos mais um pouquinho se alguém mais quiser compartilhar como foi a experiência de estar aqui hoje, mais alguém?

(Sessão 5, Elaboração do Trabalho Grupal)

A partir do relato de Roberto, Adélia, assim como o coordenador, apreende sentidos relacionados a um tipo de “paciência” em relação ao outro que pode favorecer sua “persistência” e sua realização: *“a tua paciência ajudou ele a ter persistência”* (coordenador), *“é a questão da paciência fura aqui, fura ali, fura lá e nada dá certo, e você mesmo assim incentiva e vai”*. Roberto desvela tais sentidos a partir de seu gesto paciente diante do outro, ainda que este lhe gerasse muito desconforto. Nessa direção, lançar-se ao outro ganhou um sentido capaz de fazer com que o participante tolerasse a sua “braveza” e a sua dor, ao reconhecer como “importante” que esse outro conseguisse realizar sua atividade, sentindo-se favorecedor desse processo.

Adélia parece operar um movimento de aproximação entre a vivência de Roberto e a sua própria, reconhecendo divergências, expressas por sentidos de abertura e disponibilidade que remontam à ordem da corporeidade: *“fura aqui, fura ali, fura lá [...] e você mesmo assim incentiva e vai [percepção de Adélia sobre a experiência de Roberto]”* e *“os menores eles têm mania [...] de abraçar, de querer pôr a mão, de passar a mão no cabelo, ou até mesmo dar alguma coisa, um adesivo e eu não consigo, eu não tô conseguindo deixar com que eles toquem*

em mim [percepção de Adélia sobre si]”. Essa percepção sobre si é expressa em termos da ausência de um posicionamento sentido como necessário: “*eu não tô conseguindo ter a paciência que eu preciso ter pro ambiente aonde eu trabalho*”. Essa “ausência” que gera sofrimento também parece impeli-la para uma busca: “*então assim eu fico tentando ouvir e buscar das pessoas o que elas fazem pra conseguir determinadas coisas*”, que pode ser favorecida pelo trabalho do GCSM.

A busca de Adélia é reconhecida, significada e valorizada pelo coordenador em termos de uma necessidade de “*correr atrás de um remédio*”, uma vez que há a percepção de uma “*ferida aberta*”, genuinamente exposta por Adélia em seu relato. O coordenador compreende, ainda, que a comunicação de Adélia consiste em uma “ajuda” ao grupo, que o “impressiona”, portando um reconhecimento da universalidade da experiência de “ter feridas” e poder cuidá-las. Há, por parte do coordenador, um acompanhar do gesto da participante, daquilo que já se mostra: “*essa possibilidade de se deixar tocar, aquilo que disse o Roberto, se deixar tocar [...] não é pouca coisa que você se deixe tocar pelas palavras do Roberto*”. Assim, ainda que não se deixe ser fisicamente tocada, o coordenador utiliza-se desta imagem metafórica para explicitar o que já acontece: “*ser tocada pelas palavras*”.

Os recortes anteriores permitem ainda identificar que os sentidos apreendidos e reverberados nas interações entre os participantes também são, muitas vezes, expressos metaforicamente, por via de linguagem que remete à corporeidade e à espacialidade: “*queria ter falado um ‘eu te amo’ pra minha avó do fundo da minha alma*”, “*falar pra ela que eu amo ela com tanta força*”, “*fura aqui, fura ali, fura lá*”, “*que você se deixe tocar pelas palavras*”.

Além disso, por via dessas reverberações, os sentidos presentes na comunicação de um participante podem ser ampliados, a partir do acréscimo de novas camadas de significado, como na fala do coordenador, em que ele integra à imagem de ser tocado fisicamente por um outro a possibilidade de se deixar tocar, metaforicamente, pelas palavras. A reverberação de sentidos e

as suas ampliações e transformações entre as comunicações contribui com a constituição de um fluxo grupal, de um certo encadeamento das experiências relatadas. O ambiente intersubjetivo, criado e sustentado pela atividade, favorece, dessa forma, que os movimentos de reconhecimento e de elaboração de experiências cotidianas – norteadores da atividade – sejam potencializados por meio do encontro com o outro.

A alteridade, no GCSM, não se restringe ao outro presente no aqui-agora da sessão, mas abrange os vários outros encontrados na realidade vivida e na cultura. Caetano, ao contar do almoço em família, mostra como a escuta da frase do pai sobre o “*comer junto*” (Sessão 1, Sarau) contribui para que ele perceba essa situação abstraída da obviedade do cotidiano e acrescida de sentidos e valores antes não vislumbrados por ele: “*quantas vezes a gente comeu junto e eu nem pensei nisso, de tá comendo junto*”.

Quando solicitado a repetir a frase do pai pelo coordenador, por exemplo, o participante parece compreender como necessário retomar a sua frase e, em seguida, a frase do pai, explicitando a ampliação de sentidos, o movimento de soma entre o seu olhar e o olhar do pai, entre o “*comer*” e o “*comer junto*”. A maneira singular que o pai percebe, significa e vivencia a realidade pôde ser apropriada por Caetano, que por sua vez, pode revivê-la e atualizá-la sob o olhar do GCSM.

A apropriação do que é ofertado pelo outro, por via da experiência, também se dá no aqui-agora das sessões grupais:

Cássia: Eu fico com a experiência do Caetano... na verdade, eu fico com a experiência de cada um dentro de mim, mas eu fico com o Caetano, porque eu até fiquei pensando o quanto que a gente come junto aqui... o quanto que a gente se alimenta de tudo isso... e como é bom comer junto, de tantas outras formas também.

(Sessão 1, Elaboração do Trabalho Grupal)

Cássia, ao reverberar as repercussões da comunicação de Caetano, amplia o sentido – já metafórico – do gesto de “comer junto” ao grupo. Ela utiliza essa metáfora para identificar e descrever uma experiência comum vivida por ela durante a sessão, em que se desvela um sujeito comunitário, um “nós”. A participante explicita a impressão de “ser alimentada” a partir do pertencimento a tal vivência compartilhada, de poder ser constituída pelo grupo. Cássia retrata uma apropriação daquilo que é vivido, utilizando termos que remetem à incorporação das experiências alheias – *“eu fico com a experiência de cada um dentro de mim”* – e ao potencial de sustento de si pelas mesmas – *“o quanto que a gente come junto aqui... o quanto que a gente se alimenta de tudo isso...”*. Com isso, percebe-se que a intersubjetividade constituída no GCSM pode se configurar como a experiência de participação em uma vivência comunitária.

7. Discussão

“Ia e vinha
E a cada coisa perguntava
Que nome tinha.”
(Andresen, 2018, p. 81)

Conforme apresentado anteriormente, o Grupo Comunitário de Saúde Mental é definido, por seus fundadores, como um programa de cuidado à saúde mental e ao amadurecimento pessoal e humano dos participantes e da comunidade por via de um trabalho grupal realizado a partir do compartilhamento de experiências cotidianas (Ishara & Cardoso, 2013). O percurso histórico de desenvolvimento da modalidade foi marcado por uma abertura recíproca entre prática do grupo, observação, discussões clínicas sobre as sessões grupais, aprofundamento das bases teóricas e filosóficas que o inspiraram, dentre essas, a filosofia fenomenológica clássica de Edmund Husserl e Edith Stein, o aporte filosófico antropológico de Luigi Giussani, a perspectiva grupal de Pichón-Riviere, entre outros. Assim, em seu contexto generativo, o Grupo Comunitário não nasce propriamente como um grupo fenomenológico, tampouco como um grupo operativo ou psicoeducativo em sentido estrito, mas como uma prática criativa, inspirada e permeada pela formação teórica-filosófica e clínica de seus fundadores, de forma combinada à observação daquilo que se mostrava na própria prática grupal, e pelo momento histórico e cultural em que a atividade se inicia, de fomento às iniciativas alinhadas aos princípios da Reforma Psiquiátrica Brasileira.

Trata-se de reconhecer, por via da historicidade da modalidade, a irredutibilidade do GCSM a uma categoria pré-estabelecida de grupo, como grupo fenomenológico, grupo operativo, entre outros, afirmando seu status de singularidade e de objeto em contínuo desenvolvimento, aprimoramento e refinamento, por meio da interlocução entre prática (compreendendo prática como a efetivação da proposta em intersubjetividade, a partir de uma postura de abertura àquilo que se mostra nesse percurso) e inspiração teórica-filosófica

(atualmente, com reconhecida contribuição da filosofia fenomenológica clássica). Há que se reconhecer, nessa direção, a irreduzibilidade da compreensão de seus elementos estruturantes como categorias pré-estabelecidas teoricamente.

Assumindo os traços generativos do objeto de estudo, bem como buscando cumprir o imperativo fenomenológico de retorno às coisas mesmas, efetivou-se uma forma de análise fenomenológica de tais elementos estruturantes, que considerou seus sentidos conforme desvelados nas sessões grupais, na própria atualização do GCSM, isso é, conforme constituídos em intersubjetividade. A análise permitiu a elaboração de duas unidades de sentido, a saber: “A compreensão de ‘experiência’ no contexto do Grupo Comunitário de Saúde Mental” e “A intersubjetividade no Grupo Comunitário de Saúde Mental”. A primeira delas apresenta as características essenciais à compreensão de “experiência” que se constitui e atualiza nas sessões do GCSM. A segunda unidade de sentido explicita e qualifica a intersubjetividade conforme configurada no GCSM, sendo essa o meio pelo qual a atividade se efetiva.

A análise explicitou a centralidade da corporeidade à noção de experiência vivida, à sua possibilidade de expressão e de comunicação nas sessões pelos participantes e ao aqui-agora da própria sessão. A corporeidade se manifestou, durante as sessões grupais, por via do próprio corpo em ato na sessão, pela sensorialidade, afetividade e estética presentes nos relatos e vividos no encontro grupal. A presença do corpo nas dinâmicas subjetivas e intersubjetivas configuradas nas sessões grupais pode ter sua compreensão aprofundada a partir das proposições de Husserl e Stein sobre a temática.

De acordo com os autores, é na corporeidade – compreendida como corpo vivo, e, portanto, como uma unidade material e sensível, ou físico-psíquica – que se encontram e se manifestam as sensações dos mais diversos tipos, como as localizadas (sensações táteis), as sensoriais (sensações visuais e auditivas), as cinestésicas, entre outros. Essas sensações participam da constituição de objetos, como a sensação de pressão nos dedos, que é matéria

para a constituição da percepção tátil de um objeto que apresenta sua dureza ou a sensação visual de brancura que apresenta o branco de determinado objeto, conforme exemplificam os autores. Nesse sentido, operam como matéria para as funções intencionais da consciência, como a percepção. Esses fenomenólogos descrevem, também, outros grupos de sensações como as sensações de prazer, de dor, de bem-estar, de mal-estar, de disposição e de indisposição, entre outras, ou àquelas relativas aos impulsos (Husserl, 1913/2012; 1952/2002), bem como outras “difíceis de analisar e de ilustrar” [tradução nossa] (Husserl, 1952/2002, p.155), como as “de tensão e de relaxamento da energia, as sensações de inibição interna, da paralisia, da liberação, etc.” [tradução nossa] (p.155) que formam o substrato da vida do sentimento e da vontade.

Todas essas sensações, à medida que são localizadas no corpo, “têm uma imediata localização somática, de forma que, para cada homem, competem de modo imediatamente intuitivo ao seu corpo vivo enquanto seu corpo vivo, como uma objetividade subjetiva” [tradução nossa] (Husserl, 1952/2002, p. 155). Além da ligação com a constituição da própria corporeidade, todas essas sensações, desde as primárias (tato, visão, audição) até aquelas mais de apreender, configuram-se como dados materiais, que são substrato, para as funções intencionais da consciência, que os “anima”, lhes oferecendo uma camada de sentido (Husserl, 1913/2012, 1952/2002).

É dessa noção de “materialidade” que deriva o termo “hilética” para referir-se a esse estrato sensorial das vivências, por exemplo o dado de sensação do tato, que ganha um sentido e uma interpretação pelas funções “noéticas” da consciência, no exemplo, o ato de perceber que “organiza” os dados sensoriais e faz ver um determinado objeto com um sentido (Husserl, 1913/2012). A “camada intencional” age sobre os momentos sensíveis, “animando-os”, dando-lhes *sentido*” (Tourinho, 2013, p. 44). Explicita-se, dessa forma, a íntima conexão entre a corporeidade, enquanto sede das sensações, e as funções da consciência: “a inteira consciência

de um homem está, de certo modo, ligada a seu corpo vivo através de sua base hilética” [tradução nossa] (Husserl, 1952/2002, p. 155).

A materialidade, ou a dimensão hilética, tem um espaço relevante onde, na análise das sessões grupais do GCSM, destacou-se o envolvimento da corporeidade. Assim, as sensações de excitação que compõem o coração acelerado e o sentimento “euforia”, na experiência de Adélia (Sessão 1, Sarau), integraram a experiência vivida e o reconhecimento de sua intensidade e de seu sentido para a participante, bem como a exposição de seu relato. Ou ainda, as metáforas de uma frase que fura por dentro ou de uma experiência vivida que chacoalha, mexe e atropela são formas de colocar em palavras e expressar dinâmicas hiléticas. Contudo, Stein (1932/2003) aponta que “constatar a presença em nós de sensações é, por sua vez, algo distinto do mero sentir, do mero ser afetado” [tradução nossa] (p. 650). Assim, vale ressaltar que o referimento às mesmas, na medida em que se configura como um dar-se conta das próprias sensações e expressá-las ao grupo, já implica movimentos de doação de sentido, pertencentes ao momento noético das vivências.

Nesse contexto, as expressões metafóricas assumem, espontaneamente, um lugar de centralidade nas comunicações do GCSM, na medida em que possibilitam colocar em palavras o interjogo entre tais dinâmicas hiléticas e as camadas de sentido viabilizadas pelas dinâmicas noéticas, que possibilitam o próprio expressar-se. Fazendo referência à corporeidade e às dinâmicas hiléticas, tais metáforas preservam, em parte, esses “dados materiais”, comunicando o vivido com sua força vivencial, com sua “concretude” vivencial. Desse modo, as dinâmicas hiléticas, quando expressas, portam a empiria do vivido ao relato e à sessão, que aparece como importante elemento sustentador da vivacidade e do poder de mobilizar das experiências relatadas. Assim, a empiria aparece como um elemento essencial à noção de “experiência” e, por consequência, do próprio GCSM, motivado pelo cuidado com as experiências vividas.

A expressão metafórica que faz, por via da linguagem, referências à sensibilidade, à empiria e à materialidade presentes nas experiências vividas – traduz, na medida do possível, tais dinâmicas hiléticas, visto que estas se dão necessariamente em registros pré-verbais e pré-reflexivos, em que não há o predomínio da “interpretação” noética. Dessa forma, não há um encaixe perfeito e completo entre dinâmica hilética vivida e expressão da mesma, e, nesse sentido, a sua expressão não poderia ser uma tradução completamente literal. A expressão se constitui como um esforço de descrição aproximativa, que deixa, assim, sentidos insaturados, algo que não se pode traduzir com palavras, mas por aproximações, preservando uma insaturação poética – mais sentida do que propriamente dita, e nomeada somente aproximativamente.

Os momentos hiléticos e noéticos das vivências apresentam diferenças significativas quanto à participação do sujeito nesses: enquanto no momento hilético, o “eu” “está implicado de modo particularmente surdo e passivo” [tradução nossa] (Stein, 1917-1922/2001, p. 104); no momento noético, o “eu” é ativo, por meio da intencionalidade, do dirigir-se a um objeto. Ales Bello (2019), em comentário do texto de Husserl (1973/2019), explicita que “ainda que o universo hilético seja um universo não egológico, no sentido de que se constitui sem a intervenção do eu, todavia, o eu é sempre presente como lugar das afecções” [tradução nossa] (p. 21), as sensações “acontecem” ao – e no – eu.

O dado da sensação, assim, tem uma condição complexa e ambígua:

Tal dado pertence, inseparavelmente, ao fluxo da vida de consciência, ainda que esteja, de certa forma diante do eu, ainda que seja algo de estranho ao eu. O dado da sensação está na fronteira em que sujeito e objeto se separam [tradução nossa] (Stein, 1917-1922/2001, p. 104)

Nessa direção, desvela-se a dimensão pré-reflexiva das experiências vividas nas sessões grupais. Por ser anterior à separação entre sujeito e objeto, os sentidos que daí emergem –

geralmente metaforicamente expressos – podem ser sentidos como autênticos, verdadeiros, e efetivamente experimentados. Barreira (2017) explicita a relação de necessidade entre uma disponibilidade pré-reflexiva e a comunicação da experiência vivida por um sujeito: “uma vez que se privilegie a cognição representativa, a racionalização, a construção de ideias sobre o fenômeno, coloca-se a experiência propriamente dita à distância” (p. 344), ou ainda, nas palavras do autor, adota-se uma “distância objetivante do fenômeno” (p. 344).

Assim, a dimensão hilética que emerge – e que é acolhida e favorecida – nas sessões grupais promove uma aproximação dos participantes da experiência vivida e não uma “distância objetivante do fenômeno” (Barreira, 2017, p. 344), trata-se de um envolvimento subjetivo. Os participantes e o coordenador são colocados em contato subjetivo e pessoal com as experiências relatadas, uma vez que o relato destas experiências se realiza na fronteira de separação entre sujeito e objeto, em matrizes originárias do próprio sentido da experiência relatada, anteriormente à realização de movimentos de racionalização, reflexão, elaboração, etc. Desvela-se, dessa forma, a relação entre a dimensão hilética, que passa pela corporeidade, e a possibilidade de uma aproximação subjetiva ou pessoal em relação à experiência vivida.

A dimensão hilética, de acordo com Tourinho (2013), “torna-se uma peça importante para o entendimento da trama que envolve a formação intencional (ou as doações de sentido de diferentes níveis) no vivido como um todo” (p. 44). Em termos da compreensão daquilo que se comunica – seja pelos outros participantes, seja pelo coordenador – a dimensão hilética e a sua expressão “aproximativa” pela linguagem, favorece – de modo intuitivo – o “entendimento” da “trama intencional” – favorece, em outros termos, a elaboração dos sentidos apreendidos, que já é parte do movimento intencional. Favorece, ainda, uma comunicação mais intuitiva e imagética, que se dá nas proximidades da origem do movimento noético, da elaboração de sentido, onde, nas palavras de Stein (1917-1922/2001, p. 104), está a “fronteira em que sujeito e objeto se separam”.

Vale ressaltar, ainda, que as sensações que compõem a dimensão hilética têm a condição complexa de serem referidas simultaneamente à intencionalidade (e assim, à noética), ao objeto transcendente (ou àquilo que se encontra na realidade interna e externa) e à corporeidade, integrando esses momentos da experiência. Assim, justifica-se, como uma descrição poética, imagética e que passa pela corporeidade, retomando a hilética, pode permitir a proximidade e a intimidade entre os participantes, como ilustrado pela comunicação de Clara sobre a experiência de Gloria “*eu fico com a mesa e com as cadeiras que ela montou, parecia que eu tava vendo ela montar tudo lá, transporte pra casa dela*”, ou do coordenador sobre Elis: “*você conseguiu colocar a gente perto dessa comemoração*”. Esse efeito em intersubjetividade constitui o clima grupal da atividade, de proximidade e intimidade, em que são convocadas as dimensões afetivas dos participantes, por ambas dimensões hiléticas e noéticas. Vale ressaltar, em termos de justificativa fenomenológica, que Husserl (1952/2002) aponta que dado o estatuto “*egológico*”, e assim “*animado*”, do corpo vivo, em que seus estados e características são vividos como “*meus*” pelo eu, “*tudo aquilo que de um ponto de vista qualquer pode ser dito corpóreo, pode assumir um significado psíquico*” (p. 100).

A duplicidade entre o momento hilético e aquele noético das vivências, existente devido às distinções essenciais que referem sobretudo à participação do “*eu*”, nesses momentos e ao estatuto do “*objeto*”, fundamentam filosófica e antropologicamente o “*paradoxo*” do convite proposto pelo GCSM: a referida disponibilidade atenta. O momento hilético, marcado pela não intervenção do eu, aparece como o fundamento do âmbito passivo da experiência vivida, pelo “*ser atravessado*” pela experiência. O âmbito “*passivo*” da experiência vivida – por assim dizer – não se esgota, contudo, na hilética. Na compreensão de experiência de Larrosa (2017) e de Safra (2006), por exemplo, essa “*não atividade*” do eu também diz respeito à alteridade que é a realidade e o outro – e assim, não se trata de “*fazer*” experiência. O momento noético das experiências vividas, marcado pela intencionalidade, responde pelo convite de atenção e de

elaboração das experiências, de um voltar-se e dispor-se ativo, por parte do eu, àquilo que é vivido.

Percebe-se que a duplicidade dos momentos hilético-noético, em que nenhum momento pode substituir ou se efetivar sem o outro, encontra ressonâncias na própria tarefa do GCSM. Tourinho (2013) afirma: “reaparece a concepção segundo a qual a doação de sentido que se dá através dos atos intencionais da consciência não deriva dos dados sensíveis, porém, não começa sem eles” (p. 36). Assim, pode-se dizer acerca do GCSM, a atenção e a elaboração das experiências – atos noéticos e intencionais – não deriva do material hilético – e por isso, foi dito em outro lugar, não se pode esgotar neles; mas, por outro lado, não começa sem eles, evidenciando-se a mútua dependência destes momentos para a experiência vivida.

Nas sessões do GCSM, os participantes e o coordenador, ao trabalharem com as experiências vividas, engajam-se em movimentos de apreensão e de elaboração de sentidos do que fora vivido. Esses movimentos permitem uma ampliação da facticidade dos acontecimentos relatados em direção a uma formulação criativa e pessoal dos sentidos apreendidos na experiência vivida, em que o sujeito se reconhece como centro doador de significados para o qual o mundo se mostra e em direção ao qual ele se envolve ativa e criativamente – processo que será discutido a seguir. Os participantes, inclusive, conseguem realizar tais movimentos, relatando-os explicitamente ao grupo – como, por exemplo, quando Gloria afirma que “misturou” os sentidos da música com o acontecimento da montagem dos móveis em sua casa nova e da interação com o sobrinho (Sessão 2, Sarau).

Em perspectiva fenomenológica, a possibilidade de captar o sentido dos objetos ocorre a partir de uma relação intencional entre consciência e objeto – tomado em sentido amplo – que caracteriza o momento noético das vivências da consciência. Stein (1932/2003) compreende que a intencionalidade é uma forma de configuração da consciência, uma estrutura básica das vivências da “vida anímica especificamente humana” [tradução nossa] (p. 650), que a distingue

da vida de outros seres. A intencionalidade, nesse sentido, inaugura e sustenta a dimensão especificamente humana, também nomeada pelos fenomenólogos “dimensão espiritual”. De acordo com Stein (1932/2003), é a intencionalidade que faz com que o nosso olhar se dirija a “objetos”, constituindo-os, sendo que somente a partir de “uma laboriosa abstração podemos chegar ao material meramente sensível” [tradução nossa] (p. 650), à dimensão hilética discutida anteriormente:

Os dados sensoriais sempre estão inscritos em uma ordem na qual nos dão a conhecer algo. Nosso olhar espiritual se dirige, passando através deles, a um mundo configurado por objetos acessíveis aos nossos sentidos. E ainda, se desviamos esta direção normal e a fixamos nos dados sensoriais mesmos, esses últimos que se convertem em “objetos” [tradução nossa] (Stein, 1932/2003, p. 650).

Assim, para a filósofa, nosso “olhar” intencional, de forma espontânea e imediata, apreende objetos, constitui-os, a partir da integração das múltiplas sensações que esse produz no sujeito, “dão a conhecer algo” (p. 322, trad. nossa). Constituir um objeto, em relação intencional, relaciona-se à possibilidade de apreender o seu sentido, uma unidade idêntica na multiplicidade de aparições, perspectivas e sensações (Sokolowski, 2014).

Nessa direção, observa-se que o participante, ao vivenciar, recordar e relatar um acontecimento vivido em seu cotidiano, apreende, constitui e interage com diversos “objetos” (por exemplo, a música, a frase que o amigo falou, o gesto de alguém diante de si, etc.) e sentidos vividos. Além disso, o próprio conjunto de acontecimentos e objetos “como um todo”, articulados em um relato, pode constituir um objeto intencional para a consciência, compondo uma unidade de sentido específica, “a minha experiência” ou “a experiência dele”, aquela que relato ou escuto: “*minha experiência foi no domingo, no Dia das Mães*” (Maria Rita, Sessão 5, Relato de Experiências); “*eu tenho uma experiência*” (Marisa, Sessão 2, Relato de Experiências); “*eu fico com a experiência do Caetano*” (Cássia, Sessão 1, Etapa Reflexiva).

Nesse sentido, a atividade do Grupo Comunitário constitui intersubjetivamente um objeto intencional específico que é a própria “experiência como um todo”.

A compreensão de “experiência” (“*A minha experiência*”, “*A experiência do Caetano*”), assim, não corresponde linearmente a um fato, a um evento, a um acontecimento ou a um sentido específicos, mas à composição de um “todo”. Esse “todo” aparece como um objeto intencional com contornos mais ou menos determinados, “a experiência”, que se localiza – e que se destaca a partir de – um horizonte temporal e de sentidos mais amplo e que pode abranger, em seu escopo, mais de um fato, de um acontecimento, de um objeto, de um sentido. Esse “todo”, a experiência, forma uma figura em um fundo, como mencionado anteriormente. Esta unidade “experiência” (“*a minha experiência*” ou “*a experiência dele*”), conforme constituída no GCSM, envolve, portanto, uma atividade intencional do sujeito em sua constituição enquanto “*a minha experiência*” ou “a experiência do outro”, desvelando-se também a posição do sujeito como centro doador de sentidos.

Além do olhar dirigir-se a objetos e apreender o seu sentido, em função da intencionalidade, Husserl (1952/2002) observa que, no viver cotidiano em seu mundo circunstante, as pessoas direcionam-se a objetos que lhe são úteis ou inúteis, agradáveis ou desagradáveis, belos ou feios, entre outros. Assim, as pessoas não só são capazes de reconhecer o sentido de um objeto e identificá-lo, podendo dizer “o que é”, mas a apreendê-los como objetos de valor, objetos desejáveis ou indesejáveis, úteis ou inúteis, entre outros, em que tais camadas de sentido são apreendidas por via de atos intencionais:

Em primeiro lugar, o mundo é, em seu *núcleo*, um mundo que se manifesta sensivelmente, um mundo que se caracteriza como mundo “à mão”, dado em uma experiência intuitiva e eventualmente colhido em sua atualidade. O “eu” nos seus novos atos, se encontra em referimento com este mundo da experiência, por exemplo, nos atos valorativos, nos atos do prazer e do desprazer. Nesses atos, o objeto é presente à consciência como objeto de valor, como objeto agradável, belo, etc. [tradução nossa] (Husserl, 1952/2002, p. 191)

Assim, o “eu” presentifica os objetos intuindo também algumas camadas de sentido, por meio da diversidade de atos de consciência que pode realizar. Nessa direção, Husserl (1952/2002) aponta ainda que o sujeito pode “replasar” o sentido do objeto diversas vezes, por meio de atos especificamente humanos, fundados na intencionalidade. Para abordar esse processo, Husserl oferece o exemplo do carvão, que é reconhecido como útil ao aquecimento, apresentando as várias camadas de sentido que tal objeto pode angariar, partindo do grau básico da percepção da sensação de calor – esta, na dimensão da hilética:

Eu vejo que alguma coisa queima ou está em brasa; aproximo-me um pouco mais e me dou conta que disso irradia calor [...] o calor é uma qualidade objetiva, que se manifesta atualmente nas sensações de calor e nas apreensões da irradiação do calor do objeto [...] Eu experimento, além disso, que o objeto, friccionado ou em contato com um corpo que já queima ou está em brasa, por sua vez, também se inflama: é um material combustível [...] Agora posso utilizá-lo como combustível, o avalio como um possível difusor de calor, ou o avalio em relação ao fato de que, através dele, posso obter o aquecimento de um quarto, e suscitar assim, para mim ou para os outros, agradáveis sensações de calor [...] Eu tenho uma apreensão deste ponto de vista: ‘posso usá-lo para este fim’, me é útil a esse fim; também outros têm uma apreensão análoga; então o objeto obtém um valor de uso intersubjetivo [...] depois, em seguida, é considerado uma “mercadoria”, que pode ser vendida para esse fim, etc [...] [tradução nossa] (Husserl, 1952/2002, p. 192)

Husserl (1952/2002) compreende que os objetos assim constituídos pelo eu configuram-se como objetos providos de qualidades práticas, de valor, entre outras, “em relação com os quais este [*o sujeito*] pode se comportar de um certo modo através de novos atos pessoais” (p. 193, trad. nossa). Os objetos assim constituídos vão compondo, em relação ao eu, o seu próprio mundo circunstante. O autor compreende que à medida que esse sujeito “replasma” (p. 193, trad. nossa) os sentidos de determinado objeto sempre de novo, ele é constantemente “reapresentado” (p. 193, trad. nossa) com suas novas camadas de sentido ao mundo circunstante desse sujeito. Trata-se, assim, de um movimento mútuo e recíproco de replasar o objeto e tê-lo reapresentado em seu mundo circunstante para que o sujeito possa se relacionar com ele

dessa nova forma. Os novos sentidos são agregados ao objeto em si, de modo que vejo o carvão como combustível ou como mercadoria, gerando “objetivações sempre novas”: “Portanto, constantemente o sujeito realiza atos de grau diverso e de todos os gêneros possíveis, dos quais podem derivar, através de direcionamentos adequados, objetivações sempre novas e de grau sempre mais alto” [tradução nossa] (Husserl, 1952/2002, p. 193).

Compreende-se que a forma de trabalhar com as experiências vividas no GCSM, sustentando e favorecendo a apreensão e a elaboração de sentidos do que foi vivido de uma forma criativa, deriva da possibilidade do sujeito de apreender e replasmar tais sentidos, buscando explorá-la e ampliá-la. Em relação e diante daquilo que o sujeito viveu, o trabalho do grupo busca favorecer que se possa, constantemente, “replasmar” os sentidos de suas experiências criativamente e tê-las “reapresentadas” a si e ao grupo, de modo a formular “objetivações sempre novas e de grau sempre mais alto” (Husserl, 1952/2002, p. 193).

Conforme mencionado, por meio da atividade do GCSM, os acontecimentos vividos pelos participantes angariam uma camada de sentido, uma objetivação de grau mais alto, alcançando o *status* de “experiência” (“a minha experiência”, “a experiência do Caetano”), tal qual o grupo a compreende. Ao intencionar a própria experiência como um “objeto” que é vivido, recordado, relatado e elaborado, essa pode ser “replasmada” pela atividade de doação de sentido do sujeito, de modo que os diversos objetos e sentidos abrangidos no contorno da “experiência” possam ser recombinaados, ampliados, cancelados, acrescentados, questionados, entre outros.

Por exemplo, no relato de Gloria, percebe-se como a participante imprime camadas de sentido ao que é “casa” (“a casa é onde o nosso coração tá”), em um movimento análogo àquele descrito por Husserl em relação ao carvão; reciprocamente, a casa com esse novo sentido se reapresenta em seu horizonte de possibilidades de sentido, seu mundo circunstante, e, assim

reapresentada, pode ampliar os sentidos relacionados a se mudar da casa dos pais, mobiliar uma nova casa com o noivo, etc. Compreende-se, dessa forma, que a possibilidade de replasmar os sentidos dos objetos e, reciprocamente, tê-los reapresentados a seu mundo circunstante, é o terreno no qual se ancoram os movimentos criativos e de elaboração identificados nas sessões grupais.

Husserl (1952/2002) compreende que os objetos “animados” [tradução nossa] (p. 238) pela atividade intencional – e, portanto, espiritual – do sujeito formam uma unidade de compreensão intuitiva, em que os sentidos “compenetram” a “coisa”, animando-a. Sentidos e coisa, assim, não são apreendidos pelos sujeitos sob a forma de uma “mera justaposição” [tradução nossa] (p. 239), mas como uma unidade. Husserl (1952/2002) faz o seguinte exemplo:

Quando eu leio as “páginas e as linhas” deste livro, ou leio neste “livro”, quando colho as palavras e as proposições deste, estão presentes coisas físicas, o livro é um corpo, as páginas são páginas feitas de folhas de papel, as linhas são sinais negros e impressões físicas sobre certos pontos do papel, etc. Mas eu colho tudo isso quando “vejo” o livro, quando o “leio”, quando vejo que está escrito, que coisa está escrita ali, que coisa diz? Evidentemente, nesse caso estou orientado de um outro modo. Eu tenho sim, certas “manifestações”, a coisa física, os eventos físicos da coisa se manifestam, estão ali no espaço segundo uma determinada orientação em relação ao “meu” centro de apreensão, à minha direita, à minha esquerda, etc., exatamente como se a minha experiência estivesse apontada para os elementos corpóreos. Mas, precisamente: eu não estou orientado nesse sentido. Eu vejo os elementos *coisais* na medida em que são manifestos a mim, mas “vivo, através da compreensão, no sentido”. Mas enquanto faço isso, está diante de mim a unidade espiritual da proposição e dos nexos das proposições, e esses têm um caráter seu, por exemplo uma determinada peculiaridade estilística que me é apresentada, que caracteriza este livro enquanto produto literário em relação a um outro produto do mesmo gênero [...] O livro, com as suas folhas feitas de papel, com a sua encadernação, etc. é uma coisa. À essa coisa, não vai conexas uma segunda, o sentido; mas sim: esse último compenetra, “animando-o”, o todo físico em um certo modo; isso, enquanto anima cada palavra, mas não cada palavra por si, mas sim os nexos de palavras, que através do sentido se conectam em formas [*Gestalten*] providas de sentido, essas últimas então em formas superiores, etc. O sentido espiritual, animando as manifestações sensíveis, se funde com essas ao invés de estarem a elas ligados na forma de uma mera justaposição [tradução nossa] (p. 239).

Dessa forma, Husserl (1952/2002) ilustra, conforme mencionado anteriormente, como o sentido “compenetra as coisas”, “funde-se” com essas, compondo uma unidade de compreensão. Há, assim, uma fusão entre sentido e manifestações sensíveis. O sujeito, embora “direcionado” às “coisas”, “vive” “por meio da compreensão, no sentido” [tradução nossa] (p. 239), ou seja, embora direcionado aos sinais gráficos na página de papel, o leitor “vive” no sentido, apreende os sentidos e as conexões entre eles, apreende um estilo de escrita do autor, que diferencia aquele livro de outro do mesmo gênero. Husserl (1952/2002) aponta que, desse modo, constitui-se uma unidade entre expressão e expresso, entre coisa e sentido. Essa dinâmica, para ele, é válida “para todas as obras do espírito, para todas as obras de arte e para todas as coisas que têm um sentido espiritual derivante da compreensão, um significado espiritual” [tradução nossa] (p. 240).

Assim, compreende-se que as camadas de sentido que são reconhecidas, apreendidas, elaboradas e formuladas em gesto criativo, estão compenetradas na dimensão fática dos acontecimentos, na materialidade e na sensorialidade das experiências vividas e relatadas, animando-as em determinado sentido, com uma particular qualidade estilística própria ao sujeito que as vivencia e as comunica. Caetano, por exemplo, reconhece sentidos que remetem ao afeto entre mãe e filho no gesto da mãe de levar guaraná e paçoquinha para ele: “*ela pegou e com os olhos cheio d’água, e aí não sei porque, ela falou assim: amanhã eu te trago o teu guaraná e tua paçoquinha viu? E aí, eu descí, assim, eu descí a rua e também comecei a chorar*”.

Os sentidos relacionados ao afeto compenetraram o gesto levar-receber os doces, formando uma unidade compreensiva que pode mobilizar a ponto de fazê-lo chorar (ao viver a experiência e ao relatá-la). Os sentidos formam um com o próprio gesto fático de levar-receber os doces, que passa a ser um objeto investido de sentidos: “*eu não sei porque eu comecei a*

chorar [...] não sei se é por causa da... por causa que eu gosto da paçoquinha e da guaraná ou se é porque eu gosto tanto dela assim, é isso...”.

Além disso, a dinâmica de compenetração do sentido na materialidade, animando-a, sustenta a possibilidade de que a empiria presente nos relatos das experiências seja significativa, isso é, forme uma unidade compreensiva que porta um sentido – e que o participante e o grupo experimentem a vivência a partir desse sentido. Essa dinâmica possibilita que alguns elementos dos relatos ganhem contornos estéticos e metafóricos, e reverberem na própria sessão, como por exemplo, a imagem metafórica de deixar-se ser tocado formulada pela interação entre Roberto, Adélia e o coordenador. Nesse trecho, Roberto relata a experiência de ter paciência com um profissional que não conseguia fazer a coleta de uma amostra de sangue sua, imagem e sentido que chamam a atenção de Adélia em relação à própria experiência de desconforto em relação a ser tocada fisicamente por outras pessoas. Por sua vez, o coordenador reconhece um “deixar-se tocar” metafórico por parte de Adélia pela própria experiência de Roberto. Nota-se como a imagem de deixar-se tocar angaria camadas de sentido, a partir da criatividade dos participantes, que formam uma unidade com o gesto em si, a ponto de que tal gesto pode ser referido por outros participantes já contendo tais camadas.

Ainda a título de ilustração, a dinâmica de compenetração do sentido na empiria dos relatos pode ser notada em relação à frase do pai de Caetano, “*o bom é comer junto*”, trazida por ele ao grupo, que parece comunicar “por si só” alguns sentidos, como o valor da companhia do outro, o valor de se estar em comunidade, não exigindo maiores explicitações ou menções diretas a tais sentidos, uma vez que se encontram incorporados à frase e à sua empiria. Cássia, por sua vez, vale-se da frase, já investida desses sentidos de valor do outro e da comunidade, para descrever sua experiência no grupo: “*eu fico com a experiência de cada um dentro de mim, mas eu fico com o Caetano porque eu até fiquei pensando o quanto que a gente come junto aqui*”.

Assim, a dinâmica de compenetração dos sentidos na materialidade, configurando uma unidade de compreensão, uma fusão entre expresso e expressão, sustenta a possibilidade de que, no grupo, a empiria e a materialidade contidas nos relatos comuniquem sentidos e mobilizem afetos, sem que eles precisem ser diretamente explicitados. A estética contida nos relatos de Adriana e de Maria Rita, por exemplo, já porta e comunica sentidos, a partir dessa unidade compreensiva entre materialidade e sentidos: “[...] *ai ela já tá bem magrelinha, tortinha, cabelinho branco [...] eu olhei assim pro varalzinho: [...] o vestidinho dela lavado*”; *“uma coisa tão simples e ficou muito delicado, ela colocou uma xícara de café com leite, um copo de suco numa vasilhazinha simples, colocou algumas bolachas mesmo de água e sal, um bombonzinho e uma fatia de pão né”*.

Compreende-se que as unidades compreensivas, constituídas em um relato, são essenciais à compreensão de “experiência” no contexto do grupo e estruturantes da própria atividade que se desenvolve nas sessões. A fusão entre os elementos empíricos e os de sentido, em que o segundo anima o primeiro, favorece que a atividade grupal não se encaminhe, por um lado, à abstração e à racionalização dos sentidos do que foi vivido, e por outro, ao esgotamento da atividade no campo sensorial, sem movimentos de reconhecimento de sentidos sobre aquilo que se viveu.

No primeiro caso, perde-se a materialidade e a empiria da experiência, perde-se seu contorno empírico: o relato se distancia do relato da afecção da corporeidade naquilo que se viveu, na forma de relatar e no aqui-agora da sessão; perde-se, em certa medida, o seu situar-se no mundo-da-vida, no cotidiano, com sua singularidade e especificidades; o relato orienta-se de maneira mais genérica e menos pessoal. No segundo, perde-se a possibilidade de que tal empiria apresente-se de maneira poética, com as camadas de sentido que lhe são impressas e que viabilizam a comunicabilidade e a plasticidade desses sentidos; perde-se o encaminhamento

da atividade para a elaboração e a reflexão sobre aquilo que foi vivido, isso é, a possibilidade de que o grupo reconheça e vivencie tais sentidos.

Concebe-se que as unidades de compreensão que são constituídas por meio da atividade do GCSM favorecem a ampliação das possibilidades de “experiências” que os participantes podem acessar e vivenciar, aumentando a interação dos mesmos com os objetos e os sentidos dispostos na e pela vida cotidiana. Husserl (1952/2002) entende que:

De modo que, a realidade física não é, *simpliciter* e em geral, o mundo circunstante atual de uma pessoa qualquer; é tal somente quando a pessoa “sabe” desse, enquanto o colhe através da apercepção, e o coloca, ou quando é consciente do mesmo, como de alguma coisa que lhe é dada no seu horizonte de existência e que está pronto a fazer-se colhida – de modo claro ou não claro, determinado ou indeterminado – segundo aquilo que a consciência que atua é. Se a pessoa não sabe nada das descobertas da física, então não é o mundo provido do estatuto de sentido da física que faz parte do seu mundo circunstante [...] Em termos gerais: o mundo circunstante não é o mundo “em si”, mas um mundo “para mim”, é, pois, mundo circunstante de *seu* sujeito egológico, experimentado por esse, de todo modo presente à sua consciência, um mundo posto com um seu particular estatuto de sentido através das vivências intencionais do sujeito mesmo. Como tal, esse, em certo modo, se torna constantemente, gera constantemente a si mesmo através das evoluções de sentido e as formações de sentido sempre novas, que comportam inerentes posições e cancelamentos de sentido [tradução nossa] (p. 190).

Desse modo, não basta que os objetos – sempre tomados em sentido amplo – estejam dispostos ao sujeito, mas esses devem ser percebidos, terem seus sentidos colhidos por eles, é necessário que eles “saibam” dos mesmos. Assim, o mundo circunstante de um “eu” e/ou de um “nós” se configura a partir dos sentidos que eles vivenciam e podem se dar conta, por meio de suas vivências intencionais. Somente os objetos assim investidos subjetivamente, que adquirem um particular estatuto de sentido, passam a fazer parte do “meu” e/ou do “nosso” mundo circunstante.

Na medida em que a atividade favorece a constituição de unidades de sentido compreensivas, os participantes têm a oportunidade de estarem expostos a objetos (sempre em

sentido amplo) que podem passar a ter um investimento subjetivo, aparecem com um sentido, e assim, podem adentrar seu horizonte existencial, podem passar a constituir seu mundo circunstante. Nas palavras de Husserl (1952/2002), um mundo com o estatuto de sentido da física, só existe para aqueles que conhecem as descobertas da física, embora as descobertas e os próprios mecanismos da física existam e estejam dispostos *per se*. É nesse sentido que a atividade grupal amplia a interação dos participantes com os objetos dispostos na realidade, em si mesmo e no outro, de uma maneira que seja dotada de sentido, valendo-se da plasticidade do mundo circunstante apontada por Husserl (1952/2002): “esse [...] se torna constantemente, gera constantemente a si mesmo através das evoluções de sentido e as formações de sentido sempre novas” [tradução nossa] (p. 190).

Nessa direção, pode-se afirmar que o GCSM gera um conhecimento sobre si, sobre o outro e sobre a realidade, alargando o horizonte de possibilidades de experiências dos participantes. Ampliam-se as possibilidades de acesso, de apreensão, de reconhecimento e de apropriação dos objetos dispostos na e pela vida, alargando-se um certo repertório e o próprio mundo circunstante. Ainda, compreende-se que a atividade sustenta e fortalece uma postura de abertura aos múltiplos sentidos que se desvelam nas experiências vividas, bem como às transformações que podem sofrer “por meio das evoluções de sentido e as formações de sentido sempre novas” [tradução nossa] (Husserl, 1952/2002, p. 190), ampara-se uma disponibilidade dos participantes em relação a (re)geração constante do mundo circunstante, de seu horizonte existencial.

O trabalho de atenção e cuidado com as experiências desenvolvido na atividade, conforme visto na análise, dá-se em meio à percepção e à apreensão de si mesmo como quem vivencia – e constitui – a própria experiência, a partir daquilo que lhe chega e lhe afeta. O participante, por meio do relato, apreende-se em ato, dando-se conta de seus gestos, afetos, necessidades, reflexões, etc., como ilustrado no relato de Maria, contando de sua experiência

com a avó: “*aí peguei a cadeira de roda ... e num momento, assim, veio na minha cabeça: ‘poxa eu tô cuidando da minha avó’*” e “*eu queria ter falado um “eu te amo” pra minha avó do fundo da minha alma, sabe? Só que eu não consegui. porque... eu não consegui, sabe?*”. Nessas condições, o participante não se posiciona a partir de uma “distância objetiva do fenômeno” (Barreira, 2017, p. 344), como alguém que analisa objetivamente os sentidos da experiência como um observador, mas como quem os vivencia em primeira pessoa, os constitui, é o centro dativo para o qual o mundo se mostra. Nas palavras de Mahfoud (2017):

[...] na abertura própria da surpresa da vida interior acontecendo, posso apreender que “eu sou”, recuperando de modo novo o acontecer de minha pessoa e o acontecer do mundo em mim. Na experiência do “eu sou”, meu ser acontece intimamente unido aos acontecimentos do mundo em mim: o ser é apreendido na vivência. (p. 292)

As análises realizadas sobre as relações intersubjetivas constituídas no GCSM, apontam para um dispor-se por parte dos integrantes do grupo a um envolvimento de si com e pela experiência alheia e com o outro que relata. Os participantes e o coordenador, além de acessarem os sentidos da experiência relatada por um outro, puderam dar-se conta de fazê-lo – identificando em si um envolvimento com o outro e com o seu relato – e, ainda, explicitaram verbalmente esse movimento ao grupo: “*parecia que eu tava vendo ela montar tudo lá, transporte pra casa dela*”, “*você conseguiu colocar a gente perto dessa comemoração*”.

Husserl (1952/2002) e Stein (1917/1998) ofereceram, em seus trabalhos, uma compreensão filosófico-fenomenológica acerca das possibilidades de acesso do sujeito à experiência do outro: “todas essas ofertas relativas à experiência vivida alheia referem-se a um gênero de atos nos quais é possível colher a experiência vivida alheia mesma” [tradução nossa] (Stein, 1917/1998, p. 71). Esses autores atentaram à especificidade e para a complexidade de tal gênero de atos, reunidos sob a categoria denominada vivência empática, mediante esse acesso pode tomar forma, distinguindo-a de outras vivências da consciência de um indivíduo,

como a percepção externa, a fantasia, a associação e a representação. A vivência empática pode ser considerada uma forma de percepção, de um dar-se conta da experiência do outro, que permite que o outro e a sua experiência apareçam para um determinado sujeito, que pode apreendê-la e dar-se conta de apreendê-la (Stein, 1917/1998).

Em interlocução com a literatura fenomenológica, pode-se compreender que a vivência empática, na análise das sessões, desvelou-se como estruturante do fenômeno grupal no GCSM, permitindo o reconhecimento, a apreensão e o envolvimento com os sentidos da experiência do outro, com o outro e com o grupo, bem como a constatação da vivência empática originária em si, conforme exemplificado com os recortes. Isso é, a vivência empática sustenta a possibilidade de acessar a experiência mesma do outro, conforme vivida por ele – e não como uma imaginação daquilo que o outro vive, uma projeção daquilo que vivo em primeira pessoa, entre outras disposições.

Assim, a vivência empática se mostrou como condição de possibilidade da constituição de um processo grupal no GCSM e da própria efetivação da proposta. Sem essas vivências que trazem ao sujeito a experiência alheia, a atividade de compartilhamento de experiências vividas, que norteia e sustenta o trabalho do grupo, perderia seu sentido e sua exequibilidade – isso é, o grupo não se efetivaria.

A partir dos relatos, observa-se que os participantes vivenciaram e descreveram a interação com a experiência do outro em termos de proximidade e de intimidade, enquanto qualidades relacionais da experiência intersubjetiva no grupo. Dessa forma, o acesso à experiência alheia não apenas “dá-se”, “acontece”, mas ganha qualidades psíquicas e espirituais, que constituem um determinado clima grupal de afetividade e de disponibilidade, como expresso interação entre Caetano e Adriana: “gostei da sua avó”, “vou te levar lá...”.

As relações constituídas no GCSM se desenvolvem no sentido de uma disposição de si a acompanhar o outro em suas experiências cotidianas, a partir de uma abertura e de um interesse em relação ao outro. Há o estabelecimento de uma reciprocidade entre os participantes: aquele que escuta coloca-se disponível ao acolhimento da experiência de quem relata no grupo, “*transporta-se*” para a experiência alheia, aquele que relata faz uma abertura da própria experiência vivida para que um outro possa “*colocar-se perto*”. As palavras mesmas utilizadas pelos participantes para descreverem esses processos denotam um “dispor-se”, um intencional, um movimento de abertura em direção ao outro.

Stein (1917/1998) propõe que a vivência empática pode ser gradualmente aprofundada, desde uma impressão causada imediatamente por um outro até um acompanhar de seus movimentos vitais e espirituais, que demanda uma disponibilidade voluntária por parte do ‘eu’. Assim, de maneira geral, no grupo, a experiência do outro é acolhida de modo a haver um envolvimento com os elementos sensíveis e estéticos contidos no relato, bem como com a expressão subjetivo-pessoal que aquele possui.

Stein (1922/1999) afirma que uma vivência sensorial pura não pode se tornar uma vivência comunitária, restringindo-se ao indivíduo, a menos que essa seja dotada de algum movimento de sentido:

[...] a ordem que transforma a ‘confusão das sensações’, em si absolutamente irracional e absolutamente individual na complexidade de seus elementos, em um portador de sentido e em um possível substrato para poder colher o objeto, tem a capacidade de alargar-se a outros sujeitos, e no curso das sensações individuais, pode acontecer que se constitua um objeto comum a esses. Em tal modo, se torna possível colher o objeto como vivência comunitária. [tradução nossa] (p. 175)

Assim, quando as sensações se tornam portadoras de um sentido, que viabilizam o acolhimento de um objeto, essas podem ser alargadas a outros sujeitos – e, nesse alargar-se, constitui-se um objeto comum a esses. Compreende-se que os elementos sensoriais e estéticos

vividos pelos participantes individualmente, ao serem descritos e traduzidos por eles nos relatos, podem ganhar uma forma e um sentido, de modo que o relato repercute em outros sensorialmente e enquanto conteúdo de sentido, constituindo, para o grupo, um objeto comum, “no curso das sensações individuais” [tradução nossa] (Stein, 1922/1999, p. 175).

Além disso, a autora (Stein, 1922/1999) destaca a importância do contato sensível com o outro para a constituição de uma vivência psíquica compartilhada, a partir de um exemplo:

Tomemos como exemplo o seguinte caso: estou cansada do dia exaustivo que passou e tenho a sensação de não ser mais capaz de fazer nada. Mas um amigo que ainda está descansado e cheio de forças vem me visitar, e me propõe um problema sobre o qual está trabalhando; logo sou co-envolvida em um debate vívido e não percebo mais o cansaço [...]. O simples fato de saber que o meu amigo agora senta em seu escritório e trabalha vivamente, talvez sobre o mesmo problema [...] não exercita em mim a menor ação vivificante. Mas se o amigo está diante de mim e eu percebo sua vitalidade espiritual, da qual tinha antes somente um conhecimento teórico, sinto-me capturada por essa vitalidade [...]. [tradução nossa] (p. 199)

Nesse sentido, Stein (1922/1999) enfatiza a relevância da sensibilidade e da presença corpórea de um outro para que a vivência do ‘eu’ seja contagiada por seus estados vitais e de ânimo, para que sejam co-envolvidos em uma vivência psíquica. A autora aponta, ainda, como os sujeitos podem ser mobilizados pelo estado vital do outro, mas também pelos sentimentos alheios:

Todas as qualidades dos sentimentos e dos estados de ânimo contêm em si um componente vital e influenciam a esfera vital enquanto qualidade. Não somente o puro estado vital, mas sim o estado com a sua coloração qualitativa, ou o estado total da alma que age “contagiosamente”: serenidade, melancolia, raiva e assim por diante. [tradução nossa] (p. 237)

Para ela, nessa direção, os sentimentos não só apresentam um componente de vitalidade que influencia a dimensão vital do indivíduo, mas o fazem oferecendo uma determinada qualidade, uma “coloração qualitativa” (p. 237, trad. nossa) à vivência comum. A autora aprofunda sua análise, buscando explicitar como se dá esse “contágio”:

[...] quando colho a vitalidade da outra pessoa, essa me é dada pelo seu olhar, pelo som de sua voz, pelo ritmo de seu discurso e pelos seus movimentos. A percepção do aspecto exterior que o estado interior me fornece é fundado sobre dados alheios ao eu. Agora me parece possível dizer que ao colher as condições não-egológicas, [...] junto aos dados não-egológicos, se apresentam também os dados egológicos, que podem ter um significado duplo: por um lado, constituem o fundamento para a percepção dos estados interiores que são percebidos junto ao objeto percebido externamente, ou seja, com o corpo vivente estranho e constituem, com esse, a unidade de um objeto, o sujeito estranho; por outro lado, esses são, ao mesmo tempo, o fundamento para o próprio estado do eu. Os mesmos dados do eu que me permitem perceber a vivacidade alheia estariam aptos, por isso, a fazer nascer a vivacidade em mim. [tradução nossa] (Stein, 1922/1999, p. 199)

Assim, quando colho os dados não-egológicos, isso é, do outro, se apresentam também os dados egológicos, do ‘eu’, que fundamentam a percepção do outro em sua condição vital e afetiva, e que tem o potencial de fazer despertar a vitalidade em mim. Stein (1922/1999) aponta, dessa forma, como o ‘eu’ pode ser mobilizado pelo estado vital e afetivo do outro, e como tal mobilização participa da percepção desse estado como do outro e de um possível despertar desse mesmo estado em si. A descrição da autora refina detalhadamente fenômenos que subsidiam a constituição de uma experiência afetiva compartilhada – um determinado clima grupal – identificada nas sessões e que passa pela sensibilidade e pela corporeidade dos participantes nas sessões.

Valerio e Barreira (2016), ao analisarem fenomenologicamente a prática da capoeira, identificam e descrevem uma vinculação psíquica entre os integrantes da roda, em que “esse vínculo sensível entre os componentes da roda não é estável ou permanentemente harmônico, mas é sempre vinculante e comunicativo, expressivo e constituidor dos estados de ânimo presentes” (p. 188), chamando a atenção para a dinamicidade da atividade grupal. Eles apontam ainda que “sendo bastante plástico, este elo presentifica um vínculo psíquico – que não precisa ser dito nem ser objetivo – que constitui e atualiza constantemente um sentido comum entre os capoeiristas” (p.189). Os autores realizam um estudo, a partir de uma perspectiva empírico-

psicológica, sobre uma prática, no caso esportiva e cultural, conforme se atualiza em seu acontecimento, vértice de aproximação com o presente trabalho. A descrição desse “vínculo sensível” enquanto “vinculante e comunicativo, expressivo e constituidor dos estados de ânimo presentes” (p. 188), não necessariamente dito ou objetivo, mas sentido, encontra ressonâncias com a análise das sessões grupais do GCSM.

Na análise, destacou-se, ainda, a relevância dos relatos que fizeram referência a outras pessoas que não se encontravam ali presentes e dos objetos culturais compartilhados no momento do Sarau. Ambos elementos contribuem para a constituição do trabalho grupal e do clima grupal nas sessões. Stein (1922/1999) chama a atenção ainda para a possibilidade de outros tipos de contágio psíquico que não envolvem a presença sensível do outro:

Se por um lado, para que o contágio suceda, consideramos relevante o significado da presença sensível, por outro lado, destaca-se que essa não é uma condição *sine qua non* e que eu posso ser atravessada também de outro modo pela vida espiritual alheia. Por exemplo, é também possível que, a partir da leitura de um livro, eu seja reanimada e estimulada em uma atividade intelectual minha. A ação vivificante não parte do sinal estampado sobre a folha e que eu percebo sensivelmente; todavia os processos de pensamento, em que entro por meio desse signo, podem ter uma energia e um ritmo que provocam um influxo imediato de força e de vigor espiritual. E se, guiada pelas palavras escritas, sigo passo após passo os processos do pensamento do outro e os compreendo, chego a advertir a vitalidade; essa, por um lado, pode me encontrar como característica do fazer espiritual do outro, mas por outro, pode também tomar conta de mim. [tradução nossa] (p. 200)

Não existe nenhuma qualidade do sentimento, nenhum estado de ânimo, algum ritmo vital que não possa se encarnar em uma criação sonora e que se derrame, a partir dessa criação, na alma do ouvinte sensível. [tradução nossa] (p. 237)

Nesses trechos, Stein (1922/1999) explicita a possibilidade de um mobilizar-se afetivamente do sujeito por meio de seu contato com objetos inanimados. Esses, enquanto criações de um outro sujeito, portam e podem expressar estados vitais e de ânimo do mesmo, que, por sua vez, podem acessar aquele que recebe como estados alheios e, também, “tomar conta” [tradução nossa] (p. 200) de si, “derramar-se na alma do ouvinte sensível” [tradução

nossa] (p. 237). A autora favorece o refinamento da compreensão acerca do papel dos outros “ausentes” no grupo e dos objetos culturais com a promoção de um clima grupal com qualidades afetivas, emocionalmente significativo. O relato, por si só, enquanto uma criação do participante que se dá no momento da sessão porta significados, processos de pensamento, tons e ritmos, elementos estéticos e sensoriais, entre outros, que também podem mobilizar afetivamente os ouvintes.

E como explicita Stein (1922/1999), tal mobilização pode se dar como uma percepção do estado do outro apenas, ou pode despertar algo em si, de modo que o ‘eu’ passa a ser co-envolvido afetivamente em uma vivência comum. A possibilidade de que a vivência do outro desperte algo em si e haja um co-envolvimento afetivo entre sujeitos depende, como pontua a autora, de que esses estejam envolvidos enquanto tais, e não como “sujeito e objetos estranhos e independentes” (p. 226): “se ambos assumem reciprocamente a abordagem de observadores, não existe nenhuma possibilidade de uma ligação causal co-envolvente” [tradução nossa] (p. 226); “o outro não aparece como vida vitalizadora quando me aparece como objeto”. [tradução nossa] (p. 233)

Além do envolvimento com os elementos sensíveis e estéticos das experiências relatadas e dos participantes, apontou-se o envolvimento, por parte dos participantes, com a expressão subjetivo-pessoal que o relato carrega. Nesse sentido, os relatos são compreendidos, nas sessões, como um mostrar-se de si mesmo ao grupo, dos sentidos e do mundo vividos por si, pela via do relato da experiência cotidiana. As análises explicitaram como o grupo efetiva e favorece um olhar para o sujeito da experiência por aqueles que a escutam, ao mesmo tempo em que favorece a subjetivação das mesmas.

Husserl (1952/2002) entende que, com fundamento na vivência empática, ao conceber a existência de um outro, o compreendemos “como um sujeito em relação com objetos, com os quais também nós estamos em relação: com a terra e o céu, com os campos e as florestas [...]”

[tradução nossa] (p. 196). O sujeito pode identificar, por via da vivência empática, nossa relação com um mundo circunstante comum, simultaneamente ao reconhecimento de que “estamos entre uma coletividade pessoal” (p. 196, trad. nossa) para a qual se mostra tal mundo. Nessa direção, ele afirma que há uma reciprocidade na constituição de um mundo circunstante comum e de um coletivo de pessoas.

Segundo Husserl (1952/2002), as pessoas não só se apreendem mutuamente enquanto sujeitos de um mundo vivido comum, mas engajam-se em diversas relações de reciprocidade, que implicam a comunicabilidade e o intercâmbio entre sujeitos, para as quais não basta a mera constatação de um outro:

A sociabilidade se constitui através dos atos especificamente sociais, os atos comunicativos, atos através dos quais o eu se direciona aos outros e tem consciência dos outros como aqueles a quem se dirige e que compreendem este seu dirigir-se, que eventualmente, no seu comportamento, se orientam sobre essa base, se dirigem em direção a ele em atos do mesmo signo ou contrários, etc. São estes atos que constituem uma unidade superior de consciência entre pessoas que já sabem umas das outras, atraindo, para dentro desta unidade, o mundo das coisas que as circunda, enquanto mundo circunstante de pessoas que o apreendem. [tradução nossa] (p. 198)

Desse modo, para a sociabilidade e a comunicabilidade, não é suficiente que as pessoas “saibam umas das outras”, mas, sim, que se disponham umas às outras, percebendo-as como possíveis continentes para tal dirigir-se, em que este pode ser compreendido enquanto tal. Desse modo,

[...] as pessoas que fazem parte da coletividade social são dadas umas às outras como ‘companheiras’, não como objetos, mas sim como contrassujeitos que vivem ‘juntos’, que mantêm entre si um intercâmbio recíproco, que estão em referimento recíproco, atualmente ou potencialmente [tradução nossa] (Husserl, 1954/2002, p. 198).

Esses atos podem constituir uma coletividade, “uma unidade superior de consciência” [tradução nossa] (p. 198), e atrair para seu interior, o mundo enquanto mundo vivido pelas pessoas que o apreendem – isso é, enquanto mundo dotado de sentidos pessoais.

Para ele, “o mundo circunstante comum obtém traços comuns providos de um sentido novo e de grau mais alto através dos atos, que procedem a partir do fundamento da compreensão recíproca, da recíproca determinação pessoal” [tradução nossa] (Husserl, 1954/2002, p. 196). O autor entende que esse mundo circunstante, que se constitui para essa “unidade superior de consciência” [tradução nossa] (p. 198), formada pelo intercâmbio entre os sujeitos, é dotado de “um sentido novo e de grau mais alto” [tradução nossa] (p. 196), isso é, adquire uma camada intersubjetiva de sentido, passa a ser um mundo intersubjetivamente compartilhado, intersubjetivamente objetivo.

Compreende-se que na atividade do GCSM, cria-se uma reciprocidade comunicativa e compreensiva, em que os integrantes do grupo – e o próprio grupo como um todo – são percebidos como possíveis continentes para um relato, capazes de compreendê-los enquanto um gesto de comunicação e de compartilhamento. A partir do acolhimento de um relato nessa teia de reciprocidade, os participantes levam para o interior desta unidade os objetos com os quais estão em relação.

Segundo Husserl (1952/2002), “na medida em que um dos sujeitos entra no mundo circunstante do outro, também o conjunto de manifestações atuais do primeiro entra no mundo circunstante do outro” [tradução nossa] (p. 205). Há, assim, a possibilidade de integrar as manifestações do outro ao mundo circunstante próprio – enquanto vividas pelo outro, dada a impossibilidade de dois sujeitos terem manifestações idênticas em um mesmo ponto do espaço e do tempo. Desse modo, os objetos vividos pelo outro, e o modo como são vividos, podem passar a constituir um horizonte vivido comum e adquirirem sentidos intersubjetivamente compartilhados entre os integrantes daquela coletividade, entre sujeitos que vivem juntos.

No grupo, por via das relações comunicativas e compreensivas estabelecidas entre os integrantes, as experiências vividas por eles podem adentrar um horizonte de sentidos compartilhados entre o grupo. Aquelas angariam, dessa forma, uma camada de sentidos intersubjetiva, adentram um mundo vivido comum, passam a ser acolhidas e reconhecidas por um outro. Por outro lado, o horizonte de sentidos comum aos participantes da sessão – e o horizonte vivido por cada participante à medida que usufruem do horizonte comum – podem vir a serem ampliados, enriquecidos e diversificados, a partir das contribuições singulares de cada um.

Os participantes, nas sessões, utilizam expressões que indicam uma apropriação para si daquilo que é disposto ao grupo, das experiências compartilhadas ao longo da sessão e do que é produzido a partir dessas: *“eu fico com a experiência de cada um dentro de mim, mas eu fico com o Caetano porque eu até fiquei pensando o quanto que a gente come junto aqui... o quanto que a gente se alimenta de tudo isso...”* (Cássia, Sessão 1). Nessa direção da possibilidade de uma ampliação do mundo vivido comum e singular, Stein (1922/1999) entende que:

É possível dizer que na relação entre duas pessoas se encontram e se unem dois fluxos vitais, sem que venha suprimida a separação entre os sujeitos. Cada um experimenta uma ampliação da vida de seu eu, um influxo de novas experiências, de motivos intelectuais, de valorações, de disposições do querer, e ao mesmo tempo, uma ampliação do âmbito em que os próprios impulsos se efetivam. [tradução nossa] (p. 280)

Além disso, à medida que as experiências dos participantes passam a compor um campo compartilhado, ficam dispostos à possibilidade de ampliações e transformações de sentidos advinda do encontro com o outro, conforme observado nas interações trazidas na análise. Por exemplo, Regina pode ter a experiência em relação ao filho que cantaria uma música em uma apresentação do coral da escola, enriquecida em sentidos e possibilidades de descrição quando Adriana diz que percebe naquela participante, *“um desejo de muita abertura”*, *“deu pra trazer um pouquinho pra nós esse orgulho, sabe, de você tá com o seu filho, hoje, numa*

apresentação”. O mesmo processo pode acontecer quando o coordenador diz à Maria, em referência ao seu relato sobre a visita à avó no hospital, “*quanta honestidade da Maria com a experiência que ela viveu*”, explicitando uma face da vivência que poderia passar despercebida, ampliando-a a partir de uma outra camada de sentidos.

Em relação ao encadeamento das trocas entre os participantes, a análise explicitou que esse se desenvolve não apenas em termos do conteúdo temático das experiências (por exemplo, visita à avó), mas como uma ressonância em nível dos sentidos contidos por ela (por exemplo, experiências atravessadas pelo sentido de terminalidade, ou de desejo por uma vivência “que venha do fundo da alma”, seja genuína, “honesta”, conforme reverberado pelo coordenador diante da comunicação de Maria). Identificou-se que a reverberação desses sentidos – que se dá de maneira plástica à medida que transita entre as comunicações e expressões dos participantes – e suas ampliações e transformações, a partir das comunicações, compõem o encadeamento espontâneo dos relatos e o fluxo grupal.

Husserl (1952/2002) compreende que o intercâmbio e a reciprocidade compreensiva entre os sujeitos não só permitem “um comportamento paralelo e suscetível de uma compreensão recíproca no confronto dos objetos do mundo comum” [tradução nossa] (p. 196), mas também “um comportamento ao qual esses participam em comum, como membros de um todo unitário” (p. 196, trad. nossa), em que possam cooperar. Nas palavras de Stein (1922/1999), “a possibilidade da formação de uma comunidade é ligada à compreensão recíproca dos indivíduos. Onde os sujeitos entram em relação, há também um terreno fértil para uma unidade de vida, para uma vida comunitária” [tradução nossa] (p. 233).

A autora compreende que a formação de um fluxo de vivências comunitário, uma unidade de vida comunitária, condicionada à compreensão recíproca entre os seus membros, se dá por meio de ligações de sentido entre as vivências individuais. Vale lembrar que essa natureza de ligação é denominada pelos fenomenólogos clássicos como motivacional:

A cada vez que se realiza uma conexão de sentido, as vivências que estão se realizando, se reúnem em uma conexão motivacional formando um complexo de vivências. Se uma conexão de sentido envolve, para a sua realização, um grupo de indivíduos, o seu correlato é uma estrutura motivacional que não pertence mais a esse ou aquele fluxo de vivências individuais, mas, sim, ao fluxo de vivência do grupo. [tradução nossa] (Stein, 1922/1999, p. 195).

Compreende-se que as trocas entre os integrantes do GCSM, à medida que se dão por via de reverberações, ampliações e transformações de sentido, compõem complexos de vivências, cujas conexões de significado, por pressuporem o grupo para que se realizem, não pertencem mais ao fluxo de vivências de apenas um participante, mas ao do próprio grupo. A autora explicita tal cooperação entre vivências individuais para a formação de conexões motivacionais que dizem respeito ao coletivo:

A outra pessoa, comunicando-me o seu pensamento, abre, passo a passo, à compreensão do sentido que constituiu originariamente em seu pensamento. Vivendo-o, me impulsiona a continuar pensando, o que não é mais uma reprodução sucessiva, mas sim uma produção originária, em que me é aberto um novo complexo parcial da conexão de sentido global. Assim se desenvolve, no intercâmbio de pensamentos, um pensar conjunto que não é mais vivido pelo indivíduo, mas é um pensar em comum [tradução nossa] (Stein, 1922/1999, p. 195)

Para ela, à medida que há um dispor-se entre sujeitos, em que um se disponibiliza a vivenciar o sentido constituído originalmente por um outro e a continuar pensando, não há uma repetição do pensamento original, mas uma produção originária do outro. De forma assonante, encontrou-se nas análises que as reverberações das comunicações entre os participantes portam algo de novo que pode ampliar e transformar os sentidos presentes originariamente no relato, em que se abre um novo complexo parcial da conexão de sentido global de um pensar conjunto, isso é, do pensar comum que se configura no grupo. Cria-se, desse modo, um campo intersubjetivo de sentidos, sustentado por elos motivacionais entre as vivências individuais.

É nesse campo que podem ter lugar a reverberação, ampliação, revisão, negociação e transformação dos sentidos das experiências individuais dispostos pelos relatos dos participantes. Stein (1922/1999) descreve acuradamente o trânsito da vivência comunitária entre as vivências individuais. Para ela, “todos juntos participam da constituição da vivência da comunidade” [tradução nossa] (p. 165), ainda que não se tenha uma vivência idêntica entre os membros, e ainda que alguns deles possam não ser tocados por determinada experiência comum. Ela faz um exemplo de uma tropa que perdeu seu comandante, e, afirma que ainda que apenas um membro vivencie emocionalmente aquela perda, pode-se afirmar que a vivência comunitária teve lugar: “aquilo que estava compreendido em todos, chega a um preenchimento na vivência desse indivíduo” [tradução nossa] (p. 165).

Explicitando ainda mais tal mobilidade da vivência comunitária por entre as vivências individuais, a autora faz uma comparação entre o funcionamento da percepção individual e a apreensão de uma vivência comunitária por um integrante do grupo, utilizando a primeira como um modelo para a segunda:

Pode acontecer que, no escuro, eu me aproxime de um objeto e, enquanto o observo, de primeira, me parece um homem agachado, depois um animal; por fim, reconheço que se trata de uma coluna de pedra. Desse modo, a série completa de vivências contínuas encontra o seu desfecho na unidade de uma percepção. O material sensível sobre o qual a vivência se constitui e os conteúdos da sensação mudam continuamente e com esses varia também a intenção objetiva [...] O novo colhimento cancela o velho e anula, em um certo sentido, os dados sensíveis sobre os quais o velho se construía. No fim, se afirmam somente os dados da sensação sobre os quais se baseiam as intenções preenchidas que reconhecemos com clareza. Mas os dados cancelados não são banidos da vivência da percepção, mas sim contribuem, como os outros, para a sua constituição. No nosso caso, acontece analogamente, que a vivência de cada indivíduo que prova tristeza tem um conteúdo de sentido e tende, em virtude desse conteúdo de sentido, a alguma coisa de objetivo, à perda a que se refere a tristeza. Mas somente na vivência de uma pessoa, que sente a ‘devida tristeza’, é preenchida e satisfeita a intenção, que atravessou toda a vivência comunitária. [tradução nossa] (Stein, 1922/1999, p. 166)

Stein (1922/1999) oferece um modelo para a compreensão de como a vivência comunitária pode transitar entre os integrantes de uma comunidade, esclarecendo, em suas

palavras, “a relação entre os diversos conteúdos parciais” [tradução nossa] (p. 165) para a composição de uma vivência comum. No modelo da percepção, há um fluir de conteúdos de sensação, e com isso daquilo que se intenciona objetivamente (do “objeto” do perceber), até que se chegue a um preenchimento das intenções, um reconhecimento com clareza do objeto intencionado. Contudo, a autora chama a atenção para como as sensações canceladas não são banidas da vivência perceptiva, mas a compõem até que essa chegue a uma forma estável. Analogamente, na vivência comunitária, há um fluir de vivências individuais parciais que tendem a um sentido comum e que pode chegar a uma forma mais estável de preenchimento na vivência de alguns ou até de apenas um membro da comunidade.

Compreende-se que tal descrição dos fenômenos comunitários encontra assonância na análise realizada sobre o GCSM; identificou-se um processo grupal que comporta esse trânsito de vivências e sentidos parciais/individuais por entre as comunicações dos participantes. Esses parecem se engajar, por via desse trânsito, na apreensão, descrição e elaboração de sentidos que passam a ser compartilhados, vividos em comum e reverberados nas comunicações.

A atividade favorece, sobretudo na Etapa Reflexiva, que os participantes possam tender em direção à apreensão daquilo que foi vivido, de forma que a vivência comunitária possa ser intencionada com mais evidência, como se os participantes pudessem se aproximar sucessivamente da apreensão de tais sentidos – sentidos que dizem respeito à experiência alheia, da própria experiência e da experiência comunitária. Pode ocorrer de tais sentidos ganharem um contorno e uma expressão capazes de intencionar e de traduzir com maior precisão aquilo que vinha transitando nas múltiplas vivências parciais que compuseram o todo.

Identificou-se, ainda, sentidos mais amplos que articulam as vivências individuais e grupais em um “todo” compreensível, que se relaciona com a sustentação, a direção e a continuidade da atividade de reconhecimento e compartilhamento de experiências significativas vividas no cotidiano. Não se tratam de sentidos semelhantes que “aproximam” as experiências

(como, por exemplo, todas as experiências portam o sentido de amizade, de afeto entre os familiares, de sofrimento, etc.), mas de sentidos que relacionam os variados relatos a uma mesma tarefa, compartilhada entre todos os participantes, e justificam a cooperação entre eles e a própria existência daquele grupo. Conforme explicitado na análise, todos os relatos se articulam em torno de um eixo comum: são, para os participantes, experiências vividas a serem compartilhadas.

De acordo com Stein (1922/1999), o fluxo de vivências comunitário depende da configuração de “um sentido ininterrupto que atravessa o fluxo inteiro de vivência do grupo e o contém em uma unidade” [tradução nossa] (Stein, 1922/1999, p. 195), isso é, um sentido duradouro que garanta uma unidade entre as vivências individuais, uma unidade do fluxo comunitário enquanto tal, relacionada no grupo à sustentação de sua tarefa. No grupo, é em sua atualização, a partir do encontro com o outro, que esse sentido unitário “o grupo comunitário mesmo” pode ser vivido enquanto algo que envolve e dá contorno aos acontecimentos da sessão em uma unidade significativa de reciprocidade e coparticipação.

8. Considerações Finais

O objetivo desta pesquisa foi compreender o Grupo Comunitário de Saúde Mental, por meio de análise das sessões grupais, fundamentada pela Fenomenologia Clássica. A análise das sessões grupais foi realizada a partir de uma série de reduções fenomenológicas, cumprindo um retorno ao que se mostra originariamente à consciência. Nesse caso, cumpriu-se um retorno à efetivação, em meio intersubjetivo, da modalidade do GCSM, à sua atualização nas sessões grupais. A análise encaminhou a composição de duas unidades de sentido: “A compreensão de ‘experiência’ no contexto do Grupo Comunitário de Saúde Mental” e “A intersubjetividade no Grupo Comunitário de Saúde Mental”.

A primeira delas convidou a uma aproximação da compreensão de “experiência” que se constitui intersubjetivamente nas sessões. A noção de “experiência”, no GCSM, mostrou-se como eixo estruturante do processo grupal, articulando as múltiplas e diversas comunicações dos participantes a partir de um gesto comum, isto é, o compartilhamento de experiências vividas no cotidiano consideradas significativas por eles. A “experiência”, conforme compreendida no grupo, relaciona-se à possibilidade de mobilização de si a partir de um acontecimento, que pode ser reconhecida por via de uma disponibilidade atenta a si mesmo e à realidade. A sensibilidade, a estética e a afetividade compuseram as vivências e a expressão de experiências no contexto da atividade. Esses elementos favoreceram que o trabalho grupal se desenvolvesse no campo das experiências vividas, buscando preservar suas qualidades pré-reflexivas e experienciais, em detrimento de formulações racionalizadas, abstratas, de teorização, sugestão, orientação, entre outras.

Além disso, a partir das sessões grupais, a atividade do GCSM favoreceu a apreensão de sentidos em meio às experiências vividas e a elaboração criativa e pessoal dos mesmos, junto ao reconhecimento do sujeito como centro dativo de tais experiências. Dessa forma, o trabalho

desenvolvido contribui com a ampliação do vivido em relação à sua facticidade, buscando explorar e amplificar as possibilidades de significação do mesmo e seu investimento pessoal e subjetivo. Uma vez que o horizonte vivido pelo sujeito é composto pelos objetos que ganham um sentido para ele, a atividade promove uma ampliação das possibilidades de experiência dos participantes e de significação daquilo que se vive, gerando um conhecimento ampliado sobre si, sobre o outro e sobre a realidade.

A segunda unidade de sentido, por sua vez, explora a questão da intersubjetividade conforme constituída e atualizada nas sessões grupais. Os participantes engajaram-se em gestos de envolvimento de si com a experiência alheia e com o outro, bem como em gestos de abertura da própria experiência e apresentação de si mesmo por via dessa, em uma relação de reciprocidade. A experiência intersubjetiva vivida no grupo enquanto clima grupal apresentou qualidades relacionais ligadas a sentidos de proximidade e de intimidade, em perspectiva de um coenvolvimento afetivo e espiritual, em sentido fenomenológico.

Ainda, as relações entre os participantes, centradas no relato de experiências, compuseram um campo compartilhado sustentado por conexões de sentido entre as vivências individuais. Nesse campo, as experiências singulares puderam ser ampliadas e acrescidas em sentido a partir do olhar do outro, que não se mostrou como um olhar objetivo, mas, sim, coenvolvido, em uma relação entre sujeitos. Nas sessões, houve o reconhecimento de um sentimento de pertença ao grupo e a possibilidade dos participantes constituírem e serem constituídos pelo mesmo.

Cabe destacar que esta pesquisa deu enfoque às sessões grupais realizadas em um contexto específico em que ocorre o GCSM, dentre outros nos quais a modalidade vem sendo realizada. O contexto do estudo foi privilegiado por ser o local onde a modalidade nasceu e se realiza desde então, buscando apreendê-la em seus traços mais fundamentais, mas ressalta-se a necessidade de estudos que abarquem outros contextos, acompanhando o crescimento e a

diversificação de inserção da modalidade, que compõem seu desenvolvimento histórico. Além disso, o estudo foi realizado a partir das sessões grupais, como forma de apreender e compreender o GCSM em sua atualização intersubjetiva. Tal enquadre, contudo, exclui a possibilidade de acessar, em profundidade, as experiências particulares dos participantes e do coordenador em relação ao grupo, para além daquilo que é compartilhado nas próprias sessões, o que abre margem para outros empreendimentos investigativos nesse sentido.

Por fim, compreende-se que esta pesquisa dispõe recursos reflexivos que derivam de uma investigação fenomenológica acerca de uma modalidade grupal de cuidado e de promoção de saúde mental, apreendida e compreendida em sua atualização intersubjetiva nas sessões grupais, em seu acontecimento, levando em consideração o processo grupal e os elementos favorecedores daquelas, e não só o seu resultado. Por meio de um percurso de articulação sistemática e rigorosa entre os dados empíricos e analíticos relacionados ao GCSM e o corpo teórico-filosófico da Fenomenologia Clássica, o estudo oferece uma contribuição no sentido de fundamentar teórico e filosoficamente esta modalidade, aprofundando sua compreensão e sua efetivação na prática. A pesquisa pode favorecer também o conhecimento sobre outras práticas de cuidado inspiradas pela experiência vivida e pela constituição de redes intersubjetivas de ajuda, ampliando e diversificando a literatura científica existente no campo.

Referências³

- Ales Bello, A. (2003). *L'universo nella coscienza. Introduzione alla fenomenologia di Edmund Husserl, Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius*. Pisa: Edizioni ETS.
- Ales Bello, A. (2016). *Il senso dell'umano. Tra fenomenologia, psicologia e psicopatologia*. Roma: Castelvecchi.
- Ales Bello, A. (2019). Introdução. In: Husserl, E. (2019). *Il Bambino. La genesi del sentire e de conoscere l'altro*. (A. Ales Bello, Trad., pp. 5 – 28). Roma: Fattore Umano Edizioni (Original publicado em 1973).
- Alves, P. E. R. (2013). O método fenomenológico na condução de grupos terapêuticos. *Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, 16(1), pp. 150-165. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151608582013000100009&lng=pt&tlng=pt
- Amarante, P. (1995). *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz.
- Andersen, S. M. B. (2018). *Coral e outros poemas*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Barreira, C. R. A. (2017). Análise fenomenológica aplicada à Psicologia: recursos operacionais para a pesquisa empírica. In: M. Mahfoud & J. Savian Filho (Orgs). *Diálogos com Edith Stein: Filosofia, psicologia, educação*. São Paulo, SP: Paulus.
- Barros, M. (2016). *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Alfaguara.
- Basaglia, F. (2020). *Escritos Seleccionados em saúde mental e reforma psiquiátrica*. (P. Amarante, org., J. A. Melo, trad.). Rio de Janeiro: Garamond. (Trabalho original publicado em 1969).

³ De acordo com o estilo APA 6ª edição (*American Psychological Association*)

- Bosco, J. & Blanc, A. (1979). O bêbado e a equilibrista [Gravado por Elis Regina]. In: *Essa mulher*. Rio de Janeiro: WEA.
- Cardoso, C. L. (2012). *Grupo Comunitário de Saúde Mental: uma análise fenomenológica*. Tese de Livre-Docência, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Conselho Nacional de Saúde. (2012). *Resolução 466/2012*. Diretrizes e normas de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, DF: Autor.
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução 510/2016*. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF: Autor.
- Conselho Nacional de Saúde (2018). *Recomendação nº001 de 31 de janeiro de 2018*. Recomenda a revogação da Portaria nº 3588, de 21 de dezembro de 2017. Recuperado de: <http://conselho.saude.gov.br/recomendacoes/2018/Reco001.pdf>
- Costa-Rosa, A. (2000). O modo psicossocial: Um paradigma das práticas substitutivas ao modo asilar. In P. Amarante (Org.), *Ensaio: Subjetividade, saúde mental, sociedade* (pp. 141-168). Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz. Recuperado de <https://books.scielo.org/id/htjgj/pdf/amarante-9788575413197-09.pdf>
- Crovador, L. F. (2012). *Encontro Comunitário de Saúde Mental: Um estudo fenomenológico*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Delgado, P. (2019). Reforma psiquiátrica: Estratégias para resistir ao desmonte. *Trabalho, Educação e Saúde*, 17(2), e0021241. doi:10.1590/1981-7746-sol00212
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: Contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17-27. doi: 10.1590/S0102-311X2008000100003

- Giorgi, A., & Souza, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Lisboa, Portugal: Fim de Século.
- Hormanez, M. (2021). *A Etapa reflexiva: Uma análise sobre o momento final do Grupo Comunitário de Saúde Mental* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Husserl, E. (2002). *Idee per una fenomenologia pura e per una filosofia fenomenologica, Volume II, Libro secondo: Ricerche fenomenologiche sopra la costituzione, Libro terzo: La fenomenologia e i fondamenti delle scienze* (E. Filippini, Trad., 3ª ed.). Torino, Italia: Einaudi. (Original publicado em 1952)
- Husserl, E. (2012). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (M. Suzuki, Trad., 6ª ed.). Aparecida, SP: Ideias & Letras. (Trabalho original publicado em 1913)
- Husserl (2012). *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental. Uma introdução à Filosofia Fenomenológica* (D. F. Ferrer, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1954)
- Husserl, E. (2019). *Il Bambino. La genesi del sentire e del conoscere l'altro* (A. Ales Bello, Trad.). Roma, Italia: Fattore Umano Edizioni. (Original publicado em 1973)
- Ishara, S., & Cardoso, C. L. (2013). Delineamento do Grupo Comunitário de Saúde Mental. In S. Ishara, C. L. Cardoso, & S. Loureiro (Orgs.), *Grupo Comunitário de Saúde Mental: Conceitos, delineamento metodológico e estudos* (pp. 19-40). Ribeirão Preto, SP: Nova Enfim Editora.
- Larrosa, J. (2017). *Tremores: Escritos sobre experiência*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.
- Lei 10.126 (2001, Abril 6). Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília, DF: Diário Oficial da União.

- Leminski, P. (2016). *Caprichos & relaxos*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Lorenzi, C. G., Santos, M. V., Brunini, F. S., Ishara, S., Tofoli, S. M. C., & Real, E. M. (2012). A construção de um programa de assistência familiar em um hospital-dia psiquiátrico: Desafios e potencialidades. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 43, 54-72. Recuperado de <http://www.revistanps.com.br/index.php/nps/article/view/272/264>
- Mãe, V. H. (2018). *O paraíso são os outros*. (2ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Editora Globo.
- Mahfoud, M. (2017). Formação da pessoa em Edith Stein: Dos dados sensíveis à plenitude da personalidade. In M. Mahfoud, & J. Savian Filho (Orgs.), *Diálogos com Edith Stein: Filosofia, Psicologia, Educação* (pp. 283-295). São Paulo, SP: Paulus.
- Marandola, E., Jr. (2020). Fenomenologia como abertura para a interdisciplinariedade. *Revista do NUFEN*, 12(1), 1 – 25. doi:10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.nº01artigo62
- Minaré, N. F. (2021). *A participação regular continuada e as relações desenvolvidas com o Grupo Comunitário de Saúde Mental* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Ministério da Saúde. (1992). *Portaria nº224/92*. Estabelece diretrizes e normas para o atendimento em saúde mental. Brasília, DF: Diário Oficial da União.
- Ministério da Saúde. (2005). *Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil*. Brasília, DF: Autor.
- Ministério da Saúde. (2017a). *Portaria de consolidação nº 3 de setembro de 2017*. Consolidação das normas sobre as redes do Sistema Único de Saúde. Brasília, DF: Autor.
- Ministério da Saúde. (2017b). *Portaria nº 3.588*. Altera as Portarias de Consolidação nº 3 e nº 6, de 28 de setembro de 2017. Dispõe sobre a Rede de Atenção Psicossocial, e dá outras providências. Brasília, DF: Autor.

- Ministério da Saúde. (2017c). *Resolução nº 32, de 14 de dezembro de 2017*. Estabelece Diretrizes para o Fortalecimento da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Brasília, DF: Autor.
- Oliveira, W. F. (2012). Reforma psiquiátrica e atenção psicossocial: Contextualização sócio-histórica, desafios e perspectivas. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 4(9), 52-71. Recuperado de <http://stat.ijkem.incubadora.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/2125>
- Pinheiro, B. C. (2017). *Grupo Comunitário de Saúde Mental: Formação de recursos humanos* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Pitta, A. M. F. (2011). Um balanço da reforma psiquiátrica brasileira: Instituições, atores e políticas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(12), 4579-4589.
- Prado, A. P. C. (2017). *O manejo terapêutico no Grupo Comunitário de Saúde Mental* (Monografia de conclusão de curso não publicada). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Prado, A. P. C., & Cardoso, C. L. (2020a). Coordenação grupal em uma modalidade de cuidado: Grupo Comunitário de Saúde Mental. *Psicologia em Estudo*, 25, e42129. doi: 10.4025/psicoestud.v25i0.42129
- Prado, A. P. C., & Cardoso, C. L. (2020b). Coordenação de uma modalidade grupal de promoção de saúde mental: Reflexões fenomenológicas. *Revista do NUFEN*, 12(3), 1-18. doi: 10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.nº03artigo72
- Rasera, E. F., Oliveira, F. M., & Jesus, M. J. B. S. (2014). A prática grupal e o discurso sobre a ética em documentos oficiais. *Estudos de Psicologia*, 31(3), 405-414. doi:10.1590/0103-166X2014000300009
- Ricoeur, P. (1967). *Husserl: An analysis of his phenomenology*. Evanston, Estados Unidos da América: Northwestern University Press.

- Rocha, R. M. G. (2015). *Análise Compreensiva de uma nova modalidade de trabalho em saúde: O Grupo Comunitário de Saúde Mental* (Tese de doutorado não publicada). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Rocha, R. M. G., & Cardoso, C. L. (2017). A experiência fenomenológica e o trabalho em grupo na saúde mental. *Psicologia & Sociedade*, 29, e165053. doi:10.1590/1807-0310/2017v29165053
- Safra, G. (2006). *Hermenêutica na situação clínica: O desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Edições Sobornost.
- Sampaio, M. L., & Bispo, J. P., Jr. (2021). Entre o enclausuramento e a desinstitucionalização: A trajetória da saúde mental no Brasil. *Trabalho, Educação e Saúde*, 19, e00313145. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00313>
- Scheidlinger, S. (2004). Group Psychotherapy and related helping groups today: An overview. *American Journal of Psychotherapy*, 58(3), 265-280. Recuperado de <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15675252/>
- Shay, J. J. (2017). Contemporary models of group therapy: Where are we today? *International Journal of Group Psychotherapy*, 67(1), S7-S12. doi:10.1080/00207284.2016.1238749
- Sokolowski, R. (2014). *Introdução à Fenomenologia*. (A. O. Moraes, Trad.) (4ª. ed.). São Paulo, SP: Edições Loyola.
- Stachtchenko, S., & Jenicek, M. (1990). Conceptual differences between prevention and health promotion: Research implications for community health programs. *Canadian Journal of Public Health*, 81(1), 52-59.
- Stein, E. (1999). *Psicologia e scienze dello spirito: Contributi per una fondazione filosofica* (A. M. Pezzela, Trad.). Roma, Italia: Città Nuova. (Trabalho original publicado em 1922)

- Stein, E. (2001). *Introduzione alla filosofia* (A. M. Pezzella, Trad., 2ª ed.). Roma, Italia: Città Nuova. (Original publicado em 1917-1922)
- Stein, E. (1998). *Il problema dell'empatia* (E. Costantini & E. S. Costantini, Trad., 2ª ed.) Roma, Italia: Edizioni Studium. (Original publicado em 1917)
- Stein, E. (2003). *Estructura de la persona humana*. In: F. J. Sancho, & J. Urkiza (Orgs.), *Obras completas: Escritos antropológicos y pedagógicos – Magisterio de vida cristiana, 1926-1933* (v. IV, pp. 553-749). Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen. (Original publicado em 1932).
- Tourinho, C. D. C. (2013). O lugar da experiência na Fenomenologia de E. Husserl: de Prolegômenos a Ideias I. *TRANS/FORM/AÇÃO*, 36(3), pp. 35-52. doi: 10.1590/S0101-31732013000300004
- Trapé, T. L., & Campos, R. O. (2017). Modelo de atenção à saúde mental do Brasil: Análise do financiamento, governança e mecanismos de avaliação. *Revista de Saúde Pública*, 51(19), 1-8. doi:10.1590/s1518-8787.2017051006059
- Valerio, P. H. M. & Barreira, C. R. A. (2016). A roda de capoeira: uma vivência comunitária. *Memorandum*, 30, pp. 177-198.
- Vasconcelos, E. M. (2008). *Abordagens psicossociais volume I: História, teoria e trabalho no campo*. São Paulo, SP: Editora Hucitec.
- Veloso, C. (1993). Desde que o samba é samba. In: *Tropicália 2*. Rio de Janeiro, RJ: Phonogram.
- Yasui, S. (2010). *Rupturas e encontros: Desafios da reforma psiquiátrica brasileira* (Tese de doutorado). Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

Apêndice A - Análise individual e processual de uma sessão do corpus (Sessão 1)

Esta sessão contou com 34 participantes e foi composta por 14 contribuições verbais, sem incluir as intervenções do coordenador de abertura do grupo, de abertura e encerramento dos momentos do grupo, bem como de finalização.

O coordenador inicia a sessão grupal:

Coordenador: [...] a gente pensa junto sobre... o que está se tornando... sobre as nossas experiências, pensar sobre as nossas experiências de certa forma significa isso, quer dizer, pensar sobre aquilo que passa a fazer parte de nós [...] Então, nesse sentido, por exemplo, desde uma música, desde um quadro, desde um filme, desde uma conversa, desde um trabalho, desde um tratamento... é... A gente poder acompanhar aquilo que passa a fazer parte de nós [...] E nós começamos isso com o Sarau, essa primeira parte do grupo, que serve *pra* que a gente possa trazer aqui, seja música, seja filme, seja leitura ou imagem que tem significado pra nós. Vamos ver, então, o que a gente tem encontrado, nesse sentido, começando com as contribuições do Sarau, alguém quer começar?

A sessão grupal se inicia com o coordenador convidando os participantes para a tarefa do GCSM, descrita como “*pensar sobre as nossas experiências*”, “*pensar sobre aquilo que passa a fazer parte de nós*”. Mais especificamente, convida para o início do Sarau, descrito como a possibilidade de compartilhar algum elemento cultural “*que tem significado pra nós*”. Adélia se manifesta e solicita que a música “Coming-Up” seja tocada na mídia disponibilizada pelo Grupo. O coordenador alerta que, nesse dia, a internet estava com alguns problemas que inviabilizavam tocar a música, mas pergunta à participante:

Coordenador: Quer dizer, de qualquer forma, qual seria a sua experiência?

Adélia: Sobre o que eu ia contar? Então é sobre um vídeo de Paul McCartney cantando uma música dele...que ele fala de caminhar, que eu relatei muito, assim, como eu *tô* num processo, assim, quinta-feira é o meu último dia aqui como paciente, como interna... é... eu percebi, assim, que nesses últimos dias, desde quando eu percebi, entendi, comecei a pensar sobre isso... é... eu tenho ficado mais ansiosa de manhã, e tem me despertado desejos... de novo. Porque antes eu nem pensava, assim, ficava chorando muito, ou ficava muito nervosa né, e não sobrava tempo, parece, *pra* desejar coisas, planejar coisas de novo, né, e até retomar alguns planos que eu tinha antes, né. E eu acho que, assim, a música ela não fala exatamente disso, mas ele fala... ele vai soltando frases de desejos,

assim, e me veio muito essa palavra na cabeça, né, e aí eu tinha pensado em trazer, hoje, por causa disso né.

Coordenador: Como chama mesmo a música?

Adélia: “Coming-Up” do Paul McCartney

Coordenador: Você lembra alguma coisa, alguma frase que fala do desejo?

Adélia: Alguns eu lembro... eu anotei, porque eu só consegui legenda em espanhol e aí caso tivesse alguma dúvida, alguém tivesse interesse em... então ele começa falando: “*Quero um amor que dure para sempre e que nunca desapareça, quero ajudar com o teu problema*”. Assim, gente, é a minha tradução, então, é meio avacalhada, mas ... “*quero, quero ajudar no teu problema... eu digo ‘fique por perto’ ... está surgindo como uma flor está surgindo... você quer um amigo em que possa confiar, um que nunca desapareça e se está buscando uma resposta, eu digo ‘fique por perto’, está surgindo como uma flor está surgindo, você quer um pouco de paz e compreensão, e que todo mundo possa ser livre, sei que nós podemos fazê-lo juntos, fazendo música sem fim, está... está surgindo como uma flor está surgindo, você quer um futuro melhor, em que todos possamos compartilhar, você não está só, todos poderíamos fazê-lo, fique por perto que já quase chegamos, quase, está surgindo, como uma flor está surgindo...*”. Então fiz essa tradução, ela fala, assim, de várias coisas, são desejos, acho que a gente tem em comum, de ter um futuro melhor, de que todos possamos compartilhar né, mas ao mesmo tempo, acho que o que mais me marcou, que fez ... foi vindo palavras na minha cabeça, sabe? Como “consciência” e veio “desejo”, né? Coisas que eu não *tava* tendo na cabeça, assim, pra... na verdade, não tá boa assim, mas assim, já tá começando a aparecer sabe, e isso me deixa eufórica... né? Eu percebi, assim, que o meu coração, ele bate mais rápido... [silêncio]

Coordenador: É... Obrigado, Adélia, ainda voltando a internet, a gente pode escutar a música.

Adélia: Ah! Vale a pena!!

[Roberto se prontifica a consertar o problema com a Internet e se dirige ao computador]

Coordenador: Enquanto o Roberto vê se consegue a internet, vamos pensar um pouco sobre essa contribuição da Adélia, porque *pra* gente, é muito importante, né? Porque ela diz, agora, nos últimos dias, já com a cabeça um pouco melhor, pôde perceber, voltar um desejo, voltar um desejo, voltar a ter desejos. E que a música, pelas letras, pelas palavras, pelas frases que ela lembrou, também falam disso. Essa é... [silêncio] a questão é: quem de nós pode viver sem essa experiência? Quem de nós pode viver sem *tá* acordado para os próprios desejos? Sem ter acordado dentro de si, alguns desejos.... É por isso que nos interessa tanto, essa experiência da Adélia. Por que nos interessa tanto? Porque é uma experiência humana... quer dizer, é uma experiência humana... quer dizer, quem de nós pode viver sem ter acordado dentro de si algum desejo... por isso, é tão precioso *pra* gente, que você possa trazer essa experiência. Seguimos um pouco mais, se tiver alguma outra contribuição *pro* Sarau.

Adélia escolheu uma música que, de acordo com ela, fala sobre “*caminhar*”, e relacionou-a com o seu “processo” de alta como usuária do serviço. Ela relata que ao “perceber”, “entender” e “começar a pensar” sobre este processo, sente-se “*ansiosa*” e reconhece a emergência de “*desejos*” e de “*planos*” em um espaço antes tomado somente pelo choro ou nervosismo. Apesar de a música “*não falar exatamente disso*”, a relação da experiência de Adélia e da canção foi percebida pela participante na medida em que “*ele [cantor] vai soltando frases de desejos*”, isto é, Adélia reconhece os gestos do cantor/eu lírico. A participante conta que a música fez com que as palavras “desejo” e “consciência” “viessem muito na cabeça”: “*coisas que eu não tava tendo na cabeça, assim, pra ... na verdade, não tá boa assim, mas assim, já tá começando a aparecer*”, e conta como tem vivenciado este momento “*e isso me deixa eufórica... né? Eu percebi, assim, que o meu coração, ele bate mais rápido...*”.

Nota-se, também, que Adélia realizou um trabalho prévio com a música, traduziu-a e levou suas anotações ao Grupo, pois não conseguira um vídeo com tradução em português, desvelando um cuidado com os outros participantes. Ainda nesse sentido, faz um movimento de aproximação com os mesmos, afirmando: “*são desejos, acho que a gente tem em comum*”. Compreende-se que o Grupo Comunitário, e mais especificamente o Sarau oportunizaram que Adélia se percebesse no cotidiano, elaborando e se apropriando de sua experiência. Dessa maneira, a participante não só passa pela alta do serviço, mas tem a possibilidade de se reconhecer nesse processo, de pensá-lo de maneira estética por meio de uma música, de notar e cuidar da emergência de seus próprios desejos e planos.

O coordenador, por sua vez, inicia sua intervenção fazendo uma retomada sintética da experiência da participante “*nos últimos dias, já com a cabeça um pouco melhor, pôde perceber, voltar um desejo*”, e da relação desta com a música: “*e que a música, pelas letras, pelas palavras [...] também falam disso*”. Convida o Grupo a “*pensar um pouco*” sobre a

comunicação desta participante, considerando-a “*muito importante*” não só para Adélia, mas que “*interessa*” a todos, inclusive ao próprio coordenador, dispondo os outros participantes a uma escuta envolvida de algo que não diz respeito somente a quem comunica: “*Quem de nós pode viver sem tá acordado para os próprios desejos? Sem ter acordado dentro de si, alguns desejos....*”. Nessa direção, o coordenador apreende “*experiência*”, aqui, como o movimento da participante de reconhecimento de alguns desejos “*acordados*”. Conforme o coordenador desenvolve sua intervenção, essa experiência vai ganhando contornos de algo vital e elementar: “*quem de nós pode viver sem essa experiência?*”, descrita por ele como “*experiência humana*”.

Cássia: Posso?

Coordenador: Seu nome?

Cássia: Cássia... *ai*, eu sempre fico nervosa de falar... eu não sabia ao certo se eu vinha ou não [*suspiro*] mas aí, eu peguei esse livro, ele é importante pra mim, foi um grande amigo meu que escreveu... ele chama “*Presença*”, são de momentos muito importantes para ele. Sempre que eu *tô* passando por um momento difícil, eu sempre me encontro nele... e, mais uma vez, eu me encontrei. [*suspiro*] Ultimamente, *tá* difícil dar nome ao que eu estou sentindo, e eu acho que ele mais uma vez, *tá* dando, chama: “*Caminhos a reencontrar*”.

Caminhos a reecontrar

“Pai,
Como custa sair do fundo do poço e respirar.
UFA...
São tantos horizontes ao mesmo tempo!
Quantos empecilhos do passado
Ainda atravancam a passagem!
Que tal me conceder asas novamente, hein?!
Sabedoria para revitalizar,
Audácia para romper em definitivo...
Agora já não está mais dando para hibernar,
Pois lá fora, *tá* a vida e aqui dentro o vulcão.
É engraçado pensar que,
Em uma altura desta da vida,
Tenha que re-aprender a viver,
Um misto de ingênuo e sagaz.
Envolve academia com experiência,
O que é claro com o novo.
O futuro clama, o passado reclama
E o presente basta
O silêncio me sacia, mas o barulho me seduz.
Quero sentir mais cheiro de terra molhada
Rolar nas poças.

Empurrar fusca no barro com motor desligado
 Escorregar nos barrancos.
 Cantar desafinado “meu caro irmão”
 Com meus amigos na chuva.
 Simplesmente ser feliz,
 Sem ter que dar explicações
 Afinal, porque pra ser feliz
 Tem de explicar tanto?
 Devemos o quê, a quem?
 [...]

Cássia: Cássia, diz um pouco... fala um pouco sobre o que este texto falou *pra* você.

Cássia: [*suspiro*] eu acho que... nossa, falou tanta coisa... falou um pouco... do tipo... [*suspiro*] de não esperar... eu não esperava que as coisas estariam assim agora, eu não esperava de ter que me reinventar agora, eu não esperava... Porém, ok, vou fazer... [*suspiro*]

Coordenador: Obrigado...

Cássia: E assim, é... eu morro de medo de falar aqui, assim, engraçado isso... e na hora que o meu coração disparou... esse meu amigo, eu conheço de um lugar especial pra mim, e, da última vez que eu estive lá, o meu coração também disparou, e eu estava me sentindo muito morta lá, quando eu cheguei, e, me veio uma frase na cabeça, a mesma frase que eu vi aqui... “o pulso ainda pulsa”... então tá pulsando né?... Isso é bom...

Coordenador: ... “O pulso ainda pulsa”... isso é o que buscamos reconhecer com esse trabalho do Sarau... porque se a gente lê as coisas, e nada nos toca; se a gente assiste filmes, e nada nos interessa; se a gente escuta músicas, e nada nos comove, é como se o pulso não pulsasse mais... O contrário disso é o que ela está dizendo, que leu o texto e mexe profundamente com ela. Que comunicar esta experiência também é... cheio de emoção e aí ela resume isso, dizendo: “o pulso ainda pulsa”. Exatamente isso que fazemos no Sarau: poder perceber, por que música, por que filme, por que leitura, a gente sente nosso pulso pulsar. Mais alguma contribuição *pro* Sarau?

Apesar de Cássia não saber, a princípio, se iria ao grupo e “morrer de medo de falar” nesse contexto, ela opta por compartilhar um poema. Conforme ela descreve, o poema, o livro e o amigo tem grande importância para a participante. Conta que se “encontra” no livro quando passa por momentos difíceis, percebendo que esse poema ajuda a “dar nome” ao que está passando. Durante sua contribuição, e, por meio dela, nota-se certa angústia e confusão. Com o apoio do coordenador, que solicita uma formulação mais pessoal da contribuição “*fala um*

pouco sobre o que este texto falou pra você”, há um movimento em direção a uma apropriação e significação do poema em relação à experiência da participante: “eu não esperava que as coisas estariam assim agora, eu não esperava de ter que me reinventar agora”.

Além disso, a participante relaciona e aproxima o local em que conheceu o amigo e autor do poema e o Grupo Comunitário, mediante a vivência corpórea nos dois locais e a frase “o pulso ainda pulsa” [*esta frase pertence a uma música e foi impressa e exposta no corredor de entrada do serviço pela equipe, juntamente com fotos de eventos realizados lá*]. Finaliza sua contribuição refletindo sobre a frase que encontrou no referido local e no serviço em que se desenvolve o GCSM, aproximando-a de sua experiência: “*meu coração também disparou, e eu estava me sentindo muito morta lá quando eu cheguei, e, me veio uma frase na cabeça, a mesma frase que eu vi aqui ... “o pulso ainda pulsa”... então tá pulsando né? ... Isso é bom...*”. Nessa direção, em meio a certa confusão, a participante parece reconhecer alguma vida (“pulso”), em contraposição ao “se sentir morta”, em sua vivência.

O coordenador recupera esta imagem utilizada pela participante “*o pulso ainda pulsa*” para, por um lado, explicitar e aprofundar o sentido do Sarau: poder ser tocado, comovido ou ter o interesse despertado por algum elemento da cultura, e por outro, afirmar este “se sentir viva” da participante: “*se [...] nada nos comove, é como se o pulso não pulsasse mais... O contrário disso é o que ela está dizendo, que leu o texto e mexe profundamente com ela*”. O coordenador parece entrar em contato com a agitação afetiva da participante de maneira parcial, afirmando que “*comunicar esta experiência é cheio de emoção*”. Além disso, alguns elementos da contribuição de Cássia poderiam ser mais explorados, facilitando a compreensão e a elaboração da experiência pela própria participante e pelo grupo, como o local a que ela se refere, o amigo, entre outros. Compreende-se, contudo, que há uma opção do coordenador em direcionar o olhar para o processo grupal, buscando acolher a participante, mas também sustentar a atenção e a continuidade da atividade, que é, sobretudo, comunitária.

Caetano: Eu *tava*, no domingo, eu *tava* comendo né, *tava* eu, meu pai e minha mãe, a gente *tava* comendo, o meu pai falou uma frase, assim, uma frase pequenininha, mas, assim, que foi uma frase que fez...fez o coração acelerar. Porque a gente *tava* comendo e a comida *tava* gostosa, né, minha mãe fez salpicão assim, aí, eu falei assim, meio com a boca cheia, né [*faz a expressão*]: “Nossa pai, é bom *comê*, né?”. E aí o meu pai falou: “não, filho, o bom é comer junto”, aí ele falou isso e eu pensei, né: quantas e quantas vezes a gente comeu junto e eu nem pensei nisso, de *tá* comendo junto, e ele *tá* pensando em comer junto, em comer comigo, sabe, comer junto comigo, com a minha mãe... então esta frase dele foi bem marcante para mim.

Coordenador: Repete a frase dele

Caetano: Eu falei assim: “é bom comer, né, pai”. Ele falou: “não, bom é comer junto”

Coordenador: [*silêncio*] Obrigado, Caetano... é... a gente tem a sorte de poder escutar as contribuições de vocês e isso despertar em nós... esse desejo. A gente faz esse trabalho e percebe, portanto, a riqueza dele... Ele diz a frase [*aumenta o tom de voz para repetir a frase do Caetano*] “o meu pai fez o meu coração acelerar”, fez o coração acelerar. A gente... é... escutando uma coisa dessa, devia não aceitar dormir, nenhum dia, sem achar uma frase que fizesse o nosso coração acelerar. Porque é comum a gente poder dizer: “ah! eu não posso dormir ainda porque tenho um trabalho pra fazer, não posso dormir ainda porque tenho que lavar a louça, não posso dormir ainda porque tenho que arrumar as camas, não posso dormir ainda, porque tenho que responder um e-mail, não posso dormir ainda, porque eu tenho que preparar um trabalho”. Mas o Caetano ensina a gente a pensar uma outra coisa: terminando o dia, que a gente possa dizer: eu não posso dormir ainda porque não li ainda, não escutei ainda hoje, uma frase que fez o meu coração acelerar, por isso não posso dormir ainda, isso seria o coração de gente... gente com o coração que ainda pulsa [...] e *pra* nós que participamos do grupo, a gente ainda podia complementar “porque também se eu for dormir sem isso, não vou ter nada pra levar pro grupo comunitário” [*risos do Caetano*]. Um último aspecto: onde o Caetano foi achar essa frase? Na boca do pai, isso é importante *pra* nós, é importante *pra* nós, porque prova *pra* nós que a gente não tem desculpa... quer dizer “ah! essa semana eu não tenho nenhuma frase pra trazer porque eu *tô* sem livro em casa, essa semana eu não tenho nenhuma frase pra trazer, porque a minha internet não funcionou, a gente não tem nenhuma frase *pra* trazer, porque a gente não *tava* acordado... como ele.

Caetano refere a mobilização que uma frase dita pelo pai o causou: “*uma frase pequenininha, mas, assim, que foi uma frase que fez...fez o coração acelerar*”, descrevendo esta mobilização metaforicamente a partir de uma vivência corpórea, que já vinha sendo construída nessa sessão grupal (o coração que dispara diante da emergência de desejos, o pulso que pulsa, e agora, o coração que acelera). Caetano descreve a cena de uma maneira simples,

mas “estética”, referindo-se ao gosto do salpicão, à boca cheia, etc, parecendo favorecer que o grupo compartilhe dessa cena. A partir da frase do pai, Caetano parece retirar a obviedade do “*comer junto*”, realizando um “distanciamento reflexivo” em relação à própria experiência: “*quantas e quantas vezes a gente comeu junto e eu nem pensei nisso, de tá comendo junto, e ele tá pensando em comer junto, em comer comigo, sabe, comer junto comigo, com a minha mãe*”. Esse distanciamento oportuniza que outros sentidos emerjam da experiência, que se amplia do “*comer*” para o “*comer junto*”, da pessoa à comunidade e ao compartilhamento. Essa ampliação é reiterada quando o coordenador solicita que Caetano diga a frase do pai novamente, e o participante diz a sua frase seguida da do pai, enfatizando de forma clara essa mudança e expansão do horizonte de sentidos percebidos.

O coordenador descreve a escuta das contribuições como uma “*sorte*”, na medida em que essas podem “*despertar em nós... esse desejo*”. O “*desejo*” parece se referir à possibilidade de encontrar uma “frase” que “acelere o coração” – nota-se, mais uma vez, certa costura intersubjetiva das contribuições, uma vez que a ideia do “*desejo*” estava presente na contribuição de Adélia e o “disparar do coração” na de Adélia e de Cássia. A partir disso, o coordenador cria uma imagem hiperbólica que rompe com o óbvio do cotidiano (não ir dormir, porque ainda não finalizou o trabalho, não lavou a louça, etc.): a possibilidade de não se permitir dormir sem encontrar uma frase que “faça acelerar o coração”. O coordenador realiza, de maneira análoga ao participante, uma ampliação da obviedade do cotidiano (“*bom é comer*”/ *não ir dormir sem finalizar o trabalho*), em direção à possibilidade de uma vivência cotidiana acrescida de sentidos: (“*bom é comer junto*”/ *não ir dormir sem encontrar uma frase que faça acelerar o coração*).

Essa ampliação de sentidos, permitida mediante o encontro com uma frase, com uma música, com a realidade ou com o outro – sentida como correspondência, como surpresa e encantamento (“fez o coração acelerar”) – é descrita pelo coordenador como “*isso seria o*

coração de gente ... gente com o coração que ainda pulsa". Nota-se, ainda, que o coordenador parece partir do pressuposto de que a realidade dispõe constantemente de elementos que permitem tal correspondência, isto é, o mundo da experiência cotidiana (trabalho, louça, etc.) propicia aporte para o acontecimento de experiências "que fazem o coração acelerar", bastando "estar acordado": "a gente não tem desculpa".

Coordenador: Seguimos um pouco mais no Sarau, com outras frases, outras músicas, outras leituras... mais alguma contribuição? [*silêncio*] Bom, então enquanto alguém vê se tem mais alguma contribuição, eu vou colocar... pra gente não perder tempo, a Internet não tá funcionando, mas eu tenho uma música aqui que por coincidência, eu tinha pensado de trazer e por isso, não tá na internet, mas já está no computador, deixa eu ver se dá certo de passar pra vocês...

O Pulso – Titãs

O pulso ainda pulsa
 O pulso ainda pulsa...
 Peste bubônica
 Câncer, pneumonia
 Raiva, rubéola
 Tuberculose e anemia
 Rancor, cisticercose
 Caxumba, difteria
 Encefalite, faringite
 Gripe e leucemia...
 E o pulso ainda pulsa
 E o pulso ainda pulsa
 Hepatite, escarlatina
 Estupidez, paralisia
 Toxoplasmose, sarampo
 Esquizofrenia
 Úlcera, trombose
 Coqueluche, hipocondria
 Sífilis, ciúmes
 Asma, cleptomania...
 E o corpo ainda é pouco
 E o corpo ainda é pouco
 Assim...
 Reumatismo, raquitismo
 Cistite, disritmia
 Hérnia, pediculose
 Tétano, hipocrisia
 Brucelose, febre tifoide
 Arteriosclerose, miopia
 Catapora, culpa, cárie
 Cãibra, lepra, afasia...

O pulso ainda pulsa
 E o corpo ainda é pouco
 Ainda pulsa
 Ainda é pouco
 Pulso
 Pulso
 Pulso
 Pulso
 Assim...

Coordenador: É... Eu tinha pensado de trazer essa música, porque a gente tem vivido algumas situações difíceis no serviço [...] e por outro lado tem alguns momentos em que a gente percebe que o pulso ainda pulsa... isso foi uma das coisas que me ajudou a lembrar da música [...] *faz* meses que o pessoal que faz educação física aqui *tá* reclamando que o lugar onde fazem atividade *tá* cheio de mato, de sujeira, e a gente não conseguiu que a administração do prédio, da faculdade, providenciasse essa limpeza porque não faz parte do contrato da empresa, a empresa tem contrato pra limpar dentro do prédio, mas não fora do prédio, etc. Então ia ficar sujo mesmo, mas numa reunião que fizemos aqui dias atrás, aí uma das pessoas aqui falou: “Não! Mas, a gente limpa, a gente limpa, a gente cuida...” e na semana passada, quinta-feira, não deu certo porque choveu, mas quando chegamos aqui 7 e pouco da manhã, já tinha gente com enxada, na chuva, e chovendo, querendo trabalhar na chuva... com vassoura e aí a gente falou “não, vamos deixar *pra* quinta-feira que vem, não vamos trabalhar na chuva”. O pulso ainda pulsa [...] Perceber isso, *pra* mim, foi muito importante, *pra* não ficar sufocado [...] A gente precisa disso, precisa perceber gente que o pulso ainda pulsa. Então essa música foi uma feliz coincidência que *tava* na cabeça da Cássia, mas também na minha, e então, por isso, eu trouxe ela pra vocês.

O coordenador coloca a música “O Pulso” cujo refrão é “*o pulso ainda pulsa*”, frase trazida por Cássia, ecoando-a através da música: “*então essa música foi uma feliz coincidência que tava na cabeça da Cássia, mas também na minha*”. O coordenador relacionou-a com uma experiência sua enquanto profissional de um serviço, a partir de um ponto de vista mais empírico. Relata uma situação de encontro com pessoas dispostas a cuidarem do espaço do hospital, disponibilidade significada por ele como “pulsos que ainda pulsam”. Assim como Adélia, parece ampliar sua comunicação para todo o grupo: “*a gente precisa disso, precisa perceber gente que o pulso ainda pulsa*”.

Coordenador: Ainda se houver mais alguma contribuição, aproveitamos para o Sarau, se não, passamos *pra* segunda parte do grupo... ainda alguma coisa a mais

no Sarau? [*silêncio*] Então, passamos pra segunda parte do grupo... ah... nessa segunda parte, a gente verifica não só quando conseguimos ficar acordado com as músicas e os livros, mas também quando conseguimos ficar acordados diante das coisas que acontecem, e que por isso, se tornam pra nós uma experiência de vida. Então nessa segunda parte, a gente compartilha aquilo que *pra* nós *tá* se tornando uma experiência de vida. Quem quer começar?

O convite para esta etapa é proposto e descrito como um reconhecimento de “*quando conseguimos ficar acordados diante das coisas que acontecem*”, sendo que a possibilidade metafórica e imagética de “estar acordado” diante de elementos culturais já foi mencionada e vivenciada pelo Grupo no Sarau. Nesse sentido, parece aproveitar da vivência grupal de interação com os sentidos dos elementos da cultura (este certo olhar, esta certa atitude: “*ficar acordado*”) para o movimento diante das experiências do cotidiano. Depreende-se de sua fala que esse determinado olhar confere às vivências cotidianas um *status* diferente, descrito como “experiência de vida”.

Coordenador: Vamos lá... seu nome?

Elis: O meu nome é Elis, a experiência que eu vou falar é sobre o meu filho...ele nasceu de 6 meses, pesou 950 gramas e foi uma luta... na quinta-feira, o meu filho completou 18 anos... e no sábado, a gente... o meu marido mandou fazer um bolo *pra* ele, né? E qual foi a minha surpresa? Ele fez uma homenagem que eu vou ler para vocês: “Estou aqui agora *pra* agradecer primeiramente a Deus, ao meu padrinho Vinicius. Obrigado, mãe, por ter me dado a vida, porque se não fosse você, eu não estaria aqui... aqui hoje... você quer cuidar de mim, me ajudou na minha caminhada. Agradeço também ao meu pai, à minha avó e meus tios Gonzaga, Chico e Almir, por me ter acompanhado. Não me deu tratamento, mas nasci de 6 meses, pesei 950 gramas, fiz 3 cirurgias, hoje estou completando 18 anos nesse mundo. As duas pessoas que mais amo no mundo são minha mãe e meu pai. Tive duas meningites, fiquei 16 anos no [*nome do hospital*] tratando com os meus médicos e de lá não foi fácil, o tratamento”

[*Silêncio*]

Coordenador: [...] como que foi a história, o filho escreveu isso *pra* você? Como é que foi a história...

Elis: Então, ele pegou e escreveu, né, no sábado mesmo. E ele chegou lá, na hora de cantar parabéns, com este caderno, e eu, até então, não sabia de nada. Aí eu perguntei “*pra* quê este caderno?”, aí ele falou assim “não é nada não, mãe”. Aí cantou parabéns, tal, e aí ele pediu silêncio *pra* todo mundo e começou a ler e eu fiquei muito emocionada... porque eu não esperava isso do meu filho... e hoje eu agradeço muito a Deus por ter me dado ele.

Coordenador: E aí hoje você pediu o caderno dele, hoje, *pra* trazer hoje pra nós?

Elis: Uhum...

Coordenador: Obrigado... obrigado pela lembrança, pela experiência e pelo teu esforço, né, de lembrar de trazer o caderno, de buscar o caderno e trazer *pra* nós. Porque a gente... porque você conseguiu colocar a gente perto dessa comemoração... Eu disse “você conseguiu colocar a gente perto dessa comemoração”. Isso não é pouca coisa, não é pouca coisa participar da comemoração de um filho, de um filho que aos 18 anos tem a iniciativa de escrever um agradecimento *pra* mãe. E a gente pode dizer que participou dessa comemoração, graças à generosidade da Elis... Seguimos com outras novas experiências.

Elis circunscreve sua experiência, situando-a em um horizonte temporal mais amplo, retomando o nascimento e percurso de seu filho: “*foi uma luta*”. Em dois momentos, a participante reitera o sentido de “*surpresa*” da experiência, bem como seu caráter afetivo “*fiquei muito emocionada*”. Além disso, Elis leva ao GCSM o caderno em que o filho escreveu a carta de agradecimento em seu aniversário, para lê-la. O conteúdo da carta também retoma um horizonte temporal e histórico como um fundo para a experiência de completar 18 anos, porta sentidos de gratidão a outros significativos “*obrigado, mãe, por ter me dado a vida, porque se não fosse você, eu não estaria aqui*”; e de reconhecimento da própria vida: “*minha caminhada*”, “*hoje estou completando 18 anos nesse mundo*”. Há, em certa medida, uma afinidade entre a perspectiva de “*estar vivo*” no cotidiano, valorizada pelo programa, e o gesto do filho de Elis que fora percebido e compartilhado por ela. Nessa direção, Elis faz um movimento análogo ao de Caetano: o reconhecimento de “*estar vivo*” a partir da experiência de alguém externo ao grupo que também carrega esse sentido.

O coordenador agradece pela “*lembrança, pela experiência e pelo teu esforço [...] de lembrar de trazer o caderno*”, valorizando não só o conteúdo da experiência, mas o gesto da participante para com o Grupo, reconhecendo-lhe um significado: “*conseguiu colocar a gente perto dessa comemoração*”; “*a gente pode dizer que participou dessa comemoração, graças à generosidade da Elis*”. O gesto do filho também é reconhecido e valorizado: “*não é pouca coisa*

participar da comemoração de um filho, de um filho que aos 18 anos tem a iniciativa de escrever um agradecimento pra mãe". Nessa direção, nota-se que o coordenador acolhe Elis e também, de certa forma, o seu filho no Grupo; bem como reconhece a possibilidade do Grupo de ir até à experiência de Elis, "lançando-se para fora" em direção ao momento do aniversário.

Dorival: O meu nome é Dorival, bom dia a todos, tenham um feliz dia de bênçãos de Deus. A minha experiência é lá da roça ... lá na roça, se conheceram um casal que era tímido, não tinha coragem de se aproximar, e aí o irmão do rapaz pegou e falou: "eu vou dar um jeito *pra* vocês" [*conta uma piada*].

[*Riso discreto do coordenador, sem risos no grupo*]

Coordenador: O senhor Dorival sempre gosta de compartilhar com a gente as leituras que... que fazem sorrir, as leituras que fazem ele sorrir, essa achou em algum livro senhor Dorival?

Dorival: Não, essa aí eu ouvi no rádio.

Coordenador: Ficamos ainda com um resto de Sarau, ainda, com essa história que o senhor Dorival achou no rádio. Mas voltamos com as nossas experiências agora...

Dorival compartilha uma piada, como costuma fazer em alguns grupos dos quais participa, e esse movimento é brevemente significado pelo coordenador como o gesto de "*compartilhar as leituras que fazem sorrir*", que retoma, na sequência, o enquadre da atividade: "*ficamos ainda com um resto de Sarau [...] voltamos com as nossas experiências agora*".

Adriana: Eu gostaria de compartilhar, me chamo Adriana e neste final de semana, pensando um pouco naquela na questão da semana passada, do pulso ainda pulsa e do se reinventar... nesse final de semana, nós fomos na casa da minha avó paterna, a única viva, e ela tem 94 anos e aí ela já *tá* bem magrelinha, tortinha, cabelinho branco, e ela sempre foi muito vaidosa, mas agora ela não quer mais pintar o cabelo, ela aderiu realmente que ela está idosa, né? E... eu nunca tinha observado a minha vó com os olhos que eu olhei, assim [...] E no ano passado, ela perdeu 2 filhos no período de 3 meses, e eu já tinha até trazido aqui no ano passado...no Sarau do Grupo Comunitário da força do meu pai de ver enterrados meus tios e ainda falar "a vida continua", e eu sempre fiquei muito curiosa de saber de onde vinha aquela força. E, aí no sábado, quando eu fui abraçar a minha avó, no portão, que eu abracei... aquele ser tão fragilzinho assim e falei "e aí vó como é que a senhora tá?". "Ah, filha! Tirando o que *tá* ruim, o resto *tá* bom e aí que eu me toquei assim... me deu um chacoalhão de ver que, poxa, já sei de onde vem essa força do meu pai, né? Tirando o que *tá* ruim, o resto *tá* bom...E aí eu fiquei pensando, mas o que ela tem de bom? Uma senhora de 94 anos com

dificuldade de andar, do portãozinho até onde nós sentamos, ela teve muita falta de ar e aí eu fui observando o que ela tinha de bom e ela tinha tanta coisa boa, tanta coisa boa! E aí, me chamou a atenção quando eu olhei assim *pro* varalzinho: [...] o vestidinho dela lavado... e eu “vó, a senhora lavou isso aqui onde? A senhora lavou na máquina?”, “não, filha, eu lavei na mão” [...] e aquela energia, aquela delícia assim de passar o dia com ela, sabe? E aí, fez café e como uma boa italiana... tem que comer, né? *Pra* mostrar que tem amor, tem que comer e aí encheu a mesa... falei “vó, mas acabamos de almoçar” ... e ela “imagina, vocês estão magrinhas” [...] ela querendo que a gente comesse...*pra* mostrar a felicidade, o amor...

Caetano: gostei da sua avó [*risadas no grupo*]

Adriana: Vou te levar lá... você sai gordo de lá. E essa ânsia de viver com 94 anos e aí quando a Cássia fala: “tá, tem que me reinventar”, me lembrou muito essa história, dessa lição, assim, *pra* gente de uma senhora de 94 anos, que só tem dois filhos vivos e ainda nessa ânsia de viver e de mostrar *pra* gente. E aí eu fiquei prestando atenção nela, assim, teve uma hora que ela parou, que ela abriu a boca, assim, a boquinha dela assim... e eu falei “nossa, é meu pai”, sabe? E aí eu fiquei pensando “Poxa, agora eu sei de onde veio a força do meu pai, né? Tem razão, assim, da hereditariedade e aí eu fiquei muito agradecida, assim, de ter, na família, uma pessoa tão forte assim, que não deixa a peteca cair, sabe? Que não deixa a gente... porque minha mãe também é muito semelhante a isso, então, nessa família, assim... que impulsiona os filhos *pra* vida, que dá essa força *pra* nós, assim...

Coordenador: Essa é a experiência... Ela não só visitou... e tem uma diferença... porque, entre outras coisas, porque, no final, ela pode dizer “fiquei agradecida de ter uma família tão forte”. Por isso, se torna experiência, não é uma coisa só... a vó dela não *tá* lá na casa doente, é capaz de deixá-la agradecida. Essa é a experiência.

Adriana: Desculpa Dr. [*nome do coordenador*], me emocionou, agora, de lembrar de que esta semana um amigo meu desencarnou e ele morreu dormindo né [...] E no final, quando a gente estava indo embora... que ela falou “não vai embora não, fica aqui, dorme aqui comigo” ela falou. E eu “ai vó, deixa em maio, que em maio eu tô de férias”. E aí, eu abracei e eu falei “eu te amo tanto” e aquilo saiu de dentro da minha alma, porque eu acho que eu nunca falei *pra* minha avó o quanto que eu a amava. E aquilo... eu abracei e falei “eu te amo tanto”, pensando nessa experiência do meu amigo, dessa semana, sabe? Eu não sei se ela vai ter maio *pra* me reencontrar, ou se eu vou ter maio para reencontrar... Mas essa possibilidade da gente aproveitar oportunidade, sabe? Só *pra* acrescentar...

Coordenador: Obrigado, Adriana. Seguimos atentos a outras experiências.

Adriana, primeiramente, parece recuperar a memória de uma experiência, relacionando-a com a “questão”, que emergia naquela sessão grupal, do “*pulso ainda pulsa*” e do “*se reinventar*”. Compartilha a experiência de visitar a sua avó, descrevendo-a detalhadamente:

“ela tem 94 anos e aí ela já tá bem magrelinha, tortinha, cabelinho branco”, “aquele ser tão fragilzinho”, “com dificuldade de andar, do portãozinho até onde nós sentamos, ela teve muita falta de ar” – nessa descrição, nota-se, sobretudo, sentidos de fragilidade, padecimento, envelhecimento, entre outros. Ao descrevê-la, a participante se dá conta que *“nunca tinha observado”* a avó *“com os olhos”* que olhou naquele momento, sugerindo uma aproximação empática da experiência da avó.

Os sentidos relacionados à fragilidade parecem se ampliar na medida em que a participante reconhece um *“chacoalhão”*, ao escutar a avó dizer *“Ah filha! Tirando o que tá ruim, o resto tá bom”*. O *“chacoalhão”* parece atravessado pelo reconhecimento de uma história familiar e de uma transgeracionalidade: *“já sei de onde vem essa força do meu pai, né?”*. Além disso, houve a possibilidade para a participante de perceber aquilo que *“ela tem de bom”*, ainda que o *“bom”* se dê em meio à fragilidade e às perdas: *“olhei assim pro varalzinho: [...] o vestidinho dela lavado [...]”; “ela fez café e como uma boa italiana... tem que comer [...] encheu a mesa”*. Essas descrições parecem portar os sentidos elaborados pela participante em seguida: *“nessa ânsia de viver e de mostrar pra gente”*. Diante disso, Adriana se posiciona: *“eu fiquei muito agradecida, assim, de ter, na família, uma pessoa tão forte assim [...] que impulsiona os filhos pra vida”*. Nota-se que essa possibilidade de elaboração da experiência não foi imediata e foi se construindo, dentre outras coisas, na relação com o GCSM: *“no ano passado, ela perdeu 2 filhos no período de 3 meses, e eu já tinha até trazido aqui no ano passado...no Sarau do Grupo Comunitário, da força do meu pai de ver enterrados meus tios e ainda falar “a vida continua”, e eu sempre fiquei muito curiosa de saber de onde vinha aquela força”*.

Para o coordenador, essa gratidão é um indicador da experiência de Adriana, conforme compreendida por ele. Haveria, nessa direção, uma diferença entre *“visitar”* e *“poder dizer ‘fiquei agradecida de ter uma família tão forte’”*, sendo que o segundo parece decorrer da

captação de um sentido (que possibilita a gratidão) em meio à circunstância concreta (visitar), análogo às imagens do “comer”/“comer junto”, trazidas por Caetano. O coordenador distingue, na perspectiva da avó, o “estar lá na casa doente” e o “ser capaz de deixar ela agradecida [Adriana]”. Dessa maneira, parece captar e ressoar a ampliação de sentidos descrita por Adriana sobre a avó, que passa a ser reconhecida como forte e com “ânsia de viver” ainda que em meio à fragilidade: em analogia com as metáforas que vinham sendo tecidas na sessão, a possibilidade de “ter o pulso pulsando” ainda que adoecida.

Adriana parece ser atravessada pela lembrança da perda de um amigo, relacionando-a com o momento de despedida da avó: *“eu não sei se ela vai ter maio pra me reencontrar, ou se eu vou ter maio para reencontrar”*. Percebe-se que toda a experiência com a avó, acrescida da experiência de perda do amigo, mobilizam a participante a ponto de lançá-la corporalmente em direção ao outro, em gesto afetivo sentido como verdade: *“eu abracei e eu falei “eu te amo tanto” e aquilo saiu de dentro da minha alma, porque eu acho que eu nunca falei pra minha avó o quanto que eu a amava”*. Assim, na descrição da participante, apreende-se a mobilização corpórea, afetiva e reflexiva pela experiência.

Outro elemento relevante desse trecho é a comunicação do Caetano que carrega tom de humor e afeto *“gostei da sua avó”*, em meio à fala de Adriana sobre a comida: *“pra mostrar que tem amor, tem que comer e aí encheu a mesa”*. Caetano havia, anteriormente, compartilhado a frase do pai *“bom é comer junto”*, a partir de uma experiência que havia um certo jogo entre comida e afeto compartilhado a partir do encontro com o outro. Diante disso, a participante parece acolhê-lo e “convidá-lo” para a casa da avó: *“vou te levar lá... você sai gordo de lá”*. Esse convite para uma “visita” à própria experiência é explicitado por este diálogo, mas encontra-se implicitamente nas contribuições dos participantes, conforme explicitado pelo coordenador diante da fala de Elis: *“você conseguiu colocar a gente perto dessa comemoração [...] não é pouca coisa participar da comemoração de um filho”*. Compreende-se que estes

diálogos criam um clima grupal de leveza, de familiaridade e de comunidade, que desvelam a possibilidade de visitas às experiências do outro, em perspectiva empática.

Maria: É...o meu nome é Maria... é... a Adriana falando da experiência com a avó dela... no domingo... no sábado, na verdade... meu pai me ligou e ele me perguntou se eu podia ficar com a minha avó... minha avó tá internada já faz umas duas semanas... e fazia, assim, muito tempo que eu não a via, eu nem visito a casa dela, e aí eu falei: “não, pai, eu fico com a vó”. E aí eu fui ficar com a minha avó, e... interessante porque, assim, ela tá com Alzheimer e ela não lembra das pessoas, tal. E eu falei “nossa, faz tanto tempo que ela não me vê que ela não vai saber quem que eu sou”. E aí, eu entrei no quarto dela, e eu vi *ela*, assim, na cama... ela tem 86 anos, ela tá bem fraquinha, porque ela tá com câncer, enfim, ela está bem fraquinha... E aí eu cheguei, no quarto, e falei: “oi vó tudo bem?”. E aí ela me olhou assim. Aí falei “a senhora não sabe quem que eu sou né?”. E aí ela falou assim “não, você é a Maria né”. “É, vó, eu sou a Maria”, aí eu fiquei muito feliz de ela lembrar quem eu sou, apesar de nem ir na casa dela. E aí fiquei com ela das 7 da manhã até às 8 da noite. E aí, assim, várias vezes ela acordava, acordava, dormia, tal, e eu não conversava... eu não tinha o que falar com ela, porque eu [...] não tinha o que falar, e aí ela falou assim “você pode sair um pouquinho comigo?”. E aí eu falei assim “posso, né” e aí peguei a cadeira de roda ... e num momento, assim, veio na minha cabeça: “poxa eu *tô* cuidando da minha avó”, e eu nunca pensei em cuidar da minha vó, ou ficar perto dela, assim...E aí, ela tá tão frágil que eu peguei *ela* no colo e *puis* na cadeira [...] aí ela falou assim “porque você nunca ia na minha casa?”, e eu não sabia o que falar pra ela, assim, eu não sabia o que falar... e ficou isso, assim, sabe? Eu sem resposta, e aí, eu mudando de assunto, e aí ela dormiu [...] aí meu pai chegou pra me levar embora, e aí, a minha tia chegou, eu falei “tchau vó, é...”. Ela olhou pra mim, e falou assim... foi muito bom ter ficado com ela... e ela falou “olha, Maria, muito obrigado por você ter vindo aqui”, e aí, eu falei “ah, vó, de nada” e aí ela falou assim, é... “eu sempre amei você”, e eu não consegui retribuir isso porque eu nunca senti, eu acho que eu nunca senti o amor que ela sentia por mim, entende? Então foi uma coisa bem... assim... difícil de ouvir dela. E aí, então, eu falei assim “não, vó, eu também amo a senhora”. E aí ela falou assim... “ah! mas você não me ama igual eu amo você”. E... e isso me tocou muito, porque... eu queria ter tido mais tempo com a minha avó, mas a vida... enfim, vários fatores não me deixaram... e eu acho que eu perdi muito isso, e agora, a minha vó tá muito doente, sabe? Assim, ela tá quase morrendo mesmo, sabe? Mas ter ficado com ela no domingo e ter compartilhado um pouco daquele momento de vida dela, sabe? Foi muito bom ficar com ela... e o que a Adriana falou sobre não saber se você vai ver a pessoa de novo...eu realmente também não sei, sabe? E eu queria ter falado um “eu te amo” *pra* minha avó do fundo da minha alma, sabe? Só que eu não consegui porquê... eu não consegui, sabe? E eu fico muito triste com isso, porque eu sei que ela vai embora, sabe? E eu não vou conseguir, não sei quando eu vou conseguir falar *pra* ela que eu amo *ela* com tanta força e é muito triste isso...

Coordenador: Obrigado, Maria... acho que... isso... quanta honestidade... quanta honestidade da Maria com a experiência que ela viveu, nós não estamos acostumados com isso... nós não estamos acostumados... com tanta

honestidade... “eu fiquei triste” ela disse... essa experiência, quer dizer... aquilo que é... essa é a nossa sorte, né? [...] Que a gente ainda pode sentir tristeza pelas coisas que a gente reconhece que são tristes... é... que a gente pode ser humano... porque é graças a essa tristeza que a gente vai se guiando *pras* experiências... *pras* nossas melhores experiências. Eu fico pensando que é uma sorte, Maria, que você consiga ter tanta honestidade com você mesma. Eu penso que isso vai te ajudar muito de fazer experiências de muita realização, é graças a essa tristeza que a gente vai sendo direcionado *pra* buscar aquilo que é importante pra nós. É... você tá aflita pra falar, fala o seu nome [*se dirige a Bethânia que se mostrava agitada sinalizando o desejo de falar*]

Maria introduz seu relato relacionando-o à comunicação de Adriana: “*a Adriana falando da experiência com a avó dela...*”, e conta de uma visita à sua avó adoecida no hospital. Descreve as várias nuances afetivas e dilemáticas do encontro: “*eu fiquei muito feliz de ela lembrar quem eu sou, apesar de nem ir na casa dela*”, “*eu não conversava... eu não tinha o que falar com ela*”, revelando a complexidade do mesmo. Em determinado momento, Maria explicita o se dar conta de sua própria experiência, a partir de um distanciamento reflexivo que permite perceber-se enquanto primeira e terceira pessoa: “*num momento, assim, veio na minha cabeça: ‘poxa eu tô cuidando da minha avó’*”.

A participante destaca momentos da visita em que parece ter se sentido provocada a se posicionar diante da avó e percebeu-se “*sem resposta*”, “*mudando de assunto*”: “*ai ela falou assim ‘porque você nunca ia na minha casa?’*”. Em um destes diálogos, na despedida, diante da declaração de amor da avó, diz: “*eu não consegui retribuir isso porque eu nunca senti, eu acho que eu nunca senti o amor que ela sentia por mim*”, refletindo que “*foi uma coisa bem difícil de ouvir dela*”. Apesar de tentar responder reciprocamente (“*não, vó, eu também amo a senhora*”), a avó parece explicitar o conflito: “*ah! mas você não me ama igual eu amo você*”. A participante revela o desejo de retribuir recíproca e genuinamente a declaração: “*eu queria ter falado um ‘eu te amo’ pra minha avó do fundo da minha alma, sabe? Só que eu não consegui porquê... eu não consegui, sabe?*”, retomando essa imagem “*do fundo da minha alma*”, que já estava presente na fala de Adriana, que em certo sentido, parece ter realizado o

que Maria conta desejar: “*eu abracei e eu falei “eu te amo tanto” e aquilo saiu de dentro da minha alma*” (Adriana). Maria, mesmo diante do desejo, reconhece não “conseguir falar” ou, pelo menos, não saber se vai “conseguir falar”, em um contexto em que o tempo é percebido como se esgotando. O reconhecimento desse aspecto limite da experiência é acompanhado da percepção de outros elementos que a compõem em sua totalidade, isto é, apesar da dor e da incerteza de uma reciprocidade completa como gostaria, a participante chega a dizer: “*mas ter ficado com ela no domingo e ter compartilhado um pouco daquele momento de vida dela, sabe? Foi muito bom ficar com ela...*”

Diante da contribuição de Maria, o coordenador explicita uma atitude da participante diante da própria experiência, apreendida por ele: “*quanta honestidade da Maria com a experiência que ela viveu*”. O coordenador parece ser honesto, ele mesmo, com a própria reação de surpresa e admiração: “*nós não estamos acostumados com isso*”. Valoriza a honestidade “com a experiência” e “consigo próprio” na medida em que essa possibilita “*sentir tristeza pelas coisas que a gente reconhece que são tristes*”, isso é, possibilita uma correspondência entre aquilo que se mostra na realidade e a vivência afetiva, sendo tal correspondência associada a “poder ser humano”. O coordenador diz, ainda: “*é uma sorte, Maria, que você consiga ter tanta honestidade com você mesma. Eu penso que isso vai te ajudar muito de fazer experiências de muita realização, é graças a essa tristeza que a gente vai sendo direcionado pra buscar aquilo que é importante pra nós*”. Compreende-se que para o coordenador, ser realista com a própria experiência, buscando reconhecer uma correspondência entre aquilo que se mostra na realidade e a vivência pessoal, permite um reconhecimento daquilo que “*é importante*” para o sujeito e a busca de caminhos mais satisfatórios “*isso vai te ajudar muito de fazer experiências de muita realização*”.

Bethânia: eu... eu sou a Bethânia...

Coordenador: e o que você quer contar, Bethânia?

Bethânia: eu... quero pôr uma música que eu escuto sempre no carro...

Coordenador: Bethânia, eu não sei se vamos conseguir a música, porque a internet não *tava* funcionando, mas a gente pode olhar aqui... mas de qualquer jeito fala porque que você ficou com vontade de trazer a música.

Bethânia: Ah! Porque... o sentimento que a música me traz é muito bom *pra* mim, eu me sinto bem ouvindo ela...

Coordenador: Que música é essa?

Bethânia: É Imagine Dragons, It's time.

Coordenador: Você tem sorte, não funcionava, só porque você quer trazer a música, funcionou. Vem achar a música aqui. Põe o nome aqui...

It's Time – Imagine Dragons⁴

So this is what you meant?
 When you said that you were spent?
 And now it's time to build from the
 Bottom of the pit
 Right to the top
 Don't hold back
 Packing my bags and giving the
 Academy a rain-check
 I don't ever want to let you down
 I don't ever want to leave this town
 'Cause after all
 This city never sleeps at night
 It's time to begin, isn't it, I get a little bit
 Bigger, but then, I'll admit
 I'm just the same as I was
 Now, don't you understand
 That I'm never changing who I am
 So this is where you fell
 And I am left to sell
 The path to heaven runs through miles
 Of clouded hell
 Right to the top
 Don't look back
 Turning to rags and giving the commodities
 A rain-check
 [...]
 This road never looked so lonely
 This house doesn't burn down slowly

⁴ Então foi isso que você quis dizer/ Quando você disse que estava exausta/ E agora é hora de construir a partir do fundo do poço/ Até o topo/ Não se contenha/ Fazendo minha malas e deixando a faculdade para a próxima/ Nunca quero decepcioná-la/ Nunca quero deixar esta cidade/ Porque, afinal/ Esta cidade nunca dorme à noite/ É a hora de começar, não é?/ Fico um pouco maior mas, depois, admitirei/ Sou o mesmo que eu era/ Você não entende?/ Que nunca mudarei quem eu sou/ Então é aqui que você caiu/ E a mim só restou vender/ O caminho até o paraíso tem milhas de inferno nublado/ Até o topo/ Não olhe para trás/ Virando trapos, as vantagens ficam para uma próxima/ Esta estrada nunca pareceu tão solitária/ Esta casa não queima lentamente/ Até as cinzas/ Até as cinzas

To ashes, to ashes

[...]

Coordenador: Fala por que gosta da música, fala um pouco...

Bethânia: Eu gosto do que a letra diz sobre “eu nunca vou mudar quem eu sou”, eu acho isso muito bonito, é muito... nobre...

Coordenador: O que você quer dizer com nobre?

Bethânia: “eu nunca vou mudar quem eu sou”, quer dizer que ele se conhece... eu acho isso bonito e [pausa] eu tô tentando muito me conhecer, e quando eu me conhecer, eu nunca vou mudar quem eu sou, que é o que eu tenho na trabalhado... na psicologia... aqui.

Coordenador: Quer achar sua identidade, sua marca registrada... sua identidade... obrigado, Bethânia.

Bethânia pede para colocar uma música, ainda que fora do momento do Sarau, que lhe “traz um sentimento bom”. Com o apoio do coordenador, a participante busca aprofundar a percepção sensível (“gosto da música”), para a elaboração e explicitação dos sentidos percebidos: “*eu gosto do que a letra diz sobre ‘eu nunca vou mudar quem eu sou’, eu acho isso muito bonito, é muito... nobre...*”. Ao explicitar “*o que quer dizer com nobre*”, reconhece um percurso do “eu lírico” implícito na letra: “*quer dizer que ele se conhece*”. A partir dessa explicitação, parece emergir o ponto do cruzamento entre a música e a experiência da participante: “*eu tô tentando muito me conhecer, e quando eu me conhecer, eu nunca vou mudar quem eu sou*”, busca que se dá inclusive no contexto de serviço em que ocorre o Grupo: “*que é o que eu tenho na trabalhado... na psicologia... aqui*”.

Nota-se que o coordenador parece favorecer que os sentidos percebidos pela participante emerjam, realizando certa suspensão de seus próprios juízos, de forma que estes não emerjam precipitadamente. O coordenador compreende a experiência da participante em termos de um desejo de “*achar sua identidade, sua marca registrada*”, parecendo integrar os sentidos de busca por autoconhecimento e de algo que não mude ao longo do tempo, uma “*marca registrada*”, numa perspectiva construtiva sobre a experiência de Bethânia, ainda que outras leituras fossem possíveis, como uma certa rigidez “*nunca vou mudar*”, entre outros.

Coordenador: Estamos terminando nosso trabalho... alguém mais?

Adélia: Já que a Internet voltou, poderia colocar a música? Pode?

Coordenador: Pode ir pondo lá...enquanto ela vai colocando, alguma experiência mais?

Gilberto: O meu nome é Gilberto... [*fala em voz baixa e distante*] pra amanhecer o dia de ontem, eu não tinha dormido muito bem por conta que o meu filho ia fazer exame de carro, tirar carteira de motorista e eu fiquei muito apreensivo, acordei por volta de 2:00 da manhã e não consegui mais dormir [...] quando eu cheguei aqui no hospital, eu *tava* com o meu coração quase saindo pela boca, e aí eu compartilhei com algumas pessoas aqui, foi no grupo operativo, logo no primeiro grupo. E aí, acho que foi antes de terminar o grupo, estava marcado para as 9h, mas atrasou um pouquinho, eu fiquei mais aflito ainda... aí quando meu telefone deu um toque de mensagem, eu fui olhar, e *tava* lá: “passei, pai”. E aí, eu escrevi *pra* ele depois “filho, meus parabéns, tenho muito orgulho de você”, e ele escreveu embaixo “e eu também do senhor”. Isso... me deixou bastante comovido, bastante alegre, o meu coração ficou bastante feliz... porque ele é um pouco fechado, não é de muita conversa, mas um pouquinho que ele... tem um peso muito grande. Então isso me comoveu, eu cheguei em casa, dei um abraço nele, aí derramei um pouquinho de lágrima também... *tava* emocionado, né? Mas foi uma vitória...

Coordenador: Muito obrigado, Gilberto... terminamos, então, com a sua música [*dirige-se à Adélia*]

Adélia pede que sua música seja compartilhada, já que a internet voltara a funcionar, evidenciando a importância de que o Grupo pudesse escutá-la, vivenciá-la, uma vez que ela já havia comunicado sua experiência com a letra. Enquanto ela prepara a música no computador, Gilberto conta sobre sua vivência em relação ao “exame de carro” do filho, descrevendo sua aflição: “*meu coração quase saindo pela boca*”, utilizando esta imagem que remete às comunicações do início do Grupo. A aprovação no exame configurou uma oportunidade de aproximação entre pai e filho, através das mensagens trocadas que manifestavam o sentimento de orgulho recíproco. Diante disso, descreve sua “comoção”, recuperando, mais uma vez, a imagem do coração: “*o meu coração ficou bastante feliz*”. A sua comoção é contextualizada em um horizonte de sentidos mais amplo: “*ele é um pouco fechado, não é de muita conversa, mas um pouquinho que ele... tem um peso muito grande*”. O coordenador agradece pela contribuição e propõe o encerramento desse momento com a música de Adélia.

[Adélia coloca a música *Coming Up* de Paul Mc Cartney]

Coming Up - Paul McCartney⁵
 You Want A Love To Last Forever
 One That Will Never Fade Away
 I Want To Help You With Your Problem
 Stick Around, I Say
 It's Coming Up, It's Coming Up,
 Coming Up (Like A Flower)
 Coming Up
 Yeah
 You Want A Friend You Can Rely On
 One Who Will Never Fade Away
 I Know You're Searching For An Answer
 Stick Around, I Say
 It's Coming Up, It's Coming Up
 Coming Up (Only Hour)
 Coming Up
 Yeah
 You Want Some Peace And Understanding
 So Everybody Can Be Free
 I Know That We Can Get Together
 We Can Make It, Stick With Me
 It's Coming Up, It's Coming Up
 It's Coming Up (Like A Flower)
 It's Coming Up For You And Me
 Coming Up, Coming Up
 It's Coming Up, It's Coming Up, I Say
 It's Coming Up (Like A Flower)
 It's Coming Up
 I Feel It In My Bones
 You Want A Better Kind Of Future
 One That Everyone Can Share
 You're Not Alone, We All Could Use It
 Stick Around, We're Nearly There
 It's Coming Up, It's Coming Up (Alright)
 Coming Up (Like A Flower)
 Coming Up
 You Want A Love To Last Forever
 One That Will Never Fade Away
 I'd Like To Help You With Your Problem
 Stick Around, Pretty Baby I Said

⁵ Você quer um amor que dure para sempre/ Um que nunca desaparecerá/ Eu quero te ajudar com teu problema/ Fique por aí, eu digo/ Crescendo, crescendo/ Crescendo como uma flor/ Crescendo, eu digo/ Você quer um amigo a quem confiar/ Um que nunca desaparecerá/ E se você estiver buscando respostas/ Fique por aí, eu digo/ Crescendo, crescendo/ Crescendo como uma flor/ Está crescendo/ Você quer paz e compreensão/E aí todo mundo será livre/ Eu sei que vamos conseguir juntos/ Vamos conseguir, conte comigo/ Crescendo, crescendo/Crescendo como uma flor/ Crescendo, eu e você [...] Sinto isso em meus ossos/ Você quer um tipo de futuro melhor/ Um que todos possam dividir/ Você não está só, todos podemos partilhar/ Fique por aqui, estamos quase lá/ Está crescendo, crescendo em todo o lugar/ Crescendo como uma flor/ Está crescendo para todos partilhar/Está crescendo/ Está crescendo, de qualquer maneira/Crescendo como uma flor/Crescendo

It's Coming Up,
 It's Coming Up,
 It's Coming Up (Like A Flower)
 Coming Up (Pretty Baby I Wanna Say)
 Coming Up (Only Hour)
 Coming Up (Yeah Yeah Yeah)
 Coming Up (Pretty Baby)
 Coming Up (Oh, You Better Believe It)
 Coming Up (Like A Flower)

Coordenador: Na última parte, agora, do nosso trabalho, *pra* terminar o nosso encontro, a gente verifica se conseguimos *tá* vivos, acordados, dentro deste grupo. Durante todo o grupo a gente busca reconhecer quando *tava* acordado na vida. No final do trabalho, a gente busca perceber se conseguiu *tá* acordado dentro desse nosso encontro, quer dizer, a gente compartilha o que teve sentido, o que teve significado pra nós. Vamos lá.

O coordenador convida os participantes para o último momento do Grupo, em que os participantes buscam “verificar” se conseguiram estar “*vivos, acordados, dentro deste grupo*”, em analogia ao que é proposto como tarefa central da atividade “*reconhecer quando tava acordado na vida*”. A possibilidade de “estar acordado” é compreendida como reconhecer e compartilhar “*o que teve sentido, o que teve significado*” para os participantes.

Caetano: Bom... eu fico, hoje, sem dúvida, com a experiência da Bethânia porque... é... foi mais ou menos o que vim buscar no tempo que eu *tava* internado, não que eu vim buscar, mas...mais ou menos parecido, assim, e ela tem um gosto musical muito bom também e eu me... identifico muito com a experiência dela [...]

Cássia: Eu fico com a experiência do Caetano... na verdade, eu fico com a experiência de cada um dentro de mim, mas eu fico com o Caetano porque eu até fiquei pensando o quanto que a gente come junto aqui... o quanto que a gente se alimenta de tudo isso... e como é bom comer junto, de tantas outras formas também.

Caetano diz que “fica” com a experiência relatada por Bethânia, na medida em que reconhece certa “busca” e se identifica com esta: “*foi mais ou menos o que vim buscar no tempo que eu tava internado*”. Nesse sentido, percebe-se um movimento de reconhecimento e apropriação do sentido do relato de Bethânia em relação à própria experiência. Cássia também remete à expressão “ficar” para contar o que teve sentido para ela no grupo: “*eu fico com a*

experiência do Caetano... na verdade, eu fico com a experiência de cada um dentro de mim”.

Para Cássia, a possibilidade de “ficar” com uma experiência ganha contornos de uma apropriação e internalização das mesmas. Utiliza a metáfora/imagem trazida primeiramente por Caetano para expressar sua elaboração da atividade: “*eu até fiquei pensando o quanto que a gente come junto aqui*”. A metáfora carrega, para a participante, o sentido de se sentir nutrida, de alguma maneira, pelo trabalho desenvolvido “*o quanto a gente se alimenta de tudo isso*” e de pertencimento e comunidade “*e como é bom comer junto*”.

Roberta: Eu fico com a experiência da Cássia, que fez ela inclusive lembrar da música que o senhor colocou, o pulso ainda pulsa, isso, é...

Cecília: De fato, várias das contribuições me ajudam muito, mas acho que o que mais me ajudou hoje foi essa possibilidade de...de olhar pro outro, e poder... como o seu Gilberto disse, se comover... sair desse lugar que eu estava e poder encontrar o outro. E aí, acho que a experiência da Maria que vai com a avó e se abre para um encontro, para uma possibilidade de ajuda. A da Adriana, que vai visitar a avó, e percebe toda uma riqueza de um encontro, a da Elis, que foi surpreendida pelo agradecimento do filho, do Gilberto que é surpreendido pelo filho. Então, assim, o que me marcou foi essa possibilidade de *tá* comovida, através de vocês, pra olhar também pra minha vida, o que tem me movido, o que tem me feito me mover junto com o outro... então eu agradeço muito.

Roberta refere brevemente que “fica” com a experiência de Cássia, reverberando a imagem do “pulso ainda pulsa”, indicando certa mobilização e internalização desta metáfora/imagem. Cecília realiza uma síntese do Grupo selecionando algumas experiências percebidas enquanto um conjunto na medida em que carregam “*essa possibilidade de olhar pro outro, e poder... como o seu Gilberto disse, se comover*”. Esta expressão “se comover” aparece de maneira reiterada na fala daquele participante e é captada e significada por Cecília como “*sair desse lugar que eu estava e poder encontrar o outro*” e ilustrada pela síntese de algumas experiências daquela sessão. Nessa direção, Cecília realiza um movimento similar ao de Caetano, Cássia e Roberta, bem como do coordenador: reconhecer um sentido, uma metáfora/imagem, um gesto, um movimento humano a partir dos relatos empíricos. Ainda utilizando este sentido, Cecília afirma estar “comovida”, através dos participantes do Grupo,

para “*olhar também*” para sua vida, e para os seus encontros que a comovem: “*então eu agradeço muito*”.

Adélia: Eu fiquei aqui pensando, a Adriana falou da família, a Maria falou da família, o Gilberto falou da família, e eu fiquei pensando quão presente ficou, assim, essas histórias relacionadas a família e é uma coisa que eu sinto muito, assim, porque embora os meus pais não sejam separados, é... eu não fui criada assim muito próxima da minha avó paterna, minha avó materna mora fora de [nome da cidade], e, assim, nunca houve muita proximidade com outros parentes assim e eu sinto falta às vezes, né? E eu tenho dificuldade *pra* demonstrar afeto, carinho, assim ser assim um pouco mais carinhosa com o meu marido, ou com o meu pai, ou com a minha mãe [...] eu fico com essa coisa da família, assim, eu tenho dificuldade, não sei... [silêncio]

Adélia reconhece certa universalidade nas experiências ouvidas, mas diferentemente de Cecília que reitera o gesto, Adélia chama a atenção para o “conteúdo” das experiências relatadas: “*a Adriana falou da família, a Maria falou da família, o Gilberto falou da família, e eu fiquei pensando quão presente ficou, assim, essas histórias relacionadas a família*”. A participante parece sentir-se mobilizada a refletir e descrever a própria experiência com a sua família: “*é uma coisa que eu sinto muito*”. Nessa direção, retoma aspectos de sua história a partir da escuta que fez dos relatos, e parece ir encontrando significados que não estão prontos, e nesse sentido, não esgota sua reflexão. Nota-se que a participante não relata uma situação específica e situada, como é mais próprio do trabalho do GCSM, mas um horizonte de história e de sentidos.

Coordenador: Obrigado... muito bom... estamos no fim do nosso trabalho, como a Adélia dizia agora, no final... e outros também, “eu tô muito agradecido por ter conseguido comer junto”, diz a Cássia, por ter conseguido compartilhar o nosso estar vivo. Filhos que se descobrem filhos, mães que se descobrem mães, pais que se descobrem pais, pessoas que começam a descobrir o valor da própria identidade, netos que se descobrem netos, e por aí vai... São pessoas vivas, nós precisamos de pessoas vivas, por isso, agradecemos muito a generosidade de vocês de compartilhar a vida de vocês. Seguimos atentos às nossas experiências e continuamos o nosso trabalho na próxima terça-feira. Quem ainda não tem o programa de outros dias, horários dos outros grupos, site do grupo e outras informações, não esqueçam se esqueçam de pegar o folheto com essas informações.

O coordenador retoma a metáfora de Cássia, criada a partir da contribuição de Caetano, compreendida por ele como “*ter conseguido compartilhar o nosso estar vivo*”. Aqui, o “*estar vivo*” é significado em termos de momentos em que os participantes se dão conta de certa “descoberta”, realizada a partir do óbvio do cotidiano e das relações: “*filhos que se descobrem filhos, mães que se descobrem mães, pais que se descobrem pais, pessoas que começam a descobrir o valor da própria identidade, netos que se descobrem netos, e por aí vai*”. Parece retomar sua própria contribuição afirmando que “*são pessoas vivas, nós precisamos de pessoas vivas*”. A comunicação de encerramento do coordenador tem tom de gratidão às contribuições, compreendidas como um gesto de generosidade, bem como um convite para a continuidade do exercício de cuidado às experiências.

Anexo A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.



**Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Comitê de Ética em Pesquisa**

Campus de Ribeirão Preto

Of.CEtP/FFCLRP-USP/027-dgfs.

Ribeirão Preto, 03 de abril de 2018.

Prezado(a) Pesquisador(a),

Comunicamos a V. Sa. que o projeto de pesquisa intitulado **“Grupo Comunitário de Saúde Mental: um estudo fenomenológico das sessões grupais”** foi analisado *ad referendum* do Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP e enquadrado na categoria: **APROVADO** (CAAE n.º 78475717.5.0000.5407).

Solicitamos que eventuais modificações ou emendas ao projeto de pesquisa sejam apresentadas ao CEP, de forma sucinta, identificando a parte do projeto a ser modificada e suas justificativas. De acordo com a Resolução nº466 de 12/12/2012, devem ser entregues relatórios semestrais e, ao término do estudo, um relatório final sempre via Plataforma Brasil.

Atenciosamente,


Prof.ª Dr.ª Marina Rezende Bazon
 Coordenadora

Referendado pelo CEP-FFCLRP-USP
na 17.ª reunião realizada
em 26 / 04 / 2018


Prof.ª Dr.ª Marina Rezende Bazon
 Coordenadora do CEP-FFCLRP/USP

Ao(À) Senhor(a)
Ana Paula Craveiro Prado
Programa de Pós-graduação em Psicologia da FFCLRP/USP

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP USP
 Fone: (16) 3315-4811
 Avenida Bandeirantes, 3900 - bloco 01 - sala 7 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil
 Homepage: <http://www.ffclrp.usp.br> - e-mail: coetp@ffclrp.usp.br